

EVERNIGHT PUBLISHING®



Broken BASTARD

KILLER OF KINGS, BOOK 2

SAM CRESCENT
STACEY ESPINO





Broken BASTARD

Serie Killer of Kings

LIVRO 02

SAM CRESCENT
STACEY ESPINO

EQUIPE PL

Tradução: A. Domingos, Olís, Natalia P.

Revisão Inicial: Lita, Bía

Revisão Final: Sílvia Helena

Leitura Final: Sídneia

Verificação: Cris Peijel

Formatação: Lola

Verificação Final: Anna Azulzinha

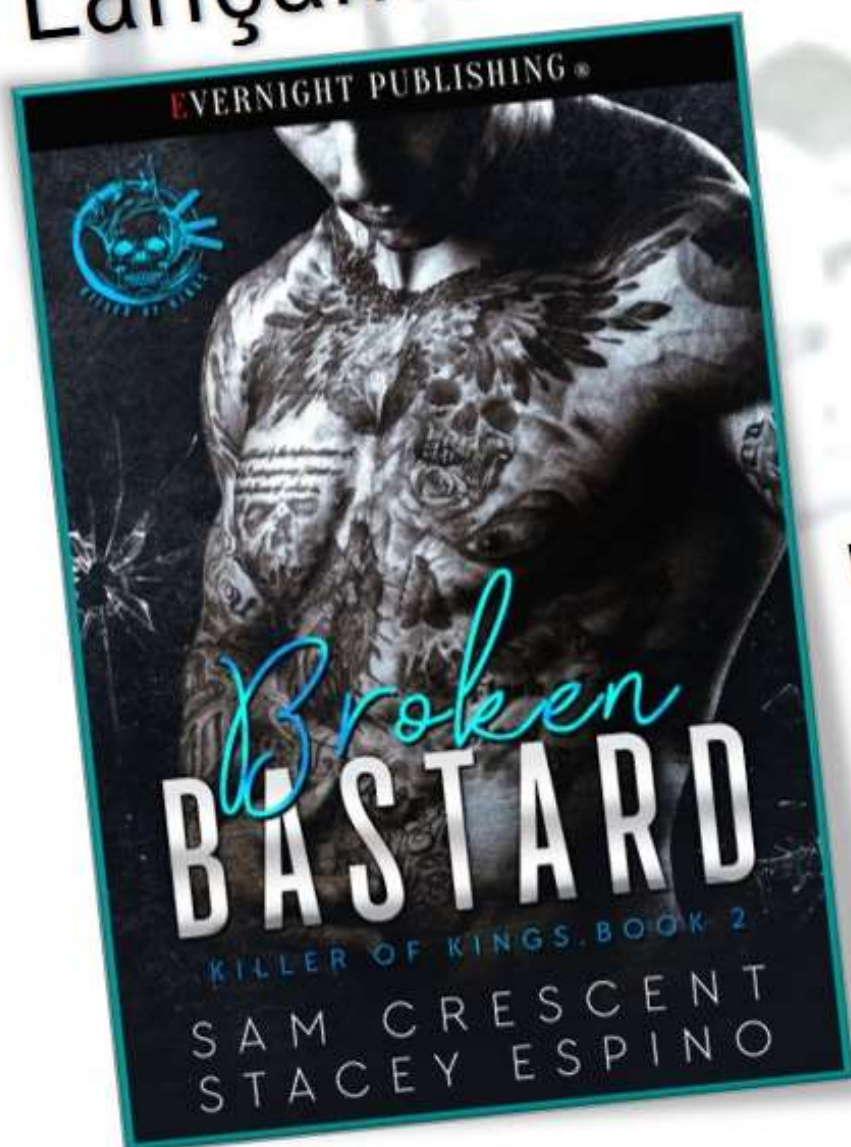


P L Série
APRESENTA

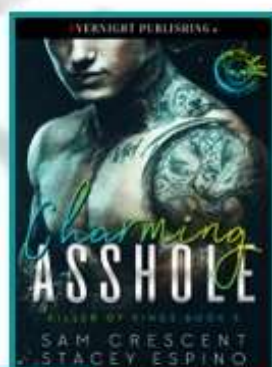
Killer of Kings

Lançamento

Distribuído



Em
Breve



SINOPSE

Sem piedade. Sem piedade. Sem mulheres.

Bain sempre trabalhou sozinho, negando-se a permitir que alguém fosse superior a ele. Sua vida era ruim o suficiente, e aprendeu que a confiança vem com um preço. Quando finalmente aceita o convite para trabalhar para Killer of Kings, lamenta a decisão depois do primeiro contato. Era para ser simples, agora há uma pequena tentação com curvas em seu sótão.

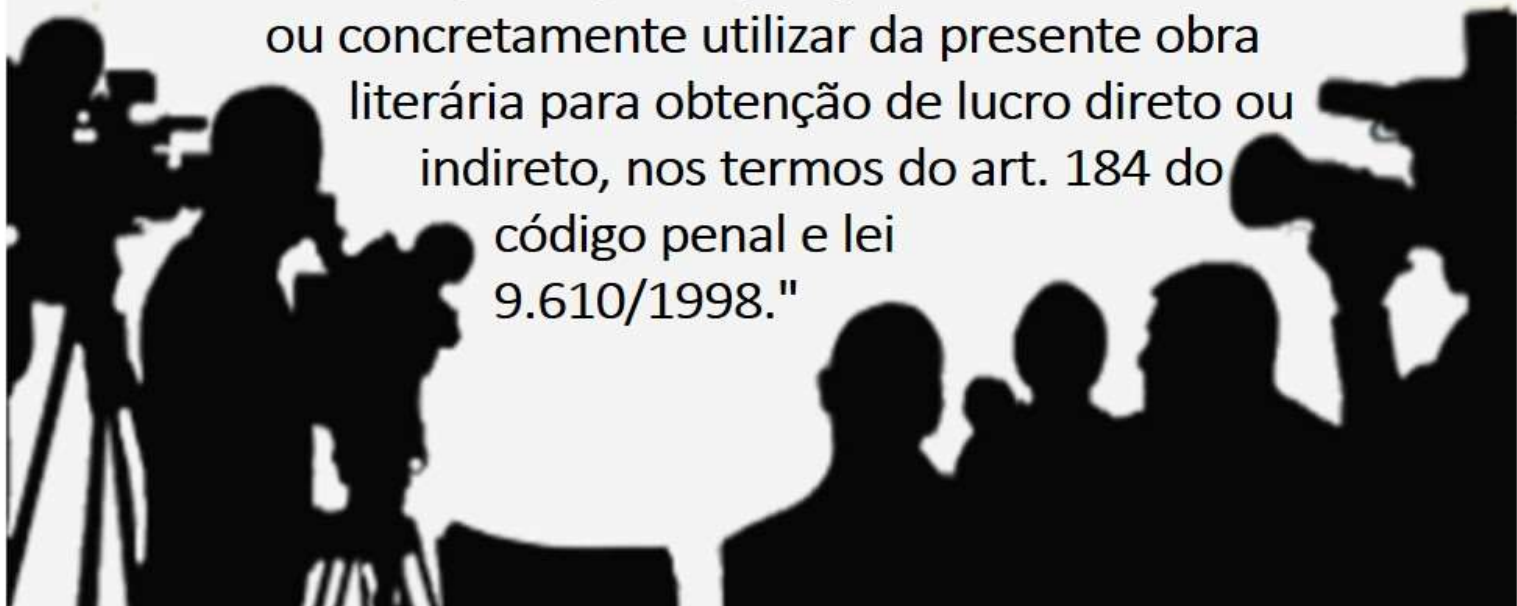
Scarlett luta para subir em uma carreira onde as aparências são tudo. Quando vai a uma entrevista arriscada com um chefe do crime conhecido, espera que esta seja sua grande oportunidade como repórter. Ao invés disso fica presa no meio de um assassinato e levada como refém pelo assassino contratado. Ela quer odiar o diabo tatuado, mas fica intrigada com sua história. É a repórter nela que quer saber mais... Ou a mulher que está se apaixonando por um homem quebrado?

“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.”



Favor não publicar nossos arquivos no
Facebook!

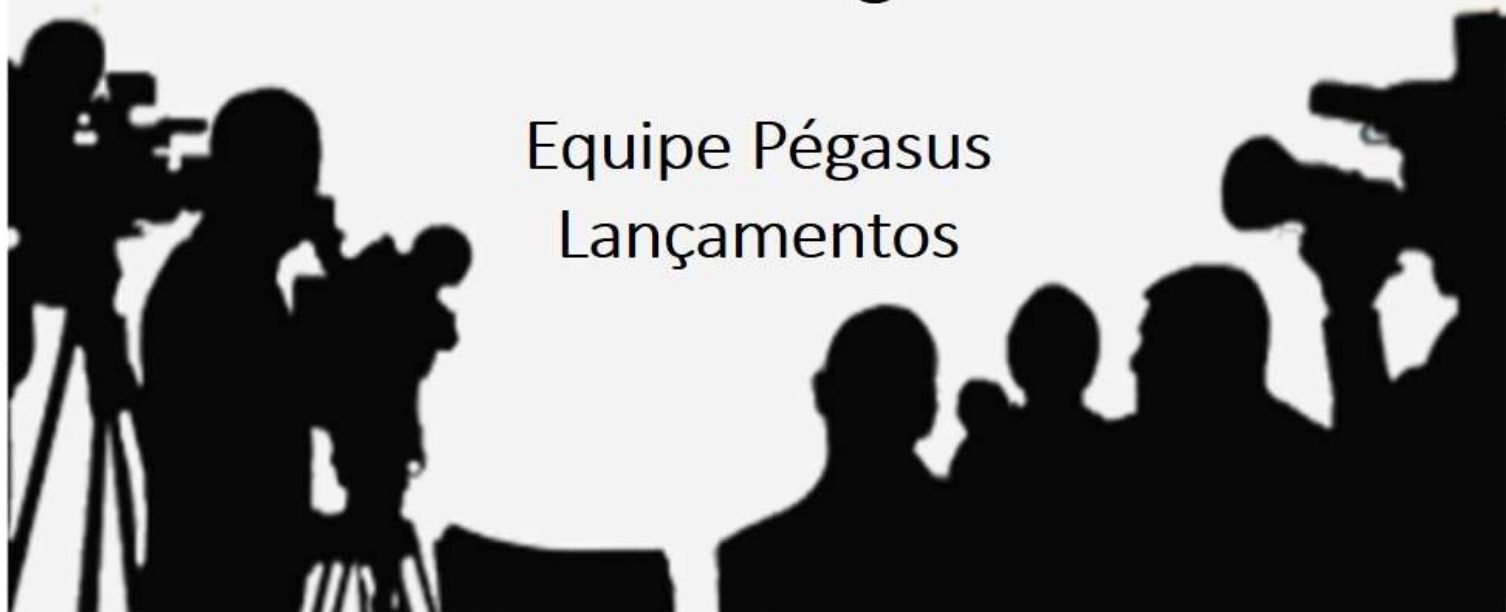
Se você viu algum livro do PL no face, sem a
nossa autorização, converse com a
moderação.

Se você gosta dos livros feitos pelo PL
ajude!!!

Quem gosta respeita nosso grupo!
Não publica diretamente no face, expondo
ao grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações
sobre as traduções do grupo!
Não gostou, leia o livro no
idioma original

Equipe Pégasus
Lançamentos





CAPÍTULO

UM

—Scarlett, você está falando sério? Não, eu sei que não está falando sério, porque se estivesse, estaria louca. —Disse Lisa.

—Eu não tenho escolha. Você ouviu Carter. Ele cortará vinte freelances apenas este ano —Scarlett colocou sua enorme bolsa sobre o ombro e pegou a pilha de pastas coloridas.

—Eu não posso perder este emprego.

—Tudo bem, eu entendo, mas isso é suicídio.

Scarlett revirou os olhos.

—Você está sendo dramática.

Ela caminhou para o elevador do escritório, sua amiga seguindo-a. Sua próxima entrevista podia ser pouco ortodoxa e teoricamente um pouco perigosa, mas tempos desesperados pediam medidas desesperadas. Estava nesta empresa a apenas há oito meses, oficialmente ainda em experiência, de modo que seria uma das primeiras que seu chefe cortaria. Scarlett era muito boa no que fazia. Um dia esperava



alcançar o nível de repórter, mas agora precisava entregar suas histórias para outra pessoa. A verdade era que o chefe pegava as histórias que pesquisava e entregava-as para outras garotas. Ainda assim, estava determinada a mostrar seu valor e quão valiosa poderia ser como uma repórter.

Não foi fácil conseguir um encontro pessoal com Alexei Semenov. Ele era um grande líder do crime, não o maior, mas ainda seria manchete. Seu chefe, Wilson Carter, reconheceu seu valor depois de fechar uma entrevista com alguém como Semenov. Scarlett estava cansada de implorar matérias e lutar apenas para manter o status atual. Queria fazer algo de sua carreira, sem mencionar que não tinha dinheiro suficiente para o aluguel do próximo mês.

—Você levará uma equipe de filmagem? —Perguntou Lisa, segurando a porta do elevador aberta com o quadril.

—Sim, como se isso fosse acontecer. Olha, ficarei bem. Prometo. Semenov quer retratar uma imagem favorável para a mídia, então estará no seu melhor comportamento.

Lisa suspirou.

—Você é impossível. Até amanhã, então? Trarei o café.

—Obrigada.

As portas começaram a se fechar e Scarlett observou sua amiga desaparecer de vista. Ela não iria admitir que seu coração estava tão acelerado como um trem de carga e suas mãos estavam úmidas. Se não estivesse em uma situação tão terrível, de forma alguma iria ao encontro de um dos homens



mais odiados da cidade. O homem era um mafioso russo e ela não tinha um parceiro, equipe de câmera... Nada.

Quarenta minutos depois, ela parou o *Kia Rio* na frente de um conjunto de portões de ferro maciço. Checou novamente o endereço que rabiscou em um pedaço de papel, mas este era definitivamente o lugar. Os portões começaram a se abrir, movendo-se para dentro, então continuou dirigindo pelo longo caminho. Admirou os jardins bem cuidados, as fontes de água e a arquitetura do velho mundo da mansão que ia aparecendo.

Ela respirou fundo quando estacionou o carro.

—Você *pode fazer isso, Scarlett.*

O céu começava a se transformar em uma mistura de laranja e rosa, sinalizando que o pôr do sol estava se aproximando rapidamente. Ela não gostava de se encontrar à noite com ninguém, mas não conseguia sair do trabalho cedo e o Sr. Semenov insistiu que se encontrassem às oito horas em ponto.

Scarlett tirou todo o equipamento do lado do passageiro. Tinha levado a câmera de vídeo modelo antigo com tripé, gravadores de voz, papéis e seu laptop. Isso era um grande negócio, então usava sua melhor roupa, reservada apenas para as ocasiões mais importantes. A saia e a jaqueta cor de vinho faziam um ótimo trabalho em esconder suas curvas. Seu peso extra era apenas outro motivo pelo qual precisava desse trabalho. Wilson Carter apenas mantinha as garotas jovens e magras na frente da câmera, o mesmo acontecia com



as garotas das notícias e da meteorologia de sua rede de TV a cabo.

Enquanto subia a escada de pedra em direção às portas de entrada da casa observou os seguranças de Alexei Semenov. Segurou a respiração quando eles se aproximaram dela.

—Eu tenho um compromisso às oito horas para uma entrevista. —Disse ela antes de perguntarem. Scarlett respirou fundo depois de falar. Os três homens não sorriram, seus rostos solenes enquanto olhavam para ela com malícia o suficiente para fazê-la questionar sua decisão de ir ali. Um dos homens tirou as malas dela e começou a vasculhá-las, enquanto outro a avaliava como se fosse um criminoso comum.

—O Sr. Semenov irá recebê-la na sala de estar. —Em seguida, ele abriu a porta e fez sinal para que eu entrasse. O foyer era maior do que meu apartamento inteiro, com tetos altos e brilhantes pisos brancos de mármore. Havia obras de arte o suficiente e esculturas de pedra para encher um pequeno museu. Ela caminhou para frente, em completo espanto. Nenhum repórter passou por essas portas, então era uma das poucas privilegiadas a ver o interior da mansão Semenov. Provavelmente ajudasse o fato de não ser uma repórter e não ter nenhuma menção a ela em nenhum dos artigos que escreveu, nem mesmo como pesquisadora. Não era ninguém, porém estava lutando para ser alguém.

—Sente-se aqui. —Disse outro homem, apontando para



um dos sofás.

—Ele estará com você em breve.

Ela assentiu com a cabeça e sentou-se, descansando suas malas em seus pés. Em poucos minutos ficou sozinha na sala de estar. O lugar era mais silencioso do que um mausoléu. Scarlett bateu o pé, sua energia nervosa não diminuindo. As portas de um escritório estavam parcialmente abertas à sua frente, o brilho de uma luminária de mesa chamando sua atenção. Deveria tirar algumas fotos? Não queria fazer nada que pudesse causar problemas, então não arriscaria. Em vez disso, começou a prender o tripé à velha câmera de vídeo se preparando para a entrevista. Depois deste dia, talvez confiassem nela com o equipamento mais novo.

Faltando apenas alguns minutos para as oito, dois homens de terno correram pelo corredor, segurando pistolas. Ela ofegou e congelou. Ouviu uma comoção do lado de fora, então um tiro quebrou um grande vaso de barro, os cacos caindo sobre o mármore. Scarlett caiu de joelhos e se arrastou até o final do sofá para se esconder.

—*Oh Deus, por que não ouvi Lisa?*

As portas do escritório se abriram e um homem enorme de terno azul-marinho parou na entrada com arma automática nas duas mãos. Ele parecia o maldito *Exterminador*. Ela ouviu homens diferentes gritando em russo, mas não conseguiu entender uma palavra. O homem grande nem deu um passo antes de cair no chão depois de



outro tiro ser disparado, o som ecoando na enorme sala de estar. Então ela o viu, Alexei Semenov, vindo da grande mesa de carvalho do escritório. Scarlett reconheceu-o imediatamente. Seu rosto severo e enrugado estava sempre estampado no noticiário.

—*Que porra está acontecendo?*

Alexei falou em um tom frio e arrogante, em sua própria língua. Com quem ele estava falando? Então um homem diferente vestido de preto caminhou em direção ao escritório. Ele veio do nada, como um fantasma. Ela notou que a mão que segurava sua arma estava coberta de tinta. Na verdade, as tatuagens ainda apareciam do alto de sua gola, subindo pelo pescoço. Parecia uma força, a morte personificada. Os dois homens conversaram brevemente, uma troca calma e então viu o homem tatuado colocar uma única bala entre os olhos de Alexei. Tudo pareceu acontecer em câmera lenta, o tiro, o jato de sangue e o corpo sem vida caindo no chão.

Scarlett soltou um grito, mas rapidamente cobriu a boca com as duas mãos. Era tarde demais. O assassino virou a cabeça e olhou diretamente para ela agachada no final do sofá.

Ele amaldiçoou, colocando sua arma no coldre e aproximou-se dela. Gritou novamente, caindo de bunda.

—Cale a boca. —Disse ele, puxando-a para seus pés.

—Eu sou inocente. Por favor, não me machuque...

Ele notou a câmera de vídeo no sofá e a desligou. Com



um impulso poderoso, esmagou-a contra o chão de pedra e destruiu.

—Você é uma de suas prostitutas?

Ela lutou para falar, com a língua completamente presa, então balançou a cabeça. Rosnou, olhando para o teto da sala antes de segurar sua jaqueta e puxá-la junto com ele. Eles acabaram em uma pequena sala sem janelas com equipamento de vigilância de parede a parede. Provavelmente todos os cômodos da casa estavam sendo filmados nos pequenos televisores, incluindo todos os ângulos da propriedade. Ele tirou algo da jaqueta, batendo na mesa. Curvou-se, mas ela não conseguia enxergar além da estrutura maciça dele. Quando se levantou, viu o dispositivo explosivo com um temporizador. Quarenta e cinco segundos e contando.

Ela olhou com a boca aberta. Estava sonhando? Não, isso era definitivamente um pesadelo, um do qual desejava poder acordar. Coisas assim não aconteciam com mulheres como ela. Scarlett podia imaginar as manchetes: solteirona de trinta e seis anos morre de forma sinistra, sem deixar nada ou alguém. Deus, que patético. Quase começou a chorar pensando em toda a vida que desperdiçou. Pelo menos alguém em seu escritório teria uma manchete dessa bagunça, mas certamente não seria ela.

Antes que ela pudesse reagir, ele a puxou pelo corredor, disparando em todo o homem que entrava em seu campo de visão com a pistola na mão livre. Quando chegaram à



garagem, a bomba explodiu na sala de vigilância, o chão tremendo sob seus pés. Ela se debateu, mas ele tinha um punho de ferro em seu braço. Quando viu seu carro de merda, se perguntou se poderia se libertar tempo suficiente para correr. Então se lembrou de que suas chaves estavam na bolsa, ainda na sala de estar.

—Por favor, deixe-me...

—Não fale porra. —Disse com uma voz profunda e autoritária. Ele abriu o porta-malas de um BMW preto e empurrou-a para dentro. Ela gritou e chutou, mas ele apenas bateu o tronco sobre ela, cobrindo-a na escuridão.



—*Porra! Porra!*

Este foi o primeiro contrato oficial de trabalho de Bain para *Killer of Kings* e queria provar ser um ativo valioso. Conhecia as regras: nenhuma testemunha e um golpe limpo, nada incomum de seu outro trabalho. Bain queria mandar a mulher em seu porta-malas direto para o inferno, mas ela não parecia pertencer à casa de Semenov. Policiais não davam a mínima para criminosos mortos, mas uma vítima inocente levaria a investigações e reportagens. Se voltasse para Boss sem que sua missão estivesse limpa, poderia parecer um amador.

Assim, sua testemunha desapareceria sem deixar vestígios e nada seria ligado a ele ou ao assassinato de



Semenov. Ainda não tinha certeza de que porra faria com ela, mas descobriria isso depois. Matar era o que fazia melhor e já lidou com complicações piores. Bain dirigiu alguns quilômetros pela estrada e saiu para remover as placas magnéticas falsas. Abriu o porta-malas para jogá-las dentro, ignorando sua carga humana. Ela ofegou quando o viu, embora sem postes neste trecho da estrada, ele seria uma sombra escura. Não que importasse se o visse claramente, porque não a deixaria viver.

—Eu farei qualquer coisa. Por favor, deixe-me ir. Eu prometo que não direi nada.

Ela definitivamente não era uma das garotas de Semenov. Bain esteve analisando suas interações e rotinas na semana anterior e o velho bastardo preferia que suas cadelas fossem magras e altamente maquiadas. Sua testemunha tinha curvas grossas e nem um pouco de maquiagem, definitivamente não do tipo de Semenov. Ele não tinha certeza do que ela estava fazendo lá, talvez uma entrevista para esfregar os banheiros ou alguma outra merda doméstica. Então se lembrou da câmera.

—Por que você estava na casa de Alexei Semenov?

—Eu estava apenas em um trabalho, quer dizer, estava fazendo uma entrevista... Bem, faria uma entrevista. —Ela gaguejou.

—Sou uma repórter. Bem, sou uma pesquisadora tentando ser uma repórter. E juro que não sei nada sobre ele,



você ou qualquer coisa sobre o que aconteceu.

Maldita sorte. Uma repórter, pesquisadora, seja lá o que isso significasse.

—Quem sabe que você estava lá?

—Ninguém.

Ele não acreditava em uma palavra que ela dizia. Por tudo que sabia, haveria um frenesi na mídia amanhã. Teria que manter a calma até que as coisas esfriassem. Uma vez que tivesse certeza de que seu desaparecimento não seria um problema, poderia acabar com ela e queimar os restos no lixo.

—Você deveria ter ficado em casa. —Ele trancou-a de volta no porta-malas.

Bain tinha uma casa na área rural fora da cidade. Ele não gostava de ruído, pessoas ou distrações. Valorizava sua privacidade.

Depois que seu contrato com Bernard Sutherland deu errado, Boss apareceu na casa de Bain sem ser convidado. Ele não tinha certeza de como ele conseguiu seu endereço. Bain se recusou a trabalhar para *Killer of Kings* quando Viper se uniu a eles, não se sentindo confortável sob o controle de ninguém. Mas Boss não estava pronto para desistir, oferecendo-lhe uma quantidade de dinheiro que não poderia recusar.

Ninguém aparecia para fazer uma visita. Os vendedores eram recebidos com uma espingarda e logo ninguém se



atreveu a colocar os pés em sua propriedade. Sua casa não era luxuosa. Era uma maldita casa de campo antiga que foi abandonada e vendida. Ele gostava que fosse isolada, em uma área aberta e cercada por um bosque. Não havia como viver em um apartamento apertado ou em casas geminadas. O confinamento da vida na cidade não lhe convinha.

Ele abriu a porta da frente e desativou seu sistema de segurança. Custou mais do que a maldita casa. Bain deixou cair a mochila na mesa da cozinha e abriu o zíper. Apenas usou suas armas, então não demoraria muito para limpá-las. Todas as armas eram bem mantidas, limpas, lubrificadas e testadas com precisão. Este contrato foi mais fácil do que esperava. Dinheiro fácil sempre era uma coisa boa. Então se lembrou da mulher no porta-malas e seu humor azedou.

Bain bateu com o punho na mesa, as armas tinindo na bolsa. Apenas pensar nela o irritava. Odiava complicações.

Ele tirou a jaqueta, depois pegou um saco de lixo preto do armário e voltou para o carro. Havia poucas estrelas no céu, a escuridão só reduziu quando a luz no porta-malas se acendeu. Olhou para a mulher. Suor grudou o cabelo dela na bochecha e até mesmo a iluminação mínima a fez apertar os olhos. Ela segurou os antebraços na frente de seu rosto em uma postura defensiva.

Bain empurrou o saco por cima da sua cabeça e tirou-a do porta-malas.

—Ande. Se você tentar algo estúpido, eu a matarei.



Ela ficou quieta enquanto a levava para sua casa. Esta era a primeira mulher a entrar ali. Quando fodia por aí, fazia isso em qualquer outro lugar. Essas ocasiões eram poucas e distantes entre si. Foi criado em um inferno, forçado a seduzir, foder mulheres ricas e mais velhas para que seus captores pudessem suborná-las ou se aproximar do dinheiro de seus maridos. Sexo se tornou algo que ele odiava, era uma punição. Preferia as surras brutais, do que as noites em camas estranhas, sabendo que muitas vezes precisava matar as mulheres que era forçado a enganar.

Uma vez lá dentro, trancou a porta e levou-a para o porão. Ele nunca descia lá, mas não manteria essa cadela sob os pés, então seria sua casa até que decidisse o contrário. Bain odiava as mulheres, mas isso não era verdade, ele odiava todo mundo. O mundo inteiro estava contra ele e até Deus o abandonou há muito tempo.

A escada de madeira que levava ao porão era frágil e cada passo pontuado por um gemido ou rangido. Havia apenas uma lâmpada balançando no teto, mal iluminando o espaço úmido. Uma vez que pisaram no chão de concreto, puxou o saco de lixo de sua cabeça e jogou-o de lado. Ela ofegou por ar, afastando o cabelo do rosto. Seus olhos estavam selvagens e cheios de pânico, um olhar que viu muitas vezes.

—Onde estamos? —Ela sussurrou.

—É o seu destino final. Sem ressentimentos, mas porra, você estava no lugar errado na hora errada.



Ela abraçou-se.

—O que você fará comigo?

—Relaxe. Não irei estuprá-la —Disse ele sentindo-se insultado. Bain poderia ter qualquer boceta que quisesse. Não precisava sequestrar mulheres apenas para transar.

— Por favor, deixe-me ir.

—Isso não acontecerá. —Ele puxou uma velha cadeira de madeira da escuridão e colocou-a contra a parede.

—Fique quieta aqui embaixo. Se me irritar, não irá comer.

—Mas...

—Acho que você não entendeu como isso funciona. É muito simples. Faça o que eu digo ou as coisas irão mal para você. Comporte-se e terá comida, também poderá ir ao banheiro.

Ele queria voltar para o andar de cima, a umidade já estava rastejando ao longo de sua pele. Havia algumas informações que precisava da mulher, como o seu nome, história familiar, descrição básica. Isso o ajudaria a ficar de olho nos noticiários e a cavar mais fundo se precisasse.

Bain pegou uma mecha de cabelo que escapou de seu coque solto e o sentiu entre os dedos. Então inclinou seu queixo para cima e deu uma boa olhada nela, cabelos castanhos e olhos verdes.

—Qual o seu nome?



—Scarlett.

—Scarlett do que?

—Scarlett Meyers.

—É casada? Tem filhos?

Ela balançou a cabeça.

—Seus pais trabalham para o governo?

Scarlett estreitou os olhos.

—Não, por que isso importa? Eu não sou ninguém. Não sou uma ameaça para você ou para alguém.

Ele colocou um dedo nos lábios.

—Para quem eles trabalham?

—Eu não sei.

Bain agarrou sua jaqueta e deu um rápido puxão.

—Ei, eu te fiz uma pergunta, porra.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

—Eu não sei! Meu pai foi embora quando eu tinha seis anos e não falo com minha mãe há anos.

Bom. Quanto menos pessoas a procurarem, melhor. Ele pressionou o ombro dela para baixo para sentá-la na cadeira, em seguida, agachou e acariciou seus quadris, procurando por bolsos.

—Tem alguma arma em você?

—Não.

Seu celular tocou e então ele se levantou e afastou-se



dela.

—Você fez o trabalho? —Perguntou Boss.

—Eu sempre faço o trabalho.

—Isto é o que gosto de ouvir. Eu tenho outro contrato para você. Interessado?

Matar era tudo o que ele sabia. Desde a fase de planejamento, vigilância, até o gatilho, tudo era como uma corrida. Algo sombrio residia nele, desde que conseguia se lembrar e parecia que seu trabalho como mercenário era a única coisa que o mantinha saciado.

—Claro, por que não?

—Excelente. Agora que Viper se aposentou, preciso de um homem bom. Você pode ir longe com *Killer of Kings*, Bain.

Bain não estava preocupado com o próximo pagamento ou a manutenção de um estilo de vida luxuoso. Sua vida era sem frescura. Ele também tinha tanto dinheiro que já estava preparado para a vida. Fazia seu trabalho porque era o que precisava fazer.

—Ajude-me!

Ele se virou. A pequena cadela tinha coragem. Bain olhou para ela, seu maxilar se contraindo com a raiva crescente.

—Quem é? —Perguntou Boss.

—Não se preocupe com ela. Você não é o único para quem trabalho. —Disse ele, desdenhoso.



—Envie por mensagem os detalhes. Estarei ocupado por um tempo. —Ele colocou o telefone no bolso e cruzou os braços sobre o peito. Havia tantas coisas más que poderia fazer com Scarlett para fazê-la pagar por sua desobediência. Torturou alguns, mas a maioria do que sabia vinha de sua experiência pessoal. Agora, tudo com o que se importava era garantir que ficasse quieta enquanto estivesse fora em seu próximo contrato. Com sua sorte, alguém passaria pela porta da frente e a ouviria gritando.

—Você foi uma menina má, Scarlett.

Ela o olhou, seus grandes olhos verdes percorrendo seu corpo. Ele olhou para si mesmo. Ao longo dos anos, fez tantas tatuagens que não havia muita pele intocada. Era uma necessidade, sua maneira de encobrir o passado, uma tentativa de se transformar em algo novo. Nunca foi o suficiente, as cicatrizes e lembranças continuavam o assombrando.

—O que você acha que deveria fazer com você por esse pequeno golpe?

Sua boca se abriu e fechou.

—Eu não quis dizer isso.

—Claro que quis. Você está tentando salvar a si mesma, mas o que não percebe é que não há fuga. Ninguém sabe onde está e ao que parece ninguém dá a mínima.

—Você nunca me deixará ir?

—Agora sim está entendendo. Mas até que eu possa



confiar em você, tenho certeza que entende por que preciso usar isso. —Ele tirou uma mordaça preta do bolso de trás, acenando na frente dela, então fez sinal para que subisse a escada. Não havia como ficar de pé no porão de merda para checá-la a todo o momento. O espaço úmido era pior do que se lembrava, então ele a manteria ao alcance do braço por enquanto.

Quando chegaram ao topo da escada, ela fez uma pausa.





CAPÍTULO

DOIS

Scarlett tentou correr, mas a pegou passando o braço ao redor dela e puxando-a contra ele. Ela lutou muito. Lutar com ele era inútil, mas não podia parar. Precisava ficar longe deste monstro para sobreviver. Sua vida era miserável, mas não queria morrer. Havia tanta coisa que ainda não fez e muito pelo que viver.

Até mesmo por sua triste vida amorosa valeria a pena lutar, verdade?

—Pare porra!

—Deixe-me paz.

—Eu disse para ficar em silêncio e não quis ouvir, então agora ficará quieta.

No momento em que a mordaca cobriu sua boca, suas costas ficaram pressionadas contra ele e durante sua pequena briga, ele de alguma forma agarrou seu seio, usando-o como algo para segurar. Ela não soube exatamente o que aconteceu em seguida, apenas congelou.

Ele ficou parado atrás dela e tudo o que ouvia era o som



de sua respiração.

—Certo. —Ele disse.

—Assim é melhor. Todos em silêncio agora, exatamente como eu gosto. —Soltou seu seio e sentou-a em uma cadeira. Qualquer chance de escapar foi perdida quando a amarrou, colocando uma corda firmemente ao redor de sua cintura.

Uma vez que ficou presa à cadeira, ele bateu palmas uma vez e ela viu quando caminhou até a geladeira e começou a preparar algo para comer.

—Matar me deixa com fome. E você?

Ela olhou para ele, incapaz de responder.

—Apenas para você saber, meu nome é Bain. —Disse ele e ela viu quando pegou duas fatias de pão, espalhando manteiga de amendoim em uma fatia e na outra algum tipo de queijo cremoso. Que combinação nojenta.

As lágrimas encheram seus olhos quando ele levantou uma arma e fez um estranho jogo de ida e volta com ela. Brincava com suas armas e logo iria matá-la.

Colocando as duas fatias de pão juntas, ele contornou o balcão para ficar na frente dela. Ela não queria, mas acabou olhando para sua virilha. Por que estava olhando para o pau deste homem? Era completamente insano e não precisava disso agora. A história que contaria já virou fumaça. Sua vida foi arruinada e ninguém iria contratá-la. Atingiu seu limite.

Bain segurou seu queixo e inclinou a cabeça para trás.



—Por que você está chorando?

Ela balançou a cabeça. Não iria lutar com a maldita coisa em sua boca para dizer a esse bruto exatamente o que havia de errado com ela. Uma vez que ele descobrisse que mentiu e alguém sabia exatamente onde estava, Lisa morreria. Merda. Tudo o que queria era manter o emprego e mostrar que não era apenas uma pesquisadora, mas uma repórter de verdade. Ela perdeu a conta do número de vezes que suas ideias foram tomadas por outras mulheres.

Toda vez que via sua história no noticiário, sabia que foi dada a outra pessoa apenas porque ela não era jovem o suficiente, bonita ou magra o suficiente. A mídia era um lugar instável, você se encaixava em certa imagem ou trabalhava fora de vista em uma mesa de merda. Ela lutava há muito tempo.

Sabia o que era necessário para ganhar a vida e sabia como fazer seu maldito trabalho.

Ele pegou a mordaca que estava em sua boca e puxou-a.

—Eu estou falando com você.

—Por que eu deveria responder às suas perguntas? Você não passa de um assassino.

Ela ficou tensa esperando que ele a machucasse, mas apenas inclinou a cabeça para o lado, depois se sentou comendo seu sanduíche.

—Você não é alguém que eu iria imaginar como repórter.

Scarlett não disse nada, tentando lidar com qualquer



insulto que viria.

—Você é linda. —Disse e isso a fez olhar para ele. Ninguém nunca a chamou de bonita antes. Aos trinta e seis anos, às vezes um namorado dizia que era bonita ou que estava bem. Sim, a soma total de seus elogios era que estava bem. Podia viver com isso no entanto. Olhar para este homem, este assassino, enquanto dizia a ela que era linda parecia um absurdo.

—O que você estava fazendo na casa de Alexei Semenov?

—Eu já disse. Sou uma pesquisadora, quer dizer... Repórter.

Bain olhou para ela, dando outra mordida em seu sanduíche enquanto a observava.

—Por que ele?

Ela lambeu os lábios e olhou além do ombro dele. As lágrimas que estava mantendo à distância por tanto tempo finalmente chegaram e caíram por suas bochechas.

—Eles estão fazendo cortes no trabalho. Não estou ficando mais jovem e sabemos que Alexei Semenov é um criminoso. Queria entrevistá-lo. Ninguém ousaria marcar uma entrevista. Não apenas fiz isso, mas realmente me sentei com ele. Era uma chance de uma vida inteira.

—Você sabe que ele nunca teria permitido uma má palavra sair sobre ele.

—Por que o matou? —Perguntou ela.



—Simples. Ele tinha problemas com alguém e sou conhecido por cuidar disso.

—Ugh, você deveria me matar agora. Não há como conseguir outro emprego.

Ele riu.

—Você é engraçada.

—Ótimo. Agora estou entretendo um psicopata. Este dia não poderia ficar pior.

—O que é engraçado é você pensar que pode ir longe. Eu tenho notícias princesa. Não sairá desse lugar viva, então pode me dar uma razão para mantê-la viva ou morrerá muito em breve.

Estava apavorada. A maneira tranquila como ele falava sobre sua sentença de morte, ninguém deveria ser capaz de fazer isso e, no entanto parecer tão calmo e tão mortal, era errado.

—Você realmente vai me matar?

—Sim, provavelmente. Depende de quem mais terei que matar. Acho que você é uma mulher inteligente, Scarlett. Algo me diz que não é estúpida o suficiente para ir à casa de um criminoso conhecido sem dizer alguma coisa a alguém.

Ela manteve seus pensamentos para si mesma, rezando para que Lisa simplesmente se esquecesse dela. Pensou que estivesse sendo inteligente e apenas agora viu o erro que cometeu. Agora lamentava.



Bain terminou seu sanduíche e levantou-se.

—Você gosta de manteiga de amendoim?

—O que?

—Manteiga de amendoim? Você gosta? Isso é tudo o que receberá.

—Pensei que não tivesse permissão para comer. —Disse ela.

Ele olhou para ela.

—Você quer a porra da comida ou não?

—Sim, eu gosto de manteiga de amendoim. —Para sua vergonha, seu estômago começou a roncar e Bain sorriu.

— Eu me lembro desse sentimento muito bem —Disse ele.

—Que sentimento? —Ela não pode deixar de responder à pergunta. Depois de tudo que passou neste dia, realmente Estava lutando para acompanhar o que estava acontecendo.

Sua vida passou de pânico para medo, para uma possível morte.

Ela com certeza ficaria mais feliz em preocupar-se com manter seu trabalho do que em estar viva no dia seguinte.

—Fome. É um sentimento que eu conheço muito bem.

—Você está com fome? —Ela perguntou. O homem não parecia desnutrido no mínimo.

—Era parte de ser disciplinado. Eu não tinha permissão



para comer até ganhar esse direito. —Ele colocou os sanduíches em toalhas de papel. Ofegou quando puxou uma faca e cortou a corda prendendo suas mãos.

—Coma. —Ele guardou a faca e sentou-se em frente a ela. Ainda estava presa na cadeira sem conseguir escapar. Ele simplesmente a observou enquanto comia e se perguntou o que estava pensando.

Ela pegou o sanduíche e mordeu.

—Você passou fome? Isso foi no exército?

Ele zombou.

—Não. Eu não passei pelo exército. Fui treinado por bastardos sádicos quando era criança. Tudo precisava ser conquistado e não importa o quanto estivéssemos desesperados por comida ou água, precisávamos aprender a ficar sem. Era uma vida difícil.

Scarlett olhou para ele, incapaz de acreditar que algo assim poderia acontecer.

—Por que está me contando isso?

—Vamos ser sinceros Scarlett, você morrerá. Estou apenas esperando para ver se há outra pessoa que preciso matar. Agora podemos tornar suas horas finais agradáveis ou ruins. É inteiramente com você.

Ela engoliu o nó na garganta. Viveu uma vida terrível, agora que pensava nisso. Seus namorados foram cruéis, francamente prejudiciais e abusivos. Além disso, teve pais que não a amavam e um trabalho que roubava suas ideias.



Sim, poderia se ver chegando ao fim e era estranho que realmente olhasse para frente.

Não!

Ela não queria morrer. Queria viver.

Tudo o que passou nos últimos trinta e seis anos estava começando a chegar a ela e não pode suportar.

Comendo outro pedaço de sanduíche, ela se recusava a ceder e desistir. Era muito mais forte do que isso e lutaria contra esse sentimento que a consumia.

—Olha. —Disse Bain, sorrindo.

—Há uma lutadora dentro de você depois de tudo. Estava começando a me perguntar para onde sua espinha dorsal se foi.

—Foda-se. —Ela olhou para ele, preparada para lutar.

—Eu não vou a lugar nenhum querida, e agora você está me excitando para caralho.

Ela não esperava isso, especialmente quando ele tocou seu pau, que era facilmente visto pressionado contra sua calça.

Isso era insano. Não queria notar a ereção dele. A coisa era que Bain nem chegou a tocá-la. Ele soltou seu pau e continuou a comer seu sanduíche como se nada estivesse acontecendo. Ela o observou, um pouco surpresa.

—Se você está pensando que irei estuprá-la, você está errada. Não a machucarei.



—Vai apenas me matar?

—Exatamente, nada de errado com isso. Estou sendo honesto. —Ele encolheu os ombros.

—Se me divertir, poderei mantê-la por perto um pouco mais. —Seu sangue gelou. Ela precisava ter esperança de que poderia passar por isso.

Talvez, se ela sáisse dali viva ele seria uma história melhor do que Alexei Semenov.



Bain fodeu em grande estilo. Ele sabia disso e até agora Boss não descobriu, mas não sabia por que se importava. Na verdade, era mentira, sabia por que se importava. Viper foi quem realmente deu boas informações sobre ele. Matar era o que sabia fazer e Viper cobriu suas costas. Ambos estiveram naquela merda que chamaram de lar quando criança. Bain nem sabia mais como descrevê-lo.

Olhando para a pequena repórter sexy, ele sabia que sua mente estava funcionando. Se ela não poderia ter Alexei Semenov, então por que não ele, o assassino? Sua história foderia totalmente as pessoas e estava acostumado com essa merda.

Agora, não queria matá-la. Não apenas por causa do fato de que poderia garantir que houvesse alguém lá fora que



sabia sobre ela, mas também porque gostava de olhá-la. O monstro dentro dele pareceu se acalmar. Viu o alarme em seus olhos quando segurou seu pau e mesmo que estivesse duro, não iria forçá-la. Tinha muito controle. Não fazia nada que não quisesse. Seu pau era seu e foi desde que matou as pessoas que o fizeram fazer merda que não queria.

Ela terminou o sanduíche e ele foi fazer outro. Matar sempre despertava seu apetite e não confiava em ninguém para fazer sua comida, então os sanduíches eram a única solução. A cozinha estava totalmente mobiliada com equipamentos modernos, mas não teve tempo para aprender a cozinhar. Era capaz de fazer macarrão e isso foi o mais longe que estava disposto a ir. Frutas, chocolate, doces e sanduíches eram o que comia na maior parte do tempo.

—Você sempre matou pessoas para viver?

Lá estava sua pequena repórter brilhando. Ele sorriu e acenou com a cabeça.

—Sim, sempre. É algo para o qual fui treinado desde cedo.

Seu rosto empalideceu.

—Quão jovem?

—Jovem o suficiente para esquecer os pais que talvez me amaram, ou não. Eu não sei. Fui levado da rua onde morava. Não me lembro de tudo na verdade. Tinha cerca de dez anos, não tenho certeza. E nem tenho a menor ideia de quantos anos eu tenho. —Ele encolheu os ombros.



—Estou bem com isso. Deduzo qual minha idade e pronto.

Seu longo cabelo castanho saiu do coque no qual estava preso. Observou enquanto ela passava os dedos por eles. A cor brilhante parecia suave como seda. Seus olhos verdes nunca o deixaram. Ele entregou-lhe outro sanduíche. Conversar com ela era divertido, mesmo que fosse totalmente fora do personagem. Bain já sabia que Boss provavelmente estava passando por cada centímetro da casa de Alexei Semenov para ver quem gritou "ajude-me". Sua vida ficaria fodida rapidamente, mas primeiro conversaria com ela.

Bain era um assassino frio e duro que matou inúmeros homens e mulheres ao longo dos anos e antes disso, crianças. Ignorou estas lembranças, porque não conseguia lidar com isso. Sua vida começou no momento em que ficou livre e quando matou todas aquelas pessoas que o sequestraram.

—Eu posso ver que você tem muitas perguntas e por algum motivo estranho e bizarro realmente quero conversar com você. Eu sei, é um choque, mas a mantereí viva tempo suficiente para contar a minha história. É melhor esperar que, quando terminar, eu goste muito de você.

Ela estava mordendo seu sanduíche, seu olhar hesitou e então seu celular tocou. Ele continuou comendo, observando-a.

—Posso negociar com você? —Ela perguntou.



—Depende com o que você quer negociar. —Ele olhou para suas curvas e soube sem sombra de dúvida que ela se ajustaria perfeitamente contra ele. O problema era que nunca aceitaria o corpo de uma mulher como moeda de barganha. Foi forçado a fazer isso no passado, ouvir as mulheres gritarem quando fazia o que precisava ser feito para sobreviver.

Nos últimos vinte e tantos anos desde sua fuga, vasculhou as ruas à noite para fazer alguma coisa. Muitas vezes passou por um beco aleatório para ouvir uma mulher implorar para um homem parar. Bain os fez parar. Houve alguns homens que matou no local, especialmente se eles o lembrassem de alguém do seu passado.

—Eu quero ouvir o que você tem a dizer. Posso ver que realmente quer falar. Mas não tenho nada para oferecer.

—Você não se dá crédito suficiente. Tem um corpo que é puro paraíso, mas sabe de uma coisa, vamos conversar sobre o que quer conversar. Eu gosto disso. Acho que se há alguém a quem eu gostaria de contar minha história, esta pessoa é você.

Ela lambeu os lábios e ele viu que a deixava nervosa. Bom. Não queria que ela pensasse por um segundo que isso fosse um pedaço de bolo. Não era. Sua história de vida não foi fácil e ninguém queria ouvir.

Era estranho, porque ele também queria saber sobre ela.

—Tem certeza que você não tem um marido? —



Perguntou.

—Tenho certeza. Não estive em um relacionamento sério por um longo tempo.

—Como assim? —Perguntou.

—Uau, você é uma pessoa intrometida.

Ele encolheu os ombros.

—Estamos passando o tempo aqui, querida. Você me diz merda, eu lhe digo merda.

Ela mordeu outra vez o sanduíche.

—Meu último namorado decidiu que o lugar de uma mulher era na cozinha e na limpeza de sua casa, e se algo estivesse fora do lugar, ele usava os punhos.

Bain não gostou de ouvir isso e viu quando ela olhou para além de seu ombro, sem realmente olhar para ele.

—Foi um momento difícil e finalmente algo aconteceu e foi a última gota.

—O que aconteceu?

—Eu não o conheço o suficiente para contar a minha história.

Seu celular começou a tocar novamente e ele olhou para ela.

—Acho que você precisa atender isso. Pode ser importante.

Bain estendeu a mão e pegou o telefone.



—Ela trabalha para a mídia? Você está fodendo de verdade? Não leu os planos de segurança com detalhe?

Bain quase gritou pelo telefone.

—Eu fiquei olhando sua bunda por duas semanas seguidas e nada estava fora do lugar.

—Não me importa uma merda se ficou parado ao seu lado, verificando os detalhes nos últimos seis anos. Em *Killer of Kings*, você sempre espera o inesperado e essa mulher Scarlett é um detalhe extra.

—Não se preocupe, ela não será um problema.

—Eu já sei que você está com ela, Bain. Pensei que era um profissional.

—Foda-se, bastardo. Você veio até mim, lembre-se disso.

—Eu fui até você porque é muito habilidoso no que faz e Viper me assegurou disso. *Killer of Kings* não é descuidado. Livre-se do seu problema.

A ligação terminou e Bain olhou para o celular. Esta era uma das razões pelas quais não fazia esta merda de verdade.

—Está tudo bem? —Perguntou Scarlett.

Ele balançou a cabeça e se virou para ela.

—Apenas um problema no trabalho.

Sentando-se à sua frente, ele olhou para ela.

Ela terminou seu sanduíche e então suas mãos descansaram nas coxas. A corda estava bem amarrada ao



redor da cintura dela, prendendo-a a cadeira.

Ele não podia confiar nela e agora estava cansado. Curvando-se ao seu lado, passou os braços ao redor da cintura dela e começou a desenrolar a corda.

—O que você está fazendo? —Ela perguntou.

—Preciso de um banho e não a deixarei aqui. —Ele soltou suas amarras e depois a ajudou a levantar-se, limpando as migalhas de seu corpo.

Segurando sua mão, ele começou a mover-se para o próximo andar para seu quarto, que também tinha um banheiro. Pegou uma cadeira de madeira, colocou-a nela e amarrou novamente.

—De verdade? Você vai tomar um banho enquanto fico aqui?

Ele deu um passo para trás e tirou a camisa. Seu olhar percorreu seu peito, absorvendo cada pedaço de tinta que decorou seu corpo.

—Você gosta do que vê? —Ele perguntou.

Usou a tinta para cobrir cada cicatriz que ganhou quando criança. Apenas Viper entendia o que ele passou. Era estranha essa conexão que tinha com o outro homem. Juntos, eles saíram daquele pesadelo e ainda assim nunca realmente saiu. Ainda havia momentos em que Bain esperava acordar com um pau batendo em suas costas.

Ignorando a sensação, tirou a calça e a cueca boxer até ficar completamente nu. Seu pau estava duro e já havia



sêmen na ponta, mas como tantas vezes o ignorou.

Olhando para Scarlett, viu que ela desviou o olhar. Ao encher a banheira, se certificou de que houvesse muitas bolhas relaxantes. Estava ficando mais velho e com sua idade havia algumas dores que precisava aliviar.

Um bom e longo banho de espuma era um dos poucos luxos da vida que se permitia e naquele momento, precisava relaxar. Já sentia o início de uma enxaqueca e dentro de uma hora seria um inútil quando a dor assumisse.

Era meio engraçado ou pelo menos para ele. Era um assassino endurecido que muitas vezes ficava de joelhos pela batida dentro de sua cabeça.

—Você quer tomar um banho? —Ele perguntou olhando-a. Agora ela estava olhando para ele.

—Eu não me importo de você usar a água depois de mim, mas ficarei aqui enquanto isso. E a verei nua.

Ele observou quando ela respirou fundo, as mãos esfregando as coxas.

—Eu gostaria de um banho, por favor. —Disse ela.

Viu, ele não era um monstro total.





CAPÍTULO

TRÊS

Ela teve relações sexuais com apenas dois homens diferentes em toda a sua vida, dois idiotas, mas nenhum deles parecia com Bain. Seu corpo parecia esculpido em mármore, duro e talhado. Qualquer homem teria inveja do seu pau. Ela tentou não olhar, mas era muito descarado, confiante e agradável de ver. Sua cadeira estava do lado de fora da porta aberta do banheiro, assim podia ver tudo, desde sua bunda até a trilha de pelos que ia até seu pau enorme. Seu corpo era uma tela viva com tatuagens por seus braços e abdômen. Poderia desviar o olhar, mas não queria.

Para um assassino, ele a surpreendeu quando começou a colocar sabonete perfumado na banheira. Bain tinha uma banheira antiga grande com pés. Ela sempre gostou mais de antiguidades do que decoração moderna. Quando ele entrou na banheira, gemeu se afundando na água. Era tão grande, que mal coube no espaço apertado.

Esta casa a fazia se lembrar da antiga casa de sua avó com as molduras decorativas e aquecedores antigos. Scarlett passou muito tempo na casa de sua avó até ela morrer. Essas



eram algumas de suas melhores lembranças da infância. E foi há muito tempo.

—Isso é coisa boa, Scarlett.

Era estranho como esse assassino parecia tão agradável. Era um sociopata. Conversou com Alexei brevemente em russo antes de puxar o gatilho sem nenhum aviso, nenhuma emoção. Esperava que ele não fizesse o mesmo com ela, sem aviso. Talvez da próxima vez que a alimentasse, ela morreria com um pedaço de sanduíche na boca e uma bala na cabeça.

—Você fala inglês muito bem. —Disse ela.

—Por que não falaria? É a minha primeira língua.

—Mas russo parecia sua língua nativa.

Ele riu, esfregando a espuma sobre seu forte braço até o ombro.

—Eu falo muitas línguas. Há ao menos seis nas quais posso pensar de improviso. É necessário em minha linha de trabalho e isso foi algo que nos foi ensinado.

—Por aqueles homens?

—Exatamente, então pode imaginar que precisei aprender rápido.

Ela mal sabia inglês. Aprender coisas novas requeria tempo e dinheiro, duas coisas que não tinha em abundância. Agora nunca teria a chance de fazer qualquer uma das coisas que estavam em sua lista de desejos. Scarlett se mexeu em sua cadeira para testar as amarras, mas eram firmes, até



mesmo as da cintura. Esse seria o momento perfeito para escapar, mas teria uma oportunidade real em breve. Talvez quando oferecesse a água suja de seu banho, porque isso significava que teria que a desamarrar.

—Você mora aqui sozinho? —Ela perguntou.

—Apenas eu. É assim que gosto.

Ela memorizou suas perguntas anteriores.

—Nenhuma esposa? Filhos?

A água espirrou quando ele mudou de posição, mas ainda podia ver seus ombros e costas.

—De jeito nenhum. Família seria uma complicação. Odeio complicações.

Como poderia alguém não ansiar uma família, a estabilidade, o sonho de todos os americanos? Nem todos querem uma casa com cerca branca? Mesmo depois do que ela passou em seus antigos relacionamentos, ainda sonhava com o: *felizes para sempre*. Havia dias que a esperança, mesmo que irreal, era tudo o que a mantinha viva.

Bain deveria ser solitário. Ele não era jovem. Era maduro, apenas um pouco mais velho que ela. Seus pensamentos foram para um território desconfortável. Seus ombros eram largos e musculosos, as tatuagens tentavam revelar seus segredos. Que histórias diriam?

—O que está errado comigo?

Ele era seu inimigo, o homem que provavelmente a



mataria, não o seu cavaleiro de armadura brilhante. Sempre teve o pior gosto para homens. Agora que tinha idade suficiente para pensar objetivamente Scarlett culpava suas escolhas ruins devido a um pai ausente. Desesperada por aceitação, parte dela sempre tentou ganhar a aprovação dos homens. Esta era a única razão pela qual poderia estar atraída por Bain, sentindo-se feliz com seus elogios e desejando seu afeto. Sabia que era errado, mas não podia evitar. Talvez ele visse algo especial nela, ao contrário de suas outras vítimas, ao contrário de Alexei Semenov.

—Então ficará sozinho para sempre? Isso soa solitário.
—Scarlett tentou convencer-se de que estava apenas acalmando o animal, fazer amizade com seu captor talvez fizesse que ele tivesse pena dela. Mas isso era mentira. Bain instigava a repórter, a vítima... E a mulher.

—Você não é casada. —Disse ele.

—Isso não é por opção. Meu antigo relacionamento não funcionou exatamente de acordo com o planejado.

—Se não queria ficar sozinha, por que não fez dar certo?

Scarlett não queria falar mais. Sentiu o corpo se enrijecer, fechando-se de dentro para fora. Era fácil bloquear o passado, mas estava sempre lá, corroendo-a. Logo não sobraria nada.

Bain se virou e olhou para ela.

—Eu pensei que você quisesse conversar.

—Não mais. —Ela se recusou a olhar nos olhos dele.



—Ponto fraco?

—Não importa. —Disse ela.

—É por isso que eu gosto de ficar sozinho. As pessoas sempre me decepcionam. A única pessoa em que confio sou eu mesmo. —Ele esticou os ombros e se encostou à banheira

—Agora, diga-me por que não deu certo.

Ela estreitou os olhos, mesmo que ele não pudesse vê-la.

—Eu não quero mais conversar.

—Na verdade irá me dizer. Nós temos um acordo, sabe as consequências de me irritar.

Lágrimas arderam em seus olhos. Ele não poderia fazê-la falar sobre si mesma. Então se quisesse viver teria que mantê-lo de bom humor. Poderia mentir, contar uma boa história para apaziguá-lo, mas tudo se tratava da verdade. Foi por isso que se tornou uma repórter em primeiro lugar. Começou por que queria ajudar famílias e mulheres que lutavam para ter apoio e ajudar as crianças. Queria tornar o mundo um lugar melhor.

—Eu disse por que não funcionou. Meu último namorado era abusivo. Não podia viver assim. —Disse ela.

—Mas não estaria sozinha.

Ela balançou a cabeça.

—Há coisas piores do que ficar sozinha.

Ele passou as mãos sobre a cabeça, um curto gemido escapou de sua boca.



—Penso exatamente assim.

Ele estava se referindo aos homens que abusaram dele?

—Você disse que queria contar a sua história. Qual é a sua razão de viver aqui sozinho?

—Se estiver falando sobre ter uma mulher, acho que não é possível para mim. —Ele se levantou e a água desceu por seu corpo duro e musculoso. Desta vez, ficou de costas para ela, cada músculo era duro e definido. Pegou uma toalha, primeiro secou seu rosto, em seguida, envolveu-a firmemente ao redor do quadril. Ela observou seu corpo enquanto ele se movia.

—Eu era um dos garotos mais velhos, e por causa da minha aparência me treinaram para seduzir mulheres. É tudo um borrão agora, a porra da matança. Eu realmente não quero me lembrar daqueles dias.

—Eu não entendo. —Disse ela.

—Você perguntou por que estou sozinho. —Ele entrou em seu quarto. Bain pegou a cadeira na qual estava sentada e a colocou ao lado da cama.

—É por isso. Eu fui forçado a ficar com tantas mulheres por anos que isso me deixou entorpecido. Emoções, amor, tudo está acabado. Por que eu escolheria ficar com uma mulher agora? Apenas quero ficar sozinho.

—As pessoas podem mudar e se recuperar de horrores indizíveis. Eu já vi isso. Sei que é possível.

Ele vestiu uma cueca boxer preta que se moldava a sua



bunda dura e pernas fortes. Scarlett o viu caminhar pelo quarto e abrir a porta do guarda roupa. Pegou uma calça azul marinho, mas não vestiu uma camisa. Ela tentou não ser pega olhando-o. Seria ele tão duro quanto parecia? Bain sentou-se no canto da cama king-size olhando para ela com tal intensidade que as palavras ficaram presas em sua garganta.

—Não tem ideia dos horrores que vivi querida. Tenho certeza de que tudo o que você passou não tem comparação com a minha vida de merda.

—Todo mundo tem algo de bom —Ela sussurrou. Scarlett não se deixaria ficar mal. Estava lutando contra a depressão há anos. Não queria ser uma mulher frágil e vazia. Queria pensar positivo, manter-se para cima e acreditava firmemente que Bain poderia fazer o mesmo.

Ele sorriu, mas não alcançou seus olhos.

—Aqueles bastardos diziam que eu era bonito, irresistível para as mulheres. Por isso que eles me usavam. — Bain levantou-se e se aproximou dela, agarrou a borda da cadeira e arrastou-a de volta para perto da cama. Sentou-se no colchão em silêncio, ouvia-se apenas a respiração deles agora.

—Tudo isso mudou. —Disse ele.

—O que você quer dizer?

Bain segurou seu pulso e colocou a mão em seu peito. Sua pele era tão firme e quente, ela sentiu sua boceta latejar



apenas com o toque.

—Sinta. Realmente sinta.

Ela não tinha certeza sobre o que estava falando até que começou a tocar com as pontas dos dedos o seu peito, os ombros e depois o rosto. Com uma suave carícia traçou todas as cicatrizes antigas que não notou até agora. Ele estava coberto delas. Dizer que ficou chocada seria um eufemismo.

—Não é bonito, verdade? Eu tento esconder essa merda com tinta, mas não são as cicatrizes físicas que mais me incomodam. Eles foderam tanto a minha cabeça que matar é a única coisa que me mantém saudável.

Ela respirou fundo.

—Acho você perfeito. —As palavras saíram de seus lábios antes que realmente pensasse. Não era uma mentira. Bain era o homem mais áspero, mais assustador que ela já viu, mas também irresistível e incondicionalmente de uma forma que fazia seu corpo se excitar pela primeira vez em sua vida.

Sua mão ainda estava no rosto dele, a barba áspera fazendo cócegas em seus dedos. Ela sentiu as cicatrizes mais profundas e sentiu vontade de beijá-las. O que quer que pensou terem compartilhado, um momento, um avanço, desapareceu quando ele ficou de pé como se o toque dela o queimasse.

Andava de um lado para o outro, seu peito arfando como se tivesse acabado de correr quilômetros em um minuto. O



que disse para perturbá-lo? Ela o irritou? Estava pronto para matá-la? Talvez estivesse prestes a provar que estava errada mais uma vez, assim como Jerry e Michael fizeram. Não queria acreditar, mas talvez algumas pessoas estivessem além da redenção...



Ele estava irritado. Bain sabia que não deveria ter levado para sua casa uma testemunha. Deveria apenas tê-la matado e jogado seu corpo em uma vala. Não importava se desaparecesse, contanto que não a visse novamente. Todos seus esforços foram para o benefício de *Killer of Kings* e se recusou a olhar como um profissional. Bain não sabia por que a opinião de Boss importava tanto. Não deveria.

Agora esta mulher estava apertando seus botões, testando-o, fazendo-o sentir coisas que não deveria. Boss deixou claro que ela precisava morrer. Esperava poder arrumar o estrago que causou desde o momento em que fez uma refém. Mas não estava pronto para seguir essa ordem. Na verdade, não gostava de seguir ordens. Era a principal razão pela qual trabalhou para si mesmo todos estes anos, com contratos individuais, sem nunca se comprometer com alguém a longo prazo. Não gostava de se sentir sufocado, odiava ter pessoas mandando nele.

—Sua vez. —Disse ele. Bain precisava desviar seus



pensamentos. Precisava desesperadamente de uma distração de seus pensamentos traidores. Sentia a porra de uma enxaqueca chegando.

—Para quê?

—O banho. —Disse ele.

—Você queria tomar banho depois de mim, certo? Quanto mais esperar mais fria a água fica.

Ela franziu a testa.

—Tudo bem.

Agachou-se ao lado de sua cadeira e começou a desfazer os nós apertados. Ela colocou a mão no ombro dele, mas Bain encolheu os ombros se afastando um pouco. Chega de toques.

—Certo, você tem dez minutos. —Ele deixou cair às cordas no chão.

Quando seu telefone começou a tocar na cozinha ele ignorou. Sabia que eram informações sobre seu próximo trabalho, mesmo que tivesse pedido para enviá-las por mensagem, Boss teria que esperar.

—Pode ir atender. —Disse ela, levantando-se. —Eu gostaria de um pouco de privacidade.

—Entendo, mas isso não acontecerá. Não nasci ontem. —Ele se sentou na cadeira, com as pernas abertas e os cotovelos sobre os joelhos.

—Tire a roupa. Eu já lhe disse que a veria nua.



—Bem, eu sou tímida.

Bain não mentiria, ficou desapontado. Estava ansioso para apreciar as curvas exuberantes de Scarlett. Seu pau já estava duro apenas com o pensamento. Mas não a forçaria a ficar nua.

—Então ficará sem tomar banho. —Disse ele.

Com mau humor, ordenou que ela saísse de seu quarto e desceu a escada enquanto seguia logo atrás dela. Uma vez na cozinha, apontou para a cadeira enquanto pegava o celular da mesa.

—Você ainda quer me dar uma entrevista? —Ela perguntou.

—Seu tempo acabou. —Ele foi um tolo em tentar entreter Scarlett. Ela seria a porra da sua ruína se continuasse a jogar seus jogos.

Ele ligou para Boss de volta.

—Você tem a informação?

—Você lidou com o problema?

Bain rosnou, apertando os dentes em vez de falar.

—Isso é um sim? —Perguntou Boss.

—Não irei repetir. Eu disse que seria resolvido.

Houve um breve silêncio.

—Enviarei uma mensagem com o endereço e detalhes. Esse trabalho precisa ser feito na varanda do local até a hora do almoço de amanhã. Precisamos de uma rua cheia de



testemunhas de seu suicídio. Você pode lidar com isso?

—Se for pago. —Disse Bain.

—Ligarei de volta quando o serviço for completado.

Ele desligou o telefone antes que Boss pudesse acrescentar qualquer comentário espertinho sobre fazer as coisas certas e não foder tudo novamente. Um sermão era a última coisa que queria ouvir agora. Bain respirou fundo e desligou o telefone. A cadeira estava vazia.

Você está brincando comigo? A repórter se movia rápido. Pena que sua tentativa de fuga era em vão. Sua casa era mais segura que o Fort Knox, impossível sair dali sem um código de segurança. Verificou todos os cômodos e não encontrou nada. A casa não era grande, então havia poucos lugares nos quais ela pudesse se esconder. Estava ficando tarde e precisava dormir um pouco para se preparar para seu trabalho no dia seguinte. Teria que acordar cedo e planejar uma estratégia já que faltava menos de vinte e quatro horas.

Ele subiu novamente de dois em dois degraus. Seu quarto ainda tinha o aroma perfumado da água do banho. Ela não estava lá, o que significava que estava no porão. Ele odiava aquele lugar.

Depois de abrir a porta que dava acesso ao porão, acendeu a luz. A lâmpada criava sombras sinistras nas paredes. Entrou com cautela. Scarlett estava mal-humorada e não confiava nela, pois poderia atacá-lo com um cano ou um pé de cabra. Havia várias coisas no porão, de quando



comprou a casa e não teve tempo para limpar.

—Eu sei que você está aqui, querida. Realmente não estou com vontade de fazer joguinhos.

Sem resposta.

—Se eu tiver que subir esta escada sem você trancarei a porta e a deixarei morrer de fome. Não será rápido ou agradável. É isso que você quer?

O som de uma garrafa de vinho vazia rolando no chão chamou sua atenção. Ela estava atrás do forno. Bain estalou os dedos enquanto se aproximava. Quando chegou perto o suficiente, ela disparou para o outro lado e correu para a escada. Enquanto tentava se livrar de suas mãos, ele pegou-a pela cintura, puxando-a de volta e jogando seu corpo contra a parede. Bain segurou seus pulsos para baixo,

—Deixe-me ir! —Ela gritou. Ele deu-lhe crédito por lutar como uma mulher selvagem. Precisou fazer um pouco de esforço para conter seu corpo.

—Talvez se você não estivesse usando uma saia teria conseguido subir a escada.

—Fique longe de mim!

—Acalme-se. —Disse ele.

—Se você não parar irei amará-la de volta na cadeira e a deixarei aqui. —Sua cabeça estava doendo. Ele soltou seu pulso para esfregar a nuca e ela aproveitou a oportunidade para bater o pequeno punho contra seu peito nu.



—Então é isso?

Eles começaram a lutar novamente e conseguiu subir a escada neste momento. Ele estava gostando de lutar com ela? Parou para pegar uma das armas que estavam na cozinha e depois entrou no corredor, agarrando um braço dela bem firme.

—Bata em mim! Eu não me importo. —Ela gritou, com os olhos cheios de lágrimas.

—Que tal eu colocar uma bala em sua cabeça em vez disso, é o que deveria ter feito quando a encontrei.

Sua luta cessou repentinamente quando ele apontou a arma para sua cabeça e sentiu seu braço ficar mole.

—Faça. —Ela sussurrou. —Talvez seja um favor.

Os seus olhos verdes eram tão grandes como os de uma criança. Ela o intrigava. Foi o modo como disse suas últimas palavras. Seu tom de voz mudou como se tivesse perdido sua alma.

—Você quer morrer agora?

—Eu fui ao inferno e voltei. Estou bem ciente que há coisas piores que a morte.

Ele ficou sem fôlego. Ela tinha seus próprios segredos, mas a deixaria mantê-los por enquanto. Uma hora contaria tudo.

—Bem, é seu dia de sorte porque não irei matá-la, ainda não. —Ele apontou para a escada e desta vez ela seguiu sua



ordem.

—Eu preciso ter certeza que ninguém sabia que você estava na casa de Semenov. Não posso mais ter pontas soltas. Já que tenho um trabalho amanhã, eu a levarei comigo. Você mostrou que não é confiável.

—Quer que eu seja confiável, quando me sequestrou?

Ele fechou a porta do quarto atrás deles.

—Vá para cama. —Disse ele.

—O que?

—Para cama. Já passa da porra da meia-noite e eu tenho que acordar cedo.

Ela deu um passo para trás, sem tirar os olhos dele. Se ele quisesse, poderia ter batido nela, a estuprado ou matado de várias maneiras diferentes. O olhar de medo nos olhos dela estava começando a irritá-lo.

Ele desligou a luz, assim que ela se sentou na cama. Apenas um fraco brilho da lua entrava através da janela. Não tinha cortinas em seu quarto. Bain não podia nem mesmo contar o número de noites que ficava acordado na cama, olhando para lua, não sentindo nada e tudo ao mesmo tempo. Estava irritado e não havia nenhuma maneira de desfazer seu erro. Ela era perda de tempo. Quando morresse, não deixaria nada para trás, nem mesmo um legado ou herdeiro... Apenas mortes.

Ele ergueu seus cobertores e ficou debaixo deles.



Ela parecia desconfortável.

—Vai dormir de roupa?

—Eu estou bem. —Disse ela.

—Como quiser.

Ele rolou para ficar com a barriga para cima, colocando um braço sobre os olhos enquanto soltava um gemido baixo. Poderia tomar alguns comprimidos para aliviar sua dor de cabeça, mas não confiava em qualquer tipo de analgésico. Depois de ser drogado, espancado e ficar com fome quando era jovem, nunca permitia que nada mais pudesse alterar sua mente.

O quarto estava tão tranquilo que podia ouvir um alfinete cair.

Ele ouviu Scarlett respirar se virando para ficar de frente para ele.

—Você está bem? —Perguntou ela.

—O que você quer dizer?

—Você está com dor. Eu posso ver. O que está errado?

Ele balançou a cabeça.

—É apenas uma dor de cabeça. Sinto isso o tempo todo.

—Sério? —Ela ficou de joelhos na cama. Quando sua mão tocou seu rosto, ele se encolheu.

—Shhh. —Ela murmurou, massageando as suas têmporas em um padrão rítmico.



Ele não a impediu.

—Minha avó costumava fazer isso comigo quando eu tinha uma dor de cabeça. —Suas mãos pareciam mágicas, aliviando a dor e fazendo-o se sentir humano novamente.

—Eu acho que é um segredo de família passado para mim. Eu nunca tentei em outra pessoa antes.

—Por que está fazendo isso por mim? —Perguntou. Bain pegou sua mão e se sentou na sua frente.

Ela não respondeu. Eles olharam um para o outro e nesse momento a sensação que sentiu antes voltou. Mas desta vez, não era tão forte. Segurou sua nuca e puxou-a para mais perto. Fez uma breve pausa e em seguida beijou com força sua boca. O que não esperava era o modo como os lábios dela reagiram contra os dele, sem nenhuma resistência.





CAPÍTULO

QUATRO

Esta foi à coisa mais louca que ela já fez em sua vida. Scarlett sabia que não havia nenhuma maneira de escapar. Mesmo se fosse para a polícia e pedisse proteção ninguém poderia ajudá-la. Ninguém poderia. Nas poucas horas que conheceu Bain, sabia que ele não era um homem com o qual se deveria brincar. Sempre encontrava o seu alvo.

A sensação de seus lábios nos dela era uma experiência inebriante e fechou os olhos, simplesmente se aquecendo sobre seu toque. Ele segurou sua nuca e a língua acariciou seus lábios antes de mergulhar em sua boca.

Ela gemeu quando ele a abraçou. Pela primeira vez em sua vida se sentiu pequena, delicada e seu corpo voltou à vida, querendo muito mais. Descansando a mão em seu peito, sentiu as batidas do seu coração e de repente se afastou, olhando-o.

Esse homem não podia ser humano. Parecia tão frio, tão insensível. Sequer tinha sentimentos? No entanto, seu coração estava batendo e viu a dor em seus olhos.



—Por que eu não faria isso por você? —Disse ela.

—Estava sofrendo e eu não sou uma pessoa cruel. Não merece sofrer. —Ela abaixou a mão na cama e lambeu seus lábios doloridos. Já fazia tempo desde a última vez que foi beijada assim.

Bain não a soltou e ela não podia olhar mais em seus olhos. Era muito difícil ter esses sentimentos correndo por seu corpo. Nada mais fazia sentido.

—Eu nunca fui muito boa com essas coisas. —Disse ela.

—O que você quer dizer?

—Sexo. Amor. Compreensão. Você não entenderia. Eu nunca fui capaz de me conectar e os homens com quem estive não eram exatamente bons. —Ele soltou sua cabeça e ela passou a mão sobre o rosto e franziu o nariz. Como se algo não cheirasse bem.

—Meu último namorado era ruim e finalmente o deixei a mais de um ano. Desde que era uma garotinha, sempre quis ser uma repórter. Uma coisa atrás da outra me impediu de ser o que eu queria. Então esta oportunidade surgiu, mas novamente, se você não se encaixa no perfil, eles procuram outra pessoa. Eu não tenho mais vinte anos. Não sou magra, não que eu alguma vez já tenha sido e não sou bonita. Sou gorda, desajeitada, feia e estava tentando me encaixar neste mundo superficial. Esta entrevista me ajudaria muito. —Ela sorriu para ele.

—Eu sei que você não me dará uma entrevista. Está



apenas esperando para descobrir se sei de alguma coisa. — Respirou fundo. Toda sua vida lutou com esses sentimentos negativos. Apenas sua avó foi capaz de fazê-la se sentir querida e amada. A morte seria mais fácil.

—Eu contei para uma amiga.

—Eu sei Scarlett.

—Você é um assassino. Contratado e tudo isso. Pode me matar e colocar-me no meu apartamento. Pode fazer parecer um acidente ou algo assim. Eu tenho um histórico de depressão. —Ela o viu franzir a testa.

—Por favor, não machuque mais ninguém.

Ela viu sua boca se apertar em uma linha.

—Você está me implorando para matá-la?

—Sim. Mate-me, Bain. Ninguém precisa morrer por minha causa.

—Você tem um histórico de depressão?

—Sim. Viu? Você já tem uma desculpa perfeita. Eu não lutarei. —De repente ele se afastou e começou a andar ao lado da cama, logo olhou para ela.

—Sabe que é a única maneira. —Ela não podia acreditar que estava implorando a alguém para matá-la. As lágrimas encheram seus olhos e ela saiu da cama.

—Por favor.

—Eu não a matarei.



—Por que não?

—Eu quero contar a minha história. Não estava mentindo para você sobre isso e eu não estou pronto para matá-la. —Ele segurou sua mão e a virou.

—Não têm feridas ou cicatriz de quem tentou se matar.

—Eu estava deprimida, mas não sou suicida. Eu não tentei acabar com minha vida antes. Nunca pensei ter a coragem de fazer isso. —Ela encolheu os ombros e fez uma careta.

—É estranho como estou me sentindo agora. Nunca me senti assim. —Ela colocou a mão sobre os lábios e olhou para ele. Não gostou da tristeza em seus olhos quando olhou para ela.

—Eu não a matarei Scarlett. Agora, quer tomar banho? Vou encher a banheira com água quente. —Ele a puxou da cama e acendeu a luz.

Ela cruzou os braços sobre o peito. Ela queria tomar banho? Sim queria. Estava cheirando mal.

—Não fugirei.

—Eu sei que não vai. Não há lugar para ir. Esta casa é fortemente vigiada. Eu não a machucarei. —Ele passou por ela indo direto para o banheiro.

Mesmo que este homem segurasse sua vida nas mãos, ela não podia deixar de admirar sua bunda. Era perfeita. O moletom que usava moldava sua bunda e ficava folgado nas



coxas. Ele parou e virou-se para ela.

—Você vem?

—Não irá me matar?

—Eu disse que não a mataria. —Ele balançou a cabeça.

—Está me confundindo.

Basta trazer sua bunda ao banheiro.

Ela olhou ao redor do quarto e perguntou que porra estava acontecendo. Em um momento ele queria ir para cama dormir, agora queria que ela tomasse um banho. Nada fazia sentido e esta noite estava ficando cada vez mais estranha.

Entrando no banheiro, o viu colocar espuma de banho na banheira. Scarlett sorriu.

—Eu nunca imaginei que você usasse espuma no banho.

—Ajuda a relaxar os músculos e procuro relaxar meus músculos cansados, tanto quanto posso. Não sou mais jovem. —Ele era alto e quando ouviu suas costas estalarem, estremeceu.

—Eu não sou mais um garoto.

—Eu sei às vezes não me sinto muito bem.

—Ficarei na porta. Mas darei privacidade suficiente para tomar seu banho, não verei nada.

Ele ficou de costas para ela, então tirou a blusa branca suja, logo a saía. Assim que ficou nua entrou na banheira.



Ele se sentou e cruzou os braços sobre o peito.

—Como está sua cabeça?

—Está bem. O que você fez aliviou a pressão e consigo pensar agora.

—Fico feliz por ter sido capaz de ajudar. Enxaqueca é horrível. —Ela passou as mãos através das bolhas. Tudo parecia um pouco surreal.

—Você tem família? —Ela perguntou.

—Não. Ninguém. Eu diria que em todo o mundo tenho apenas um amigo e acho que *amigo* não é bem a palavra certa. Somos colegas. —Ele passou a mão sobre a cabeça.

—Fomos capturados juntos e ele era uma das pessoas mais difíceis que já conheci. Algumas das crianças foram tiradas das ruas, eram cordeiros indo para o abate. Viper é seu nome.

Ela assentiu com a cabeça.

—E ele era uma criança-soldado ou algo do tipo? Gostava de você?

—Você poderia dizer isso. Colocavam-nos para trabalhar muito jovens para provar nossa lealdade. No momento em que nos levaram, qualquer sentido de infância foi destruída. Não havia tempo para brincadeiras ou jogos. Não havia Natal ou festas de aniversário. Era trabalho, treinamento e prática. De novo e de novo. Todo o restante desapareceu.

Ele estava se abrindo aos poucos e ela gostava da sua



voz suave. Era dura, rude e hipnótica ao mesmo tempo. Lambendo os lábios secos, se virou de modo que ficasse de frente para ele. As bolhas davam uma aparência modesta.

—O que aconteceu com as crianças que não conseguiram se adaptar? —Ela perguntou.

A dor em seus olhos, juntamente com o rosto de nojo a deixou sensibilizada.

—Eles os queimavam vivos. Se não pudesse fazer o que queriam, se alguém não fosse bom o suficiente para fazer o que precisava ser feito ou forte o suficiente, eram tratados como inúteis.

Ela cobriu a boca enquanto observava uma única lágrima correr pelo canto do seu olho e ele a secou rapidamente, como se nunca estivesse lá. Mordendo os lábios, nem sequer podia imaginar uma situação assim.

—Parece um filme de terror. —Disse ela.

—Para muitas pessoas provavelmente é. Não era nenhum piquenique. Minha história não termina com um final feliz Scarlett, mas a de muitas crianças terminaram em dor, sofrimento e morte. Esses idiotas não davam a mínima para alguém ou alguma coisa.

—A morte se tornou seu trabalho.

—Sempre foi assim e sempre será. —Ele apontou para suas tatuagens.

—Você acha que não me defendi? Que não apanhei todos os dias para tentar me salvar e aos outros? Nenhum



dos nossos captores quis ouvir. Algumas das crianças não tinham nem cinco anos quando chegaram lá.

—E quanto a suas famílias? —Ela perguntou. —Deviam procurar por eles. As pessoas não permitem que seus filhos sejam levados.

—Eles não permitiriam que crianças de boas famílias fossem levadas Scarlett. Mas o mundo não está cheio de boas pessoas. As crianças iam e vinham, ninguém dava a mínima.

O pensamento daqueles pequenos, sozinhos e morrendo, partiu seu coração.

—Quantos anos você tinha?

Ele olhou para ela por um tempo e com cada segundo de silêncio seu coração ficava apertado.

—Eu tinha aproximadamente dez anos de idade. Fui uma das primeiras crianças que pegaram. Quero que você termine seu banho.

—Ele se levantou e saiu.

Ela olhou para a cadeira vazia e seu coração se partiu pensando no menino que foi. Mesmo sendo um pouco mais velho do que os outros, ainda era uma criança.

—Bain? —Ela chamou seu nome, precisando de uma resposta para sua pergunta. Ele apareceu na porta segurando uma cueca boxer e uma camisa grande.

—O que aconteceu com as pessoas que raptaram você?

—Eles estão mortos. Viper e eu os matamos.



—Que bom. —Ela realmente pensava isso. Ficou satisfeita por saber que esses bastardos estavam mortos.

Ela terminou de lavar seu corpo e seu cabelo com o sabonete perfumado. Quando terminou, Bain estendeu uma toalha. Ela se levantou e pegou.

—Eu pensei que fosse tímida.

—Eu menti.



No dia seguinte, Bain estava dentro do apartamento, mantendo uma distância segura da varanda. A hora do almoço estava se aproximando rapidamente. Esta não era a primeira vez que jogava alguém de uma varanda e não seria a última. Os móveis no apartamento eram modernos, em couro preto e arte abstrata. Não era seu estilo.

Chupando um pirulito, olhou para o relógio, ainda tinha cinco minutos antes de sua vítima entrar no apartamento.

Haveria uma abundância de testemunhas para a morte, o que era exatamente o que Boss queria. Bain sabia que não seria fácil, porém...

Ele deixou Scarlett trancada no porta-malas do carro depois de lhe dar um sedativo. Poderia tê-la deixado em casa, mas não podia garantir que ela não arrumaria mais problemas. Gostava da sua casa e não podia suportar



bagunça. Ela provavelmente deixaria a casa toda desarrumada.

Ele não confiava em Boss também.

Bain não era idiota e sabia que Boss encontraria uma maneira de entrar em sua casa e matar Scarlett. As pessoas pensavam que Bain era um bastardo frio e cruel, mas não tinham ideia de como Boss era. Aquele homem era um filho da puta frio. Arrancaria seu coração rindo como se tivesse acabado de ouvir uma piada. Bain procurava ser sempre cauteloso quando se tratava de *Killer of Kings*.

Pensou em Scarlett, a imagem dela nua com bolhas de sabonete escorrendo pelo corpo. Ela era sexy para caralho. Suas curvas foram feitas para dar prazer a um homem. Seus quadris eram largos e o traseiro grande. Não sabia o que gostava mais, seus voluptuosos seios com os mamilos grandes e rosados ou suas coxas, que podia imaginar como ficariam em sua cintura enquanto a fodesse com força.

Ela era a primeira mulher a afetá-lo dessa forma. Ele foi treinado em todos os tipos de sedução para levar às mulheres as alturas. Quando era mais novo, foi treinado para agradar uma mulher em todos os sentidos. Foi forçado a praticar em muitas mulheres diferentes. Seus rostos pareciam os mesmo, até que não podia mais sentir prazer. Todas as bocetas eram as mesmas. Apertadas ou não.

Desde que se tornou um homem, fodeu muitas mulheres, mas era em seus próprios termos. Scarlett era diferente. O beijo da noite passada tinha certo desespero e de



alguma forma, uma pequena parte dele estava enlouquecendo.

Aquele beijo o deixou com pensamentos como o de um adolescente atormentado.

Ele acordou todo melado. Nessa manhã, ela colocou seus braços ao redor dele. Quase não resistiu passar as mãos em seu corpo glorioso, mais isso não seria o suficiente. Onde estava seu controle rígido? Não tinha ideia do que estava acontecendo.

Precisava se concentrar na tarefa e colocar essas lembranças de lado. O sedativo que deu a Scarlett antes de saírem iria começar a perder o efeito em breve. Ele cronometrava o tempo do efeito, para já estar no carro antes que começasse a gritar. *Tick tack.*

Seu celular tocou e ele amaldiçoou. Faltavam apenas poucos minutos e não queria perder o elemento surpresa. Atendendo a ligação, ouviu a voz de Boss.

—Qual é o seu problema? Estou trabalhando e acha que este é o momento adequado para ligar?

—Também senti sua falta.

Ele revirou os olhos.

—Que porra você quer?

—Eu quero saber se você resolveu o outro problema. Precisa fazer isso. Se ela for dada como desaparecida, será um problema maior.



Bain esfregou os olhos.

—Estou resolvendo isso.

—Precisa lidar com isso em breve. A polícia começará a procurar, especialmente se sua amiga disser exatamente onde ela estava ontem à noite e há muitos cadáveres lá. Quando descobrirem que ela não está lá irão querer saber onde porra foi. O tempo está passando.

Ele ouviu a chave na fechadura.

—Lidarei com isso. —Ele desligou o telefone antes que Boss falasse mais alguma coisa. A porta se abriu, o alvo estava sozinho, falando em seu telefone celular.

Tudo correu conforme o planejado. O homem terminou a ligação, colocou sua mala no chão e depois caminhou em direção à sacada, quando Bain atacou. Seu alvo *caiu* da varanda e Bain não ficou para assistir o caos a seguir. Deixando a sala, continuou chupando seu pirulito, indo em direção à garagem. Verificou para se certificar de que ninguém estava por perto e abriu o porta-malas do carro. Lá estava ela sã e salva, ainda vestida com suas roupas. Parecia irritada, mas ele gostava de uma briga.

Ele não gostou quando ela desistiu na noite anterior e pediu-lhe para matá-la. Não havia mais fogo naquele corpo sexy e estava determinado a lidar com isso.

Fechando o porta-malas, saiu do estacionamento e dirigiu de volta para casa.

Seu celular tocou e ele suspirou.



—Você o empurrou da varanda? —Perguntou Boss. — Poderia ter sido visto.

—Eu sou a porra de um fantasma. Foi um sucesso. Tarefa concluída.

—Foi por isso que o contratei. —Disse Boss.

Bain desligou o celular e foi para casa.

No momento que entrou na garagem Scarlett estava batendo no porta-malas e gritando.

Apenas de pensar em seu peito arfante quando ela gritou e lutou com ele foi o suficiente para transformá-lo. Sua raiva diminuiu quando abriu o porta-malas.

—Você é um babaca. Que porra é essa que me deu? — Perguntou ela. Estava com tanta raiva que o xingava. Apenas de ouvir a palavra *porra* seu pau ficou duro.

—Um remédio para dormir. Você não podia ficar sozinha aqui. Eu precisava fazer meu trabalho e sabia que se a levasse comigo, tentaria ajudar o desgraçado que fui pago para matar.

—Você matou alguém? —Ela perguntou.

—Sim.

—E ele era uma boa pessoa?

—Ele ajudava pedófilos a sair da prisão. Era um monstro que protegia outros monstros. Eu fiz uma boa ação hoje.

Ela fechou os olhos e suspirou. —Eu não posso lidar



com isso agora. Minha garganta está tão seca.

Ele pegou a mão dela e ela o empurrou.

—Realmente não quero que você me toque agora. Eu não posso acreditar que me drogou.

—Por uma boa causa.

—É isso o que você faz? Mata pessoas que são ruins?

Ele fez uma pausa.

—Você não quer que eu responda isso. Ainda não.

—Está certo. Eu realmente não quero saber mais nada agora. Sinto que vou vomitar.

Ele colocou seu braço ao redor dela e a abraçou, amando o jeito como parecia desmoronar contra ele. Ela precisava comer, entrou em casa e levou-a para a cozinha, logo abriu a geladeira.

—Outro sanduíche? —Ela perguntou.

—Você quer pedir? Conheço um restaurante chinês que tem uma comida ótima. —Ele mostrou-lhe o cardápio de papel que mantinha na gaveta.

—Estou confusa. Primeiro não estou autorizada a comer e agora tenho uma escolha? Por que você está sendo bom para mim? —Perguntou ela.

—Por que não? Eu fiz meu trabalho, então estou me sentindo bem. —Assim, ele decidiu testar sua reação às notícias que Boss lhe deu.

—Apenas para saber, alguém foi à polícia dizendo que



você não foi trabalhar.

Ela congelou, seu olhar estava em pânico quando olhou para ele.

—Você quer uma comida decente ou não? —Ele não tinha intenção de matá-la. Boss não a deixaria se livrar dessa, no entanto. Não havia como ela se livrar de levar um tiro na cabeça. Boss iria matá-la para garantir que nada pudesse incriminá-lo.

—Eu adoraria comer.

Ele viu a aceitação dela diante da situação. Estava preocupada, sua mente estava a mil por hora.

Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

—Eu como qualquer coisa. Amo comida picante doce e azeda, coisas assim.

Bain tocou a mão dela e ela se afastou.

—Você não precisa sentir medo.

—Não sou idiota, Bain. Eu sei o que isso significa. Apenas não mate minha amiga, ok? Ela não tem nada a ver com isso, apenas estava fazendo seu trabalho.

Bain apertou os dentes.

—Você confia em mim?

Ela inclinou a cabeça para o lado e encolheu os ombros.

—Eu realmente não sei se posso confiar em você.

Ele bateu os dedos na ponta do balcão. Isso não estava



certo. Não queria que ela pensasse dessa forma. Precisava mostrar que era confiável e apenas havia uma maneira que conhecia. Pegando uma faca cortou a palma da mão, então pegou a mão dela e fez um corte parecido. Ele fez isso há muitos anos com Viper. Para ele, isto era o juramento mais sagrado já feito.

—O que você está fazendo? —Ela perguntou, tentando puxar a mão. Ele esperou ela se acalmar, em seguida, cuidadosamente juntou seus ferimentos, observando a reação dela.

—Agora temos um pacto de sangue Scarlett. Eu não deixarei nada acontecer a você. Enquanto estiver comigo estará segura, entendeu?

—Você é louco.

—Eu nunca contei nada sobre mim a ninguém. Você é a primeira mulher em quem confio e isso não é algo que deve ser rompido. Precisa me ouvir, Scarlett. —Ele segurou a mão dela firmemente.

—Não tenho nada além do meu nome, tudo o que posso dar é meu sangue. Apenas fiz isso uma vez e não farei novamente. Entendeu?

Ela assentiu com a cabeça enquanto lágrimas inundavam seus olhos.

Apenas por uma vez ele não queria fazê-la chorar. Era realmente pedir demais?





CAPÍTULO

CINCO

Ela deveria ficar completamente apavorada. Um estranho misturou seu sangue com o dela, enquanto havia tantas doenças por aí. Fez uma matéria sobre sangue contaminado e algumas coisas que viu eram horríveis.

Mas em vez de ficar com medo ou mesmo irritada, ela se sentiu verdadeiramente especial. Toda sua vida quis pertencer a alguém, se sentir amada e desejada. Era loucura, mas Bain ofereceu a ela um pedaço de si mesmo e fez a promessa de não matá-la. Ficaria satisfeita com isso por enquanto, porém queria mais. As regras de certo e errado saíram pela janela assim que balas começaram a ser disparadas na casa de Semenov... Seu mundo saiu do eixo desde que Bain entrou em sua vida. Não havia como voltar atrás.

—Sabe, não quero vê-la assim. Chega de lágrimas. Vamos. —Disse Bain.

Scarlett estreitou seus olhos quando ele a levou para a porta da frente, sem saber o que esperar. Ela o viu digitando



o código: 24926 no sistema de alarme.

—Onde você está me levando? —Ela o seguiu até o BMW preto na garagem. Uma parte dela estava aterrorizada, será que iria libertá-la? Talvez algo dentro desse homem tenha se rompido, permitindo que pudesse ser um pouco mais humano. O fato de ter dito a ela que era bonita, o colocou em um patamar diferente de seus ex-namorados. E não a machucou. Bain era um assassino, selvagem e cruel, mas mal colocou as mãos sobre ela. Esperava um tapa, um soco, um insulto. Agora estava realmente começando a confiar nele e desde o beijo da noite anterior, o queria de maneiras indescritíveis.

—Você precisa de algo adequado para vestir e nós precisamos de comida. —Ele abriu a porta do passageiro para ela.

—Então, daremos uma passada rápida pela cidade.

Ela franziu a testa.

—No porta-malas? —Foi assim que saiu da casa de Bain, no escuro e em um espaço apertado. Parecia estranho ele oferecer o banco do passageiro agora.

—Não me tente.

O assento de couro era suave e quente. Ela colocou o cinto de segurança e viu Bain ligar o veículo, as luzes azuis do painel se acendendo. O carro estava limpo. Ele ainda estava usando a jaqueta que usou para matar aquele pedófilo, seus bíceps pareciam ainda maiores enquanto



dirigia. Não sabia o que era pior, Bain assassinar o homem ou ela ficar feliz com isso. Scarlett percebeu que falhou miseravelmente como repórter de campo. Não havia como permanecer imparcial quando uma pessoa estava sendo vitimada. Suas habilidades eram de pesquisa e inteligência. Quase invejava o estilo de vida de Bain. Ele era juiz, júri e não tinha medo de fazer justiça com as próprias mãos. Então talvez a matasse como qualquer outra pessoa, se pagasse o preço certo.

—Você disse que não irá me matar. —Afirmou.

—Sim.

—Mas não pode me deixar ir?

O zumbido do motor ficou mais alto quando ele acelerou, vendo tudo passar mais rápido de sua janela. Ela apertou com as mãos o assento, quando seu coração começou a bater mais rápido. Nunca andou tão rápido em um carro.

—É para o seu próprio bem. Sem mim, você não duraria um dia. —Disse ele.

—O que quer dizer? Quem iria querer me matar? Todos os homens de Semenov estão mortos e você destruiu todas as filmagens da segurança.

—Meu chefe não gosta de pontas soltas. Você é uma ponta solta.

Ficou em silêncio. Bain queria protegê-la, ela se virou em seu assento para olhá-lo. Até mesmo seus próprios pais a



descartaram como se fosse algo sem valor.

Ele estacionou o carro em uma rua movimentada. Era quase hora do jantar e ela estava ficando com fome.

—Eu não posso andar em um lugar público com essas roupas. —Ela ainda estava usando a camisa e a boxer de Bain. Pensarão que sou louca.

Ele apertou o volante, olhando para frente.

—Teria sido melhor se a tivesse colocado no porta-malas ou drogado você.

—Mesmo? Não sairei do carro. Como você disse, é perigoso para mim, certo?

—Em cada chance que você teve, tentou fugir. Eu não posso confiar agora. —Disse ele.

Ela apontou para a loja ao lado deles.

—Compre algo decente que possa vestir. Gosto de azul e roxo se quiser saber. Você será capaz de me ver através das janelas da loja.

Ele respirou fundo, observando as pessoas que caminhavam perto do carro.

—Deixarei o alarme do carro ligado, por isso não toque na maçaneta da porta. Se tentar fugir estarei de volta em menos de um minuto. E não ficarei nenhum pouco feliz em persegui-la pelas ruas.

—Relaxe. Apenas quero comida e algumas roupas.

Ele ajustou sua arma no coldre sob a parte frontal da



jaqueta e depois saiu do carro. O sistema de alarme apitou três vezes quando foi ativado. Scarlett observou Bain. Ele se destacava na multidão, sua presença era tão ameaçadora que as pessoas se afastavam quando chegava perto. Pouco antes de entrar em uma pequena loja, se virou e olhou diretamente para ela. Deus, fazia com que se sentisse selvagem. Seu perfume almiscarado ainda estava no carro invadindo todos seus sentidos. Precisava ter mais autocontrole.

Scarlett estava sozinha. Ela poderia tentar conseguir ajuda, talvez buzinar para conseguir atenção. Teria amado esta oportunidade no dia anterior. Agora, nem tanto. Seu passado foi duro, cheio de mágoa e abuso. Havia um segredo que Bain não sabia. Este segredo tinha vida própria e a assombrava, levando a depressão. Era mais fácil dizer do que fazer em relação a deixar o passado para trás e seguir em frente. Sabia que Bain a entenderia. Ele tinha seus demônios e ela também.

Bain voltou em tempo recorde, resgatando-a de seus pensamentos obscuros. Queria ter tempo para vasculhar o porta-luvas, mas ele entrou no carro com duas sacolas, jogando-as em seu colo.

—Se vista.

—Aqui?

—As janelas são escuras. Apenas faça isso rápido.

Ela começou a vasculhar o conteúdo das sacolas e encontrou uma calça Capri preta e uma camisa roxa com



mangas três-quartos. Sorriu para si mesma. Scarlett começou a se mexer, levantando seus quadris para se vestir no banco do passageiro apertado. Bain já a viu nua, mas agora tinham pessoas passando perto do carro.

—E agora? —Ela perguntou, tentando trocar discretamente de camisa.

—Nós vamos comprar comida. Acho que uma mudança de cenário fará bem, não?

—Sairá comigo em público? Toda essa mudança por causa da coisa do sangue?

—Estou tentando ser agradável. Não é algo que costumo fazer. Você quer que eu pare?

Ela balançou a cabeça e começou a fazer um coque em seu cabelo. Bain segurou sua mão.

—Deixe seu cabelo solto. —Disse ele. —Eu gosto dele assim.

Seu coração acelerou.

—*Ela estava realmente sentindo algo por esse assassino?*

Eles saíram do carro e ela sentiu a presença de Bain ao seu lado. Era muito mais alto que ela. Sem mencionar que parecia completamente fora de seu alcance. Podia ver a forma como as mulheres olhavam para ele, com desejo nos olhos. Quando ele não respondia aos flertes descarados, sentia-se satisfeita.



—*Se você fosse inteligente Scarlett, você começaria a correr.* Seu primeiro relacionamento sério com Jerry terminou porque ele era um trapaceiro mentiroso. Destruíu sua confiança, a fez parecer carente e pegajosa. Depois, alguns anos mais tarde veio Michael. Ela não estava preparada para o abuso físico e mental que sofreu. Tudo começou lentamente até que foi ao extremo. Sentia-se insignificante e nunca acreditou que merecesse algo melhor. Era um ciclo vicioso de abuso, no qual ficou presa por muito tempo. Scarlett provavelmente ainda estaria presa nesse mundo escuro se o impensável não tivesse acontecido.

Ela mudou completamente.

Agora havia Bain. Ele era mais um erro, um homem do qual deveria ficar longe, muito longe. Precisava parar de se relacionar com homens ruins e encontrar um homem bom, um com um emprego e uma vida normal, com esperanças e sonhos normais, além de um corpo normal.

—*Normal era bom, certo? Então por que não podia parar de pensar em si mesma nua na cama de Bain? Por que ele estava assumindo o controle de todos seus pensamentos?*

Ele apontou para uma mesa ao ar livre na calçada à frente.

—Você quer jantar ali? —Perguntou.

—Sim.

Quando ele colocou a mão em suas costas ela prendeu a respiração. Um formigamento e arrepio viajaram do lugar que



tocou até o meio de suas pernas. Achou que ele poderia sentir vergonha por estar com ela. A maioria dos homens sentia. Scarlett sentia-se feliz consigo mesma, mas sentia-se desiludida com o mundo superficial e altamente crítico no qual vivia. Trabalhar com a mídia deu-lhe uma perspectiva de que homens sexys não saiam com mulheres cheinhas.



Bain odiava multidões. Raramente ia ao centro da cidade por vontade própria. Andar no meio de pessoas cumpridoras das leis o fazia se sentir um monstro. A bela mulher ao seu lado estava ajudando nisso. Concentrou sua energia em mantê-la segura, garantindo que nenhum idiota entrasse em seu espaço pessoal.

Eles se sentaram em uma pequena mesa em um café hippie. Queria impressionar Scarlett, ser o que ela precisava, embora soubesse que nunca seria suficiente.

—E se alguém me ver? —Ela perguntou. Boss tinha informações privilegiadas sobre Scarlett, mas sua amiga não relatou seu desaparecimento. Então não tinha certeza de que porra faria sobre toda essa situação. Esta era a primeira vez que tinha problema para terminar um trabalho. Seria tão simples se pudesse acabar com ela, colocar as mãos ao redor de seu pescoço até que sua vida desaparecesse de seu corpo, mas não faria isso. Porra queria ficar com ela.



—Eu não estou preocupado.

Uma garçonete entregou a eles o cardápio. Ela ficou parada perto da mesa, era evidente que estava tentando chamar a atenção dele. Ele a ignorou até que saiu de perto. A única coisa que sabia sobre as mulheres era como dar prazer a elas e desde que foi forçado a fazer isso por tantos anos, não lhe interessava mais. Apenas porque tinha uma aparência bruta e era coberto de tatuagens, não significa que era um cafajeste.

—Já sabe o que escolher? —Perguntou.

Ela manteve a cabeça baixa. Bain sabia que não era tímida, já que ela mesma disse. Ele não conseguia entender como uma mulher como ela podia ter tanta falta de confiança. Talvez o idiota do seu ex fodeu com sua cabeça.

—Eu acho que sim. —Disse ela, colocando o cardápio na mesa.

—Nunca cala a boca quando estamos na minha casa. O que está acontecendo com você?

Ela olhou para ele.

—Nada.

Ele rosnou. Esta era uma das razões do porquê continuava solteiro. As mulheres o enfureciam com seus sinais confusos.

—Onde está a garçonete?

Quando ela não respondeu, soube o motivo dela estar



daquele jeito.

—Ela é uma cadela estúpida se acha que eu a escolheria ao invés de você.

Scarlett olhou para ele sem dizer uma palavra.

—Isso mesmo, querida. Estou falando de você. —Ele arrastou sua cadeira para mais perto dela.

—E estava certa sobre a cor. O roxo fica bem em você. — Ele passou um dedo por seu queixo. Queria desesperadamente beijá-la, mas se controlou.

—Obrigada. —Ela sussurrou.

Ele estreitou os olhos.

—Você não fica confortável com elogios?

—Apenas não estou acostumada.

Bain riu.

—Eu garanto, não minto para impressionar ninguém. Se fizer um elogio, aceite.

Eles pediram a comida que chegou vinte minutos depois. Bain pediu um sanduíche...

— Eu pensei que odiasse sanduíches. —Disse Scarlett.

—Nunca disse isso. —Ele deu outra mordida. —Adoro sanduíches. —De qualquer forma, não era mentira.

—Farei um jantar para você qualquer dia. —Disse ela.

—Você sabe cozinhar?

Ela assentiu, colocando uma colher de sopa na boca.



Ele observou a maneira como seus lábios carnudos tocaram a colher e seu pau ficou duro. Depois de décadas de dormência e nenhum desejo de fazer sexo, Scarlett o fazia sentir um desejo poderoso que nunca sentiu antes.

Ele queria fingir que não matou alguém neste dia, ir ao supermercado com Scarlett e brincar de casinha. Era tudo uma ilusão da porra, uma vida que não significava nada para ele. Bain era um assassino de aluguel, nada mais. Nem sequer sabia como viver uma vida normal mesmo se tentasse, porque nunca foi criado com quaisquer valores ou expectativas, apenas assassinato e sedução.

Eles comeram e conversaram até as luzes da rua se acenderem. Ele não percebeu o quão tarde era por estar muito envolvido na conversa com Scarlett. Pela primeira vez em muito tempo, se sentiu como um homem normal e não como um filho da puta.

—Eu quero beijá-la. — Disse ele.

Ela respirou fundo, seus olhos verdes refletiam a vela acesa em cima da mesa.

—Ok...

—Diga-me quando quiser que eu pare.

Ele não se importava com o que as pessoas ao seu redor pensassem, nunca deu a mínima para as opiniões de outras pessoas. Bain colocou a mão no pescoço dela e beijou seus lábios, o beijo rapidamente ficou mais profundo. Era suave e doce. Parecia real e apaixonado. Ele se afastou mesmo



querendo continuar, queria fazer uma trilha de beijos em seu pescoço. Porra, a queria nua sobre a mesa.

Bain estava perdendo o controle. Pagou a conta, em seguida, pegou a mão de Scarlett.

—Quer caminhar um pouco? —Perguntou. Ele estava gostando desse tempo juntos, fingindo que as coisas eram diferentes. Uma vez que voltassem para sua casa teria que lidar com a realidade, e a complicação que ela era em sua vida. Boss não esperaria mais tempo para que resolvesse essa situação.

—Sim.

Eles caminharam de mãos dadas. O céu escureceu, mas ainda havia pessoas na rua. Bain sempre odiou ficar perto das pessoas. A única vez que colocava os pés em um bar ou clube era para realizar um trabalho.

—Bain, o que acontece agora?

—O que você quer dizer? —Perguntou.

—Você está me confundindo. Primeiro me quer morta e agora está agindo como se estivéssemos em um encontro ou algo assim. Eu não sei o que pensar.

O que ele poderia dizer a ela? A verdade era crua e suja. Precisava encontrar e matar sua amiga, depois matar Scarlett e deixar seu corpo em um dos clubes de Semenov, assim sua morte seria relacionada com a entrevista que faria com o mafioso russo. Quanto mais tempo passava com ela, menos vontade de fazer o que precisava ser feito sentia. Rompeu a



regra mais importante sobre se envolver com uma vítima.
Nunca se apaixonar.

—Vamos apenas viver o momento. —Disse ele. Bain não tinha certeza exatamente de quantos anos tinha, suspeitava que mais de quarenta. Era normal para um homem de sua idade sentir seu coração disparar por simplesmente segurar a mão de uma mulher bonita? Parecia mais íntimo do que sexo.

—Scarlett? É você? —Um homem vestindo calça cáqui e uma camiseta vermelha parou na frente deles e estendeu a mão para Scarlett.

—Não quero falar com você. —Disse ela, tentando desviar ele. Quando o homem bloqueou a passagem Bain parou.

—Que porra está acontecendo? —Perguntou Bain, sentindo-se possessivo.

O comportamento de Scarlett mudou, seu corpo ficou tenso.

—O irmão do meu ex. —Disse ela.

—Realmente. —Bain olhou para o homem de cima a baixo.

—Michael está tentando entrar em contato com você há muito tempo. Onde você está morando?

—Eu tenho uma ordem de restrição. Ele não pode chegar perto de mim. —Disse ela.

O homem fez uma careta para Scarlett.



—Ele não gostará disso. Você já está com outro homem, mesmo quando ele está tentando resolver as coisas?

—Eu o deixei faz mais de um ano. —Disse ela. —Ele não decide mais nada na minha vida.

Bain praticamente podia sentir o medo dela contaminando o ar. E não gostou.

—Vá embora. —Disse Bain. Ele olhou ao redor, a rua estava cheias de pessoas. Tinha muitas testemunhas para colocar uma bala na cabeça deste imbecil.

Ele empurrou o homem e segurou a mão de Scarlett. Era decepcionante não poder socar aquele babaca.

Depois de caminhar mais um pouco, eles se aproximaram de um pequeno grupo de motociclistas barulhentos que estavam na frente de um bar. Era hora de levar Scarlett para casa. Não queria que ela fosse exposta a mais merda essa noite. Este passeio era para deixá-la feliz, não criar mais problemas.

—Lindos seios baby! —Gritou um dos motociclistas.

Bain colocou Scarlett atrás dele e deu um soco no bastardo, direto no rosto. Foi o suficiente para derrubá-lo na frente de seus amigos. Alguns correram para ver como o homem estava. Corria veneno nas veias de Bain. Socou mais dois homens até perderem a consciência. Parecia uma brincadeira de criança. Bain se abaixou, puxando um canivete letal de sua bota. Olhou para a multidão que estava paralisada olhando a cena.



—Mais alguém quer falar alguma coisa para minha mulher?

Sem respostas, ele recuou e levou Scarlett de volta para seu BMW.

—Você não precisava fazer aquilo. —Disse ela quando estavam distante da multidão.

—Sim, precisava. —Disse ele. —Que tipo de homem fica quieto, enquanto insultam sua mulher?

Ela olhou para ele enquanto andavam.

—Eu sou sua mulher agora?

Ele balançou sua cabeça.

—Eles não sabiam disso.

—Certo...

Ficou um pouco decepcionado. De nenhuma maneira Scarlett iria querer algo com ele. Apenas o tolerava porque era sua prisioneira. Tentou escapar várias vezes. Era uma boa garota e boas garotas se casavam com homens agradáveis, homens que chegavam em casa às cinco todos os dias e pagavam seus impostos.

Ele abriu a porta do passageiro para ela. Uma vez que os dois estavam dentro do carro, o silêncio ficou ensurdecedor.

—O seu ex. Ele a machucou?

Scarlett assentiu.

—Eu sempre escondi isso das pessoas. Ele quase destruiu a minha vida e parece que ainda assim não foi o



suficiente.

—Quer que o mate?

—Você não pode matar as pessoas apenas porque tem vontade. —Disse ela. —Não é assim que a vida real funciona... Mesmo se quisermos.

—Faria isso por você. —Disse ele. —Não precisará mais sentir medo.

—Então irá me deixar ir?

Ele não a deixaria ir, nunca. O pensamento de ficar em sua casa sozinho novamente o fez se sentir desconfortável. A solidão sempre foi sua força, mas agora queria ouvir a tagarelice de Scarlett, ouvir a respiração dela ao seu lado durante a noite e sentir a paixão que despertou nele sem nenhum esforço.

—Ainda não.

Ele começou a dirigir de volta ao seu santuário... Ou sua prisão pessoal. Não tinha mais certeza.





CAPÍTULO

SEIS

Entrar na casa de Bain novamente naquela noite deixou Scarlett confusa, o que não deveria ser surpresa quando pensou sobre o quanto sua vida mudou dentro de quarenta e oito horas. Ela foi de viver uma vida realmente de merda a ser sequestrada por um homem com o qual estava tendo fantasias sexuais. Agora, estava gostando do fato dele a considerar sua mulher. Seus sentimentos estavam por todos os lugares.

—Desculpe-me. —Disse Bain, fazendo-a se virar na sala principal. Houve muitas oportunidades de fugir e ainda assim não o fez. Nem uma vez saiu do seu lado. Mesmo o vendo matar, se sentiu segura ao redor dele. Ele iria protegê-la de tudo.

—Por que você está se desculpando?

—Eu queria que você se divertisse está noite.

—Eu me diverti. Foi bom estar com você e não ter medo.

—O fato do irmão do meu ex, Neil aparecer foi apenas má sorte. —Ela tinha uma ordem de restrição e desde o ano passado foi capaz de viver sua vida sem medo e era assim que



ficaria. Além disso, de uma maneira estranha foi refrescante saber que Bain se ofereceu para matar Michael.

—Estou curiosa, quanto você cobra? —Ela perguntou.

—O que?

—Você se ofereceu para matar meu ex. Apenas queria saber quanto seria.

Sua risada não ofereceu muito conforto.

—Você não pode me pagar, querida. Eu me ofereci para fazer de graça.

—Quanto custa um assassinato? —Ela perguntou.

—Isso é para alguma história?

—Não, apenas estou curiosa sobre um mundo que pensei apenas existir nos filmes.

—O valor muda dependendo da pessoa e quem eles são. Se for alguém importante, mas de alto risco, pode custar cerca de dez milhões. Alguns deles, como o homem de hoje, pode ser entre cinco e sete.

—Está falando sério? —Ela perguntou.

—Você tem alguns milhões espalhados pela casa?

—Não.

—Então eu faria de graça.

—Realmente acho que você está falando sério. Não está?

—Eu não brinco com dinheiro.

Ela ficou espantada.



—Alguém realmente paga todo esse dinheiro?

—E mais.

Scarlett não sabia o que dizer, então o seguiu até a sala de estar. Ele sentou-se no sofá e ela ao lado dele.

—Por que você faz isso? —Ela perguntou. Muitas perguntas giravam em sua cabeça.

—Eu sempre fui bom em matar. Já falei isso.

—Acha que pode fazer alguma coisa além de matar?

—Não. Provavelmente estarei morto. A coisa sobre ser um assassino, é que sempre haverá alguém disposto a tomar o seu lugar, até mesmo matá-lo.

Ela mordeu o lábio e se inclinou para trás.

—Obrigada por me defender hoje. Não precisava fazê-lo.

—Você estava comigo. Eu queria que se divertisse, mas aqueles idiotas arruinaram. Esse cara, ele será um problema?

—Neil? Não, ele não será.

—Estava falando de alguém chamado Michael.

—Meu ex, eu tenho uma ordem de restrição contra ele. Não é um homem muito bom e foi a gota d'água. Não confio em homens. Não quero nada a ver com eles. —Ela riu.

—Eu deveria apenas aprender a ficar quieta. Achei que estivesse recomeçando. Tornando-me uma repórter. —Ela soltou um suspiro.

—Você já se sentiu fora de si antes?



—Não há muito tempo, mas já me senti. Às vezes é difícil deixar ir esse tipo de sentimento. —Ele colocou a mão em seu joelho e ela o olhou. A mão dele era tão grande enquanto descansava em seu corpo. O calor de sua palma estava causando algo dentro dela e nunca sentiu esse desejo antes.

—Você disse que sabe como seduzir uma mulher. Alguma vez alguém significou algo para você? —Ela perguntou.

—Se estive com tantas mulheres.

—Todas elas se misturavam Scarlett. Não significaram nada e foram simplesmente um meio para um fim. —Ele começou a acariciar seu joelho.

Descansando a cabeça nas mãos, ela tentou pensar em algo diferente para se distrair.

—Sabe, tudo o que eu quis toda a minha vida era que alguém me amasse, quisesse estar comigo e nunca me deixasse ir.

Seus olhos frios a olharam. Lágrimas encheram os dela e olhou para a mão tatuada em seu joelho.

—É loucura que agora me sinta mais perto de você do que eu jamais me senti de alguém na minha vida? —Ela o olhou mais uma vez. A mão a fez ofegar quanto ele a moveu lentamente para cima. Não conseguia desviar o olhar de Bain, nem se quisesse.

Seus olhos foram para os lábios, em seguida, voltaram



para seus olhos novamente.

Ele iria beijá-la?

Ela queria seus lábios nos dela. O fogo dentro dela queimava mais brilhante do que qualquer outra coisa em sua vida.

—Você nunca teve um homem que dedicou tempo ao seu prazer?

—Não. Sempre fui um meio para eles conseguirem o que queriam. Sabe, sendo uma garota gorda toda minha vida, é o que deveria esperar. Já me disseram que se eu perder peso, eles podem me dar prazer.

Sua mão se moveu mais para cima em sua coxa e com cada subida, ela estava lutando para ter pensamentos coerentes. Ele era um assassino, uma máquina e ainda assim não importava. Havia algo sobre Bain que a chamava. Mesmo quando deveria estar assustada com o que eles já compartilharam, ela queria mais. Queria seus lábios nos dela e suas mãos em seu corpo, consumindo-a com prazer.

—Você não está gorda. Eu não acho.

Ela sorriu.

—Você está sendo doce.

—Eu sei o que eu gosto e acho que suas curvas são uma bênção. —Ele agarrou seu quadril e ela não pode evitar o suspiro que saiu de seus lábios.

—Há muita coisa que gosto em você Scarlett, e mal a



conheço.

Ela deveria pedir para parar? O aperto em sua cintura era forte e seus olhos se fecharam enquanto seu corpo despertava para a vida. Seus lábios tocaram seu pescoço e ela gemeu. Nos braços de Bain se sentia carente de afeto, de toque. Daria qualquer coisa para ele não parar. A sensação de suas mãos e seus braços ao redor dela era como um elo que não queria romper.

Seus lábios se moveram de seu pescoço e ela estendeu a mão, tocando seu rosto enquanto a beijava. Não tinha medo de tocá-lo. Esse homem puramente masculino parecia saber exatamente o que ela precisava, sem qualquer pergunta. Sua língua brincou em seus lábios enquanto a mão em seu quadril se moveu para baixo, curvando-se na direção de sua bunda e segurando-a. Segurou-a firmemente e ela não sentiu medo. Agarrando sua camisa, apertou, recusando-se a deixá-lo ir. Sua boceta pulsava e os mamilos pareciam incrivelmente duros pressionados contra sua camisa nova.

Quando abriu os lábios, Bain invadiu sua boca e ela tocou-o com sua própria língua, saboreando-o. Ele os moveu de modo que ficou por cima e ela abriu as pernas para que ele pudesse descansar entre elas. O cume duro de seu pau pressionou contra seu núcleo e ela gemeu, maravilhada com o quão grande era.

Bain rompeu o beijo e ambos estavam ofegantes.

—Ninguém tem o direito de tocá-la a menos que seja para lhe dar prazer. Todos os outros homens eram idiotas



Scarlett. Você merece muito mais. —Ele beijou os lábios novamente e ela gemeu.

—Diga-me para parar. Você precisa me dizer para parar.

Ela não disse uma palavra. Segurando sua nuca, ela o puxou para baixo precisando de mais de seus beijos. Toda sua vida quis ser o centro do mundo de alguém. Era meio irônico que sua vida girasse ao redor de um assassino, mas ainda assim, estava ligada a Bain.

—Eu não quero que você pare. Eu quero que nunca pare.

Ele rosnou, envolvendo os braços ao redor de sua cintura e ele os levantou ficando em pé. Ela deixou escapar um pequeno grito.

—O que você está fazendo? —Ela perguntou.

—Eu não vou transar com você no sofá. Merece uma cama e é exatamente para onde a levarei.

Ela envolveu as pernas ao redor de sua cintura.

—Eu não me importo com o sofá.

—Não irá acontecer.

Ele a levou até seu quarto. Seu peso não significava nada para ele enquanto abria a porta do quarto e a colocava na cama. Ela se levantou e ele começou a tirar suas roupas. Em poucos segundos estava nua e Bain a pegou colocando-a no centro da cama.

—Eu quero você nu também.



Ele a tratava como uma princesa delicada e ela gostava.

Bain deixou a cama e tirou suas roupas, as tatuagens em plena exibição. Ela lamentou pelo menino que foi uma vez. Esses monstros o transformaram no homem que era agora e sabia que havia mais nele do que deixava transparecer. Não era tão frio quanto gostava que ela pensasse. Havia um verdadeiro sentimento, emoção real dentro dele. E seria a única a ajudá-lo a sentir. Esta noite provou que havia mais para ele do que ser um simples assassino.

Seu pau era longo, duro e a ponta estava molhada com pré-sêmen. Ele se moveu para cama, mas não foi direto entre as coxas. Deitou-se ao lado dela. Um de seus braços foi para debaixo de sua cabeça de modo que o usou como uma almofada. Segurou uma das mãos dela e colocou-a debaixo da cabeça dela. Sua outra mão, ele a prendeu por trás de seu corpo de modo que ficou indefesa e aberta.

Ela estava completamente à sua mercê e ele tinha uma mão livre, que colocou em seu estômago arredondado. O calor daquela mão percorreu seu corpo e ela apertou as coxas. Bain poderia fazer o que quisesse com ela e não sabia o que era pior, o fato de querer que não parasse ou querer que a usasse.



O corpo de Scarlett era lindo. Bain fodeu muitas mulheres, jovens e velhas. Esteve com mulheres que tiveram cirurgias o suficiente para que seus corpos parecessem como borracha. Todas queriam alguma coisa dele e raramente era agradável. Sempre acreditou que fosse apenas outro trabalho. Scarlett era natural. Ela era real e ela estava em sua cama.

Ele odiou quando ela tentou esconder sua barriga. Ele amava o estômago arredondado enquanto corria as pontas dos dedos sobre sua pele. Seus quadris eram grandes e suas coxas também eram gostosas para caralho. Ele amava seus seios também. Grandes, com belos mamilos cor de rosa. Nunca gostou de apenas uma parte de uma mulher, e com Scarlett cada parte era a sua favorita. Ele amava seus seios, bunda e quadris.

O que mais gostava era de seu espírito. Ela era difícil de definir. Nenhuma outra mulher o fez quebrar as regras.

Movendo a mão para cima, segurou seu seio. Ele se inclinou e chupou o mamilo, ela soltou um gemido. Movendo a mão pelo corpo dela mais uma vez, passou as pontas dos dedos sobre os seios, barriga e coxas. Scarlett deixou de pressionar as coxas e as abriu empurrando os quadris para cima, implorando para que a tocasse.

Ela foi privada de toque. Ele percebeu, foi treinado para saber o que uma mulher queria mais do que qualquer coisa. Finalmente, tocou sua boceta. Seu calor e umidade molhou sua mão.

—Bain. —Disse ela, seu nome em um gemido, um



pedido. Ele não se importava. Movendo um dedo através de sua fenda, encontrou seu clitóris e circulou antes de descer até a entrada de sua boceta. Com apenas um dedo, empurrou dentro dela.

Sua boceta apertou ao redor dele.

—Nenhum homem merecia você, baby. Nenhum deles sabia como adorar seu corpo corretamente. —Ele retirou o dedo e se moveu ficando entre suas coxas.

—Você não precisa fazer isso. —Disse ela.

—Alguém já chupou essa boceta bonita? —Perguntou.

Ela balançou a cabeça.

—Não. Eu não gosto. Você não precisa fazer.

Ele sorriu.

—Então você não teve a boceta chupada corretamente se não gosta e acredite em mim, quando eu terminar, você vai adorar.

Sua mão estava cobrindo seu monte e ela parecia nervosa.

Bain bateu na mão e ela soltou um gritinho.

—Confie em mim. Eu não a matei certo? Ainda está viva e respirando. Confie em mim. Não estou mentindo para você.

Ela olhou para ele e afundou-se na cama.

—*Vamos, Bain. Faça-a gritar até perder a cabeça.*

Ele abriu os lábios de sua boceta, ela era bonita.



Massageando o clitóris, ouviu-a gemer ofegante. Bain sorriu antes de chupá-la, usando os dentes para dar uma leve pontada de dor. Brincou com a entrada dela, em seguida, afundou a língua em sua boceta. Ela era tão gostosa e estava amando os sons que fazia. Os gemidos apenas o faziam querer ouvir mais deles. Enquanto fodia sua boceta, acariciava seu clitóris com os dedos.

Scarlett se contorcia na cama. Ele viu as mãos dela se esticando, segurando as cobertas.

—Por favor, não pare. —Disse ela. —Isso é tão bom, Bain!

Tirando a língua de sua boceta ele substituiu-a pelos dedos, em seguida, acariciou seu clitóris. Seu pau estava tão duro que pré-sêmen escorria molhando o lençol onde estava deitado. Queria fodê-la tão duro que ela não conseguiria andar direito. Mas em vez disso, tomou seu tempo, levando-a um orgasmo, mas não permitiu que ela chegasse a tal ponto.

—Você quer que eu pare? Não gosta que um homem chupe essa boceta bonita.

—Não! Não pare, por favor. Estou tão perto.

Passando os dedos por seu monte, ele voltou a saboreá-la mais uma vez. Desta vez, não parou. Deixou-a perto de gozar, recusando-se que ela caísse em êxtase. Cada segundo que a provocava estava determinado a deixá-la tão viciada a ele que não iria embora.

—*Não há outro lugar para ela ir.*



Ele queria que ela ficasse por vontade própria. Pela primeira vez em sua vida, queria uma mulher. Ela era o presente precioso que recebeu e pretendia amá-la para sempre. Toda sua vida nunca quis nada. Nunca se importou com coisas materiais. Fazia o que queria, viver sua vida e esperar a morte. Não iria de bom grado, e pela primeira vez em sua longa e miserável existência, queria algo mais do que qualquer outra coisa no mundo. Queria que Scarlett pertencesse a ele, que fosse sua, para possuí-la e em troca poderia tê-lo.

—*Bain! Bain!* —Ela gritou seu nome enquanto ele a leva ao limite e chupava seu clitóris passando rapidamente a língua para frente e para trás. Ao mesmo tempo, seus dedos estavam empurrando dentro de sua boceta apertada. Suas costas se arquearam, os mamilos ficaram duros e um belo rubor cobriu seu peito quando ela gozou.

Somente quando os últimos tremores de seu orgasmo cessaram, ele a soltou. Moveu seu corpo para cima, limpando a umidade de seu rosto, sabendo que adoraria nada mais do que continuar lambendo sua boceta a noite toda.

Scarlett abriu os olhos e ele amou o olhar de choque em seus olhos.

—Você gostou de ter sua boceta chupada?

Ela gemeu cobrindo o rosto.

Ele puxou as mãos dela e olhou para seu rosto. Pressionando um beijo em seus lábios, começou a se afastar.



—O que você está fazendo? —Ela perguntou.

—Eu queria dar-lhe prazer.

Ela balançou a cabeça e olhou para seu pau duro.

—Eu quero você, Bain. Isso não é apenas sobre mim. Quero você. Eu o quero dentro de mim. —Ela se sentou e foi na direção dele, sua mão circulou seu pau, subindo e descendo no comprimento. Tocou seu rosto e o beijou novamente.

—Eu quero que você tenha o mesmo prazer que eu tive.

Quando ela tentou colocar os lábios a redor de seu pau, ele parou e balançou a cabeça.

—Eu quero entrar em você. —Ele retirou a mão dela e reivindicou seus lábios antes que pudesse dizer qualquer coisa. Empurrou-a para cama e sentiu-se em um momento surreal enquanto ficava deitada contra seus travesseiros, com os cabelos espalhados na cama. Ela era a mulher dos seus sonhos, aquela que nunca imaginou ter.

Abrindo a gaveta ao lado da cama, ele pegou um preservativo e rasgou o pacote. Sempre mantinha os preservativos à mão, apenas no caso. Rolando o látex sobre seu pau, se colocou entre as coxas dela. Comparado a ele, ela era muito menor e não era um homem pequeno. Sabia como usar seu pau e ela estava muito molhada. Seu orgasmo deixou mais fácil penetrá-la.

Abrindo sua entrada com a ponta de seu pau, ele começou a penetrá-la, maravilhosos centímetros por



centímetros. Sua boceta apertou, ele agarrou seus quadris, observando seu pau entrar no corpo dela. Ela era tão bonita e ele queria mantê-la, protegê-la, e droga, amá-la.

Ele era um assassino frio e duro, mas queria ser o homem certo para ela.

Apertando seus quadris, ele mergulhou o último centímetro e ambos gemeram. Sua boceta apertando seu pau.

—Você é incrível. —Disse ela.

—É tão grande.

Ele soltou seus quadris e segurou suas mãos, prendendo-as na cama. Estava perdendo o controle e porra não conseguia entender. Nunca se sentiu tão consumido, tão carente como Scarlett o fazia se sentir. Ela estava fazendo com que ele quisesse algo que lhe foi negado há muito tempo.

Tocando os lábios dela, começou a penetrá-la. No começo, foi lento, permitindo que ela se acostumasse ao seu tamanho. Em seguida acelerou, empurrando com mais força, com a necessidade de reclamá-la, marcá-la, a reivindicar como sua. Assim, a cada passo que ela desse, se lembraria da pessoa a quem pertencia.

Rompendo o beijo, ele tocou o pescoço dela, mordendo e chupando, em seguida se moveu até os mamilos.

—Por favor, Bain. —Ela disse, gemendo seu nome. Olhando em seus olhos, ele a fodeu com força e depois parou. Ela não era uma mulher qualquer. Esta era a mulher que ele queria, a mulher que iria proteger.



—O que foi? —Ela perguntou.

—O que aconteceu?

—Nada. —Na verdade, ele finalmente se sentia como se estivesse acordando, parecendo como se estivesse dormido toda sua vida.

—Diga que você me quer.

—Eu quero você, Bain.

Suas palavras eram tudo o que precisava ouvir. Ele viu que ela falava a verdade, mesmo sendo o único a pedir que dissesse essas palavras.

Ela apertou a mão dele e franziu a testa.

—O que está acontecendo? —Perguntou ela.

—Bain, você está chorando. —Lágrimas caíam de seus olhos e ele não tentou esconder. Não de Scarlett. Ela precisava ver o verdadeiro homem que era.

Diminuindo suas estocadas, Bain fez com Scarlett o que nunca fez com outra mulher. Ele fez amor com ela e a deixou ver partes de si mesmo que nenhuma outra pessoa viu.





CAPÍTULO

SETE

Scarlett se contorceu entre os lençóis, seu corpo agradavelmente dolorido. Lembrou-se da noite anterior e não pode deixar de sorrir. Nunca em sua vida experimentou algo como paixão e prazer. Bain a satisfez de maneira que nunca achou possível.

Quando abriu os olhos, percebeu que Bain não estava. Um momento de pânico se estabeleceu em seu peito. Ela se sentou tão rápido, que uma onda de tontura a pegou desprevenida.

—Bain!

Seu grande corpo encheu a porta do banheiro, escovando os dentes com uma toalha branca ao redor de sua cintura.

—Sim, amor?

Seus nervos relaxaram no instante em que o viu. Quanto mais se apaixonava por Bain, mais sentia medo que ele fosse morto por causa de seu trabalho. Não podia perdê-lo.



—Nada. —Ela puxou os lençóis sobre os seios. —Porque você está acordado tão cedo?

—Eu tenho outro trabalho. Apareceu hoje cedo e tenho apenas dois dias para me preparar. —Ele desapareceu novamente no banheiro. Ela pode ouvir o fluxo de água na pia, em seguida, o tilintar de uma navalha contra a porcelana.

Ele era tão casual sobre matar, mas ela sabia que era um assassino e ainda o queria, então realmente não podia reclamar. Apenas parecia errado. Scarlett se perguntou quem seria a pobre vítima desta vez e se merecia o que estava vindo ou não.

Bain entrou no quarto, o corpo musculoso não era fácil de ignorar. Ela observou cada movimento muscular enquanto ele vestia a calça jeans preta. Ele abotoou, em seguida, sentou-se na beirada da cama com uma camiseta limpa na mão.

—Há algo que precisamos fazer hoje. —Disse ele.

—Aquela sua amiga, a que sabe que você foi para a casa de Semenov, eu preciso de seu endereço.

—O que? Não!

Ele apertou sua coxa.

—Eu não disse que irei matá-la. Mas precisa ficar em silêncio.

—O que isso significa Bain? Eu disse que preferia tomar o lugar dela, se alguém tiver que pagar por algo. Ela não



merece que qualquer coisa ruim aconteça.

—Olha, Boss não vai parar até que eu limpe essa merda. Ainda não sei o que farei com você, mas sei com toda certeza que não posso ter essa garota abrindo a boca. —Disse ele. Bain colocou a camiseta sobre sua cabeça, o algodão se agarrando aos seus músculos.

—Nós precisamos encontrá-la, assim poderá falar para ela que está viva e bem. Sua vida está em suas mãos, por isso certifique-se de dar-lhe uma história convincente. Preciso dela para esclarecer as coisas com a polícia.

—Eu não preciso dar-lhe uma história. Quero ficar aqui. Com você. —Ela tocou seu pescoço, traçando com seu dedo os padrões intrincados. —Se Lisa acreditar em mim, tudo ficará bem?

—Uma coisa de cada vez, querida. Você tem quinze minutos. Vou deixar as coisas prontas lá embaixo. —Ele parecia todo negócios novamente, as vulnerabilidades da noite passada foram esquecidas. Ela não queria perder esse lado gentil dele pelo qual estava se apaixonando.

Quando ele se levantou, segurou seu rosto e beijou sua testa. Um único ato apagou todos os seus receios. Ela exalou quando ele saiu do quarto.

Scarlett tomou banho e vestiu a roupa que Bain comprou para ela na noite passada. Não tinha muito para vestir. Ela se perguntou se nunca mais seria capaz de voltar para seu apartamento e pegar seus pertences. Então



novamente, o que o futuro reservava para ela? Será que Bain esperava que morasse com ele? Deveria voltar para sua antiga vida em algum momento? Não queria fingir que nada disso aconteceu, esquecer Bain e todo o drama. Ele entrou em sua vida por uma razão. Precisava acreditar nisso.

Quando desceu a escada, ele estava enchendo uma grande mochila preta com armas de todas as formas e tamanhos. Ela congelou, a realidade de sua situação bateu com força.

—Por que precisamos disso tudo apenas para ver Lisa? Você disse que não iria machucá-la.

—Estou sempre preparado. Temos muitas paradas para fazer e você nunca sabe quem vai encontrar. —Bain fechou o zíper da mochila e pendurou-a no ombro.

Ela o seguiu para fora da casa.

—Que paradas? —Ela perguntou.

—Primeiro o principal. Essa fedelha Lisa precisa manter a boca fechada. —Ele deixou cair a bolsa no porta-malas de seu carro.

—Eu tenho que preparar algumas coisas para a próxima missão e precisamos fazer uma visitinha para o seu ex.

Ele se moveu rapidamente, sentando no banco de motorista do BMW, enquanto ela ficava sem palavras na parte traseira do carro. Não queria ver Michael hoje ou nunca. Mas isso não significava que queria vê-lo morto, mesmo que ele merecesse.



Scarlett sentou-se no banco do passageiro, o sol da manhã refletia no relógio de Bain. Era um Rolex caro e isso a fez pensar por que ele ainda estava vivendo esse estilo de vida perigoso quando já fez uma fortuna.

—Eu não quero ver o meu ex. Vamos esquecer sobre esse capítulo da minha vida. Acabou.

—Não acabou. Não, se ele ainda está procurando por você.

—A coisa com o irmão dele foi um acaso. Ele não sabe onde estou. Cristo, nem eu sei onde estou.

Ele se mexeu no banco, olhando diretamente para ela.

—Você está com medo. —Disse ele, sua voz calma e firme. —Nunca deixe seu medo falar. Você tem a mim agora.

Scarlett não conseguia falar. Ele estava certo. No fundo, ainda estava com medo do seu ex e as lembranças horríveis que tentava suprimir. Lembranças que mesmo Bain não conhecia.

—Você não sabe nem a metade. Eu não quero ver Michael. Não suporto o som de seu nome.

—Ambos. —Bain saiu de sua casa, e acelerando pegou a estrada. A luz da manhã permitia ver a belíssima paisagem ao redor da casa de Bain. Verdes campos e florestas, sem outra casa à vista. Ela não poderia se dar ao luxo de viver no campo. Até mesmo seu apartamento de porão na cidade apertava seu orçamento.

Seus pensamentos voaram. Scarlett não gostava da ideia



de Lisa se envolver nessa confusão. Quando Bain pediu o endereço ela sabia que ele estava testando sua lealdade, porque já estava indo na direção da casa dela. Scarlett esperava que pudesse ser convincente o suficiente. Como fazer com que sua melhor amiga acreditasse que você decidiu deixar o emprego e fugir com um estranho sem nenhuma conversa antes? Se juntasse com a cena de assassinato em massa na casa de Semenov, tudo pareceria muito rebuscado.

—Chegamos. —Disse Bain, após estacionar como um profissional fora do prédio de Lisa.

—Você pode esperar aqui. —Disse Scarlett. —Falarei com ela e voltarei em breve.

Bain nem se incomodou em responder, saindo do carro e esperando por ela na calçada com os braços cruzados. Ela suspirou. Não havia nenhuma maneira dele deixá-la fora de sua vista. Ainda era tecnicamente sua prisioneira até ele decidir o contrário.

Eles caminharam até a entrada e ela apertou a campainha de Lisa. Quando ouviu a voz de sua amiga, uma sensação estranha veio sobre ela. Afastou os pensamentos de sua antiga vida incluindo Lisa, desde aquela noite. Embora odiasse seu trabalho, a constante luta e as lembranças de sua vida amorosa terrível, Lisa sempre foi uma boa amiga.

O elevador estava quebrado, por isso, subiram a escada até o terceiro andar. Bain ficou vários centímetros atrás dela enquanto caminhavam pelo corredor. A porta abriu tão



rápido, que sua mão ainda estava em pleno ar.

—Meu Deus! Eu não posso acreditar que é você. —Disse Lisa.

—Iria à polícia hoje. Pensei que você estivesse morta. — Ela agarrou o braço de Scarlett e a puxou para dentro do apartamento. Bain a seguiu, fechando a porta atrás de si.

Lisa olhou para Bain, com um olhar de apreensão em seu rosto.

—Preciso falar com você. —Disse Scarlett. —Houve um enorme mal-entendido.

Elas foram em direção à janela, mas Lisa continuou virando a cabeça e olhando para Bain. Uma vez que ficaram fora do alcance da voz, Lisa sussurrou.

—Quem diabos é ele? É um dos homens de Semenov? Você está em apuros?

—Pare. —Disse Scarlett. —Você está sendo ridícula.

—Quem é ele? Eu deveria chamar a polícia?

—Lisa, relaxa. Ele é meu namorado. Depois do susto na casa de Semenov eu decidi deixar tudo para trás e começar de novo. Você sabe que minha carreira no escritório não estava indo a lugar nenhum.

—Espere, você está começando de novo. Com ele?

—Sim, com ele. —Disse Scarlett. —Olhe para todas essas tatuagens. Ele parece um motoqueiro assustador. Desde quando um *motoqueiro assustador* é o seu tipo de



homem?

Scarlet estava ficando preocupada. Se ela não convencesse Lisa, tinha certeza que Bain colocaria uma bala em sua cabeça. Ela deu uma pequena sacudida em Lisa para chamar sua atenção.

—Lisa, confie em mim, ele é meu tipo. É literalmente uma máquina de sexo. E estou feliz vivendo meu sonho, apenas queria vir aqui porque eu sei como você se preocupa.

—Uma máquina de sexo?

Ela não estava brincando quando disse que Bain era uma máquina de sexo, literalmente era. O homem foi feito para satisfazer as mulheres e pode testar suas habilidades na noite passada. Apenas ao pensar nele a deixava quente e incomodada.

—Ele é bom para mim, Lisa.

Sua amiga deve ter visto em seus olhos a verdade, o amor que sentia por Bain, porque Lisa a puxou abraçando-a.

—Eu estava tão preocupada. No começo, quando vi o noticiário, pensei que você estivesse morta. Então, quando ninguém disse nada pensei que estivessem investigando, então fiquei com medo e pensei que algo ruim aconteceu. Estou feliz que você esteja bem e que veio me dizer. Estava literalmente a ponto de chamar a polícia.

—Você poderia me fazer um favor? —Perguntou Scarlett.

—Diga a Carter que eu não voltarei. Não posso enfrentá-lo. Será menos uma jornalista investigativa que não precisará



demitir.

—Certo...

—Você contou alguma coisa para a polícia?

—Eu estava indo lá hoje. Não ouvi falar de você, mas não estava listada como um dos mortos. Viu a carnificina no noticiário? Havia quase uma dúzia de corpos.

—Tive a sorte de perder. —Scarlett ouviu Bain limpar a garganta e sabia que seu tempo estava se esgotando.

Felizmente Lisa parecia muito feliz por não ter um grandalhão pedindo mais informações. Ela esperava ter sido convincente o suficiente para satisfazer Bain.

Uma vez que estavam no carro novamente, ela caiu contra seu assento. Foi frustrante dizer a sua amiga meias-verdades e se preocupar com o fato de não acreditar nela.

—Isso foi bom o suficiente para você? —Ela perguntou.

—Veremos.

Eles estavam de volta na estrada e ela realmente apenas queria ir para casa. Onde era realmente sua casa? Seu apartamento era uma pequena prisão de merda onde passou suas longas noites solitárias enfatizando sobre cada detalhe de sua vida insignificante. Lar era onde Bain estivesse. Ele a fazia se sentir bonita, especial e segura. Viva em vez de somente existir. O que mais poderia pedir?

—Podemos parar na minha casa para pegar algumas roupas? —Ela perguntou.



—De jeito nenhum. Seu apartamento está definitivamente sendo vigiado.

Ela não reconheceu esta área da cidade, mas estava feliz por não irem para a casa de Michael. A casa que compartilharam era o epicentro de seus piores pesadelos. Bain virou em uma rua lateral, depois outra, antes de estacionar o carro.

—O subúrbio? E agora? —Perguntou ela, já se sentindo emocionalmente exausta.

—Vamos lá. —Disse ele. Bain deu a volta até o porta-malas, abriu e puxou o zíper da mochila preta. Ele vestiu um casaco por cima da camiseta e depois escondeu uma arma na parte de trás da calça. Cada movimento que fez foi rápido e preciso como se tivesse feito essa dança mil vezes.

Ele fechou o porta-malas e pegou sua mão. O simples ato de segurar sua mão acalmou seu coração e fez sua conexão com Bain ficar mais forte. Ela olhou para todas as diferentes casas, fileira por fileira, gramados aparados, canteiros de flores e gnomos de jardim. Mal sabiam os proprietários que um assassino estava no meio deles.

—Para onde estamos indo? —Ela perguntou.

Ele parou e olhou para casa do outro lado da rua.

—Hora de fazer a Michael uma visita.





Bain precisou segurar a fera. Tudo em que podia pensar era em quebrar o pescoço daquele canalha. Aparentemente, Michael fodeu com a cabeça de Scarlett, ensinou-lhe a ter medo e ser insegura, tornando o trabalho de Bain em conquistá-la mais difícil. Não seria fácil para ele convencer Scarlett de seu valor, mas passaria o resto da vida tentando.

Essa não era a única razão pela qual odiava o bastardo. Michael dormiu com a mulher de Bain e ainda acreditava que tinha uma chance com ela. Bain precisava fincar seu nome e definir o limite.

Ele tinha um aperto firme na mão de Scarlett enquanto atravessavam a rua. Ela não precisava estar ali para isso, mas precisava ter um encerramento e daria a ela.

—Bain não, eu não posso...

—Você não precisa ter medo garota. Nem por um segundo.

—Você não entende. —As lágrimas encheram seus olhos. Ela se agarrou a ele e seus instintos protetores dispararam. Pela primeira vez em sua vida, tinha algo de valor, algo precioso.

—Ele não apenas me machucou. Tem mais.

—O que quer dizer?

—Ele tirou algo de mim. —Ela não podia falar mais



nada. Scarlett balançou a cabeça, muito emocional para continuar. Michael realmente a levou até o inferno e voltou.

A varanda era pintada de branco, uma cadeira de balanço de madeira ao lado da porta. A imagem perfeita veio à mente. De todos os homens que matou ao longo dos anos, os piores se colocavam em grandes fachadas. Eles viviam em bairros agradáveis, tinham os amigos certos e participavam de eventos públicos da comunidade. Era tudo uma fachada para o mal que espreitava por baixo. Suspeita que com Michael não fosse diferente, vivendo no subúrbio, brincando de casinha.

—Bata na porta. Quando ele atender, diga que quer que ele pare de persegui-la. Estarei perto, então não se preocupe. Você pode fazer isso por mim?

Ela suspirou, mas balançou a cabeça. Bain não podia esperar para acabar logo com essa merda, porque odiava ver Scarlett tão nervosa. Precisava provar a ela que era capaz de lidar consigo mesmo.

Ele ficou mais abaixo na varanda, enquanto ela fazia o que ele pediu. A porta se abriu e houve silêncio. Ela congelou, olhando para frente e não falou. Bain estava prestes a intervir quando Michael falou.

—Eu ouvi dizer que você se mudou e agora... Está aqui.

—Você não pode continuar me perseguindo Michael. Pare de tentar voltar para minha vida, porque nunca acontecerá. Sabe que o que fez é imperdoável. —Disse



Scarlett.

—Você veio até aqui para dizer isso? É estranho. De qualquer forma, como encontrou o meu novo endereço?

—Não tenho mais nada a dizer. Você não tem ideia de quanta dor me causou. Basta manter distância, porque tenho uma ordem de restrição judicial.

—Você acha que isso significa alguma coisa? É somente um papel impresso. —Disse ele.

—O que isso significa?

—Use sua imaginação, boneca. —Disse Michael. —Você já esqueceu o que acontece quando me irrita? Acha que tenho medo da polícia?

Scarlett começou a se afastar, mas o idiota a agarrou pelo braço e empurrou-a para dentro da casa. Bain chegou à porta em segundos, chutando-a atrás deles.

—Que porra está acontecendo? Ele é o homem que estava com você? —Perguntou Michael.

—Cale a boca! —Bain empurrou-o no peito.

Scarlett segurou seu casaco para impedi-lo.

—Bain, não!

Ele se virou e olhou para ela. Por que estava tentando proteger esse pedaço de merda? Será que ainda o amava? Será que não tinha autoestima, porra?

Bain voltou sua atenção para Michael. Ele era patético, nem valia uma bala.



—Gosta de machucar mulheres?

—Você não tem o direito de estar aqui. Isso é propriedade privada.

Ele riu sem humor.

—Você acha que eu tenho medo da polícia?

—Isso é entre nós. —Disse Michael.

—Não existe você e ela. Scarlett é minha agora. Apenas minha.

Michael olhou para Scarlett.

—Você realmente está dormindo com esse cara? —Seu rosto ficou mais vermelho, com a testa franzida. —Eu sabia que era uma vagabunda e isso apenas prova o que você é.

Bain teve o bastante. Ele envolveu a mão ao redor da sua camisa e bateu-o contra a parede.

—Peça desculpas para ela. —Ele advertiu.

Precisou de toda a sua determinação para não estrangular esse imbecil. Ele era um lutador. Viver em sociedade era sempre um desafio quando estava acostumado a agir por impulso, sem considerar as leis ou a ética.

—Saia da minha casa. —Michael disse com sua voz rouca e o suprimento de ar limitado. Quando Michael puxou um canivete da calça, Scarlett gritou.

Bain torceu seu braço nas costas em um movimento rápido, e a faca caiu no chão.



—Porra, peça desculpas seu pedaço de merda.

—Vocês dois pagarão por isso. —Gritou Michael.

Ele se inclinou e sussurrou no ouvido do homem.

—Eu comi aquela bocetinha doce durante toda a noite, valentão. E vou comer novamente essa noite. O único pau que ela vai conhecer agora é o meu. Você precisa se lembrar disso.

Bain recuou, empurrando-o.

Michael se levantou, tentando endireitar a camisa polo.

—Fique com ela. Está mesma danificada. Eu não sei o que eu estava pensando em me juntar com isso. Eu tenho padrões.

Bain gemeu, seu temperamento estava esgotando. Ninguém insultava Scarlett. Isso deveria ser esclarecedor para ela, não fazê-la se sentir como lixo. Quando a ouviu chorando, explodiu, socando seu ex na boca.

—Você gostaria de ter uma mulher como ela. —Outro soco para garantir que mantivesse sua boca gorda fechada. — Mas fodeu com as coisas e agora ela é minha.

Quando ouviu várias portas de carro se fechar, ele olhou para fora da janela.

Porra!

Boss e três de seus homens estavam caminhando pela calçada. Bain precisava proteger Scarlett. Se tivesse que acabar com os quatro, pelo menos garantiria tempo para ela



correr.

Killian empurrou a porta. O idiota irlandês era uma das mais novas aquisições de Boss. Era cruel e sem coração, não o tipo de homem que Bain queria que fosse atrás de Scarlett. Seu sorriso sádico desapareceu quando viu Scarlett de pé contra a parede no hall de entrada. Havia rumores de que Killian nunca aceitava contratos envolvendo mulheres.

—Bem, bem, bem. Olhe para isso. —Disse Boss enquanto entrava com dois dos outros assassinos. —Eu avisei para limpar isso Bain. Não avisei?

—Eu tenho tudo sob controle. —Agora que Lisa sabia que Scarlett estava viva e bem, não havia nenhuma ponta solta. A testemunha principal não era um problema, porque agora Scarlett pertencia a Bain.

—Obviamente que não, já que eu perdi minha manhã fazendo a limpeza quando deveria estar na academia. Isso não me deixou com um bom humor. —Disse Boss.

Um dos assassinos deu um passo na direção de Scarlett e Bain instintivamente pegou a arma de suas costas, apontando-a para o rosto do homem.

—Nem sequer respire perto dela filho da puta. —Ele advertiu.

—Interessante. —Disse Boss.

—Lembro-me de Viper falar que eles te foderam além do ponto de retorno quando era criança. Agora, olhe para você. Pronto para matar o pobre Carlos por uma boceta. —Ele



encolheu os ombros e caminhou ao redor da sala, com uma arma balançando em sua mão.

—O que está acontecendo? —Perguntou Michael.

Toda a atenção foi desviada para ele depois que falou.

—E quem porra é esse desgraçado? Eu não tenho nenhum homem na minha lista, apenas as duas mulheres. Bem, uma mulher. —Disse Boss, coçando a testa com o cano de sua arma. —Você está tentando de propósito tornar isso mais difícil para mim Bain?

—Deixe Lisa em paz! —Disse Scarlett. Ela estava apavorada, mas ficava corajosa quando se tratava de ajudar os outros. Gostava disso nela.

—Esse era o nome dela? Eu já tinha esquecido. —Disse Boss.

—Bem, eu limpei o desastre épico desde que você não pode e agora estamos aqui.

—Você a matou? —Perguntou Scarlett. Ela começou a chorar incontrolavelmente, mas Bain não conseguia tirar os olhos de Boss ou de seus homens ainda. Cães latiam ao longe, o zumbido de um cortador de grama abafava os soluços de Scarlet. Era uma manhã normal para o bairro.

Boss ignorou.

—Com medo de terminar isso, Bain? Apesar de seus métodos não refinados, ainda posso ver o seu valor. Não o cortarei ainda.



Bain moveu o braço estendido, apontando a arma para Michael. Não foi uma decisão difícil, considerando que ele queria o filho da puta morto no momento que soube de sua existência. Enquanto estivesse vivo, esse medo profundo continuaria vivo em Scarlett. Essas lembranças e segredos precisavam ser encerrados permanentemente. Quando escapou de seus captores quando era um adolescente, assassinar todos eles não apagou os pesadelos, mas ajudou.

Então Bain puxou o gatilho.





CAPÍTULO

OITO

Michael caiu em uma pilha com sangue salpicando a parede. Scarlett não sentiu nada pelo bastardo malvado agora que estava morto. Ele tirou muito dela e a fez sentir mais dor do que alguém já fez. Michael era parte da razão por que encontrava prazer e paz em sua própria morte.

Lisa era o problema. Sua melhor amiga estava morta. Não, não podia estar morta. Scarlett não acreditava nisso. Lisa era uma mulher doce. Olhou para o homem que parecia ser o líder, o único que falava e não ouvia.

—Agora, por que você não teve problema em matar esse aqui? —O homem gritou enquanto apontava do corpo de Michael para ela.

—Boss, eu disse para se afastar e quis dizer isso. —Bain agarrou a mão dela e tinha uma arma apontada para os homens. Ela se segurou em Bain e se perguntou não pela primeira vez, por que ainda se sentia segura com ele. Podia ser um assassino, mas seu ex foi muito pior para ela.

—Michael me machucou tanto que matou o meu bebê.



—*Ele era um monstro.*

Ela segurou seu soluço, recusando-se a deixar que suas lembranças dolorosas distraíssem Bain. Ele não sabia. Ninguém sabia como Michael a jogou no chão e repetidamente chutou sua barriga até que abortou ali mesmo. Não a levou para o hospital a tempo e quando o fez Scarlett foi forçada a mentir sobre a violência. Precisou ver a evidência dolorosa do que perdeu.

Isso a deixou um pouco louca da cabeça? Ela não sabia.

Boss suspirou e então começou a andar. Ele deu quatro passos para um lado e quatro passos para o outro. Para alguém que andava de um lado para o outro era bastante preciso em como lidava com seus passos. Sentia-se louca por ser hipnotizada pela forma como alguém andava.

—Você tem um trabalho a fazer e isso é exatamente o que quero dizer.

—Foda-se, Boss. Eu fiz o que você queria.

—Não. Você deixou bagunça por onde andou. Para alguém que sabe o que está fazendo, foi desleixado. Você não é profissional. Não é nada da porra como Viper foi.

—Então o contrate de volta. Lembre-se que foi você que veio até mim. Queria-me, não o contrário. Eu faço o meu trabalho e foi o que fiz.

—Então mate ela! —Boss gritou. —Mate-a. Prove agora que você pode seguir ordens. Agarre seu maldito pescoço e coloque uma bala cabeça. Ela é um problema, Bain. Faça o



que sabe fazer. O que é fácil de fazer.

A mão de Bain apertou ao redor dela. Não era doloroso ainda, mas estava chegando perto.

—Eu mato as pessoas que você me pede, mas isso eu não farei.

Por que Bain estava tão calmo?

Boss exalou, foi um som exasperado.

—Sabe, tinha minhas dúvidas sobre você e a cada passo do caminho está provando que eu estava certo em duvidar. — Estalou os dedos e os homens com ele ergueram as armas.

Ela ofegou quando Bain a soltou e ergueu sua própria arma. Ele não apontou para qualquer outra pessoa, mas para Boss.

—Você realmente quer fazer isso? —Perguntou Bain.

—Eu limpo minha bagunça.

—Não há nenhum problema aqui. —Disse Bain. —Mas colocarei uma bala na porra de sua cabeça se não se afastar e estou falando sério.

—Você não tem... Porra. —Boss não chegou a terminar quando Bain atirou no ombro. Boss gemeu e amaldiçoou. Sua mandíbula flexionou enquanto colocava a mão em seu ombro. Os três homens com ele não fizeram nada. Continuaram mantendo suas armas contra eles, mas nada aconteceu.

Bain acabou de atirar em seu chefe, então por que não



estavam atirando? Ela esperava uma repetição do tiroteio como na casa de Semenov. Seu coração disparou e todo o seu corpo tremia. Bain se moveu para que ela ficasse protegida por seu corpo. Ela segurou a cintura dele, esperando lhe dar força, mesmo quando a dela estava sumindo rapidamente.

—Você atirou em mim?

—Você ia dizer que eu não tenho bolas. Eu tenho Boss. Não dou à mínima se você vive ou morre. Em toda a minha vida nunca tive nada. Entreguei tudo. E dei a todos que queriam alguma coisa, tudo. Não sobrou nada. Você não a terá. Não desistirei dela. Não por você. Não por *Killer of Kings*. Por ninguém.

A emoção na voz dele a deixou surpresa. Ele estava no limite. Não poderia mais ninguém sentir isso? Todos estavam se enfrentando e Bain estava lutando por ela. Ninguém nunca lutou por ela. Ninguém nunca se importou. Sempre foi um meio para um fim. Algo a ser eliminado ou substituído.

A tensão era espessa. Fez-se silêncio na casa e ela tinha certeza de que poderia ouvir um alfinete cair. O tempo pareceu parar enquanto cada um deles esperava alguém fazer o primeiro movimento.

Houve um som de uma porta de carro se fechando e Boss foi o primeiro a murmurar.

—Esse filho da puta é popular?

Um dos homens se moveu e olhou pelas cortinas.

—Viper está aqui.



—Você está brincando comigo. —Disse Boss, movendo-se em direção à porta. —Essa é a porra de uma reunião de família?

A porta se abriu e outro homem com um olhar mortal entrou na casa, uma cicatriz deformando a metade de seu rosto.

—Vejo que cheguei a tempo.

—Viper, que porra você está fazendo aqui? —Perguntou Bain.

—Eu posso estar fora do negócio, mas um assassino contratado nunca realmente fica distante. Eu tenho uma mulher para proteger e um negócio de família para manter próspero. —Viper franziu a testa e apontou para Michael.

—Você conhece esse homem?

—Não. Eu não o conheço, mas ele machucou a minha mulher e por isso não podia viver mais um dia. Ele a machucou e acho que fez outras merdas que eu nem sequer sei.

—Então era um pedaço de merda. —Disse Viper. Ele colocou as mãos nos bolsos.

Tudo isso era surreal para ela, como estar na casa de Michael com um bando de assassinos, matadores de aluguel com armas mortais que cobravam um preço muito alto.

—*Merda.*

O homem que ela odiava mais do que tudo agora estava



morto e as pessoas a viram entrar no bairro. Será que pensariam que ela o matou? Uau estava realmente se sentindo enjoada agora e tudo o que estava acontecendo ao seu redor a assustava.

—*Respire Scarlett, respire.*

—Eu quero saber por que você está aqui, Viper. —Disse Boss.

—Você veio para uma festa e como eu considero Bain um irmão... De verdade...

—Considera? —Perguntou Bain. Ela ouviu a confusão em sua voz.

—Nós fizemos um juramento, Bain. Você e eu, nós compartilhamos sangue e nos ligamos. Não irei matá-lo. Eu já falei isso milhões de vezes e estou falando sério.

Ele quis dizer o juramento de sangue? Scarlett olhou para a mão dela e se perguntou com quantas pessoas Bain compartilhou sangue. Antes que as dúvidas inundassem sua mente, se lembrou de que ele falou que apenas compartilhou sangue uma vez antes. Essa outra pessoa deveria ser Viper, o que significava que estava com ele quando eram crianças.

Ela realmente precisava se deitar. Estava começando a se sentir um pouco tonta com a sobrecarga de informação. Para não mencionar estar na casa de Michael e seu corpo morto apenas a centímetros de distância. Levou muito tempo para finalmente conquistar seu auto respeito e deixar seu julgamento horrível.



—Então por que droga está aqui? —Perguntou Bain. —
Você está fora do negócio. Não deveria estar aqui.

Ela sentiu suas costas vibrando e tentou oferecer-lhe algum conforto com seu toque.

—Eu precisava ter certeza de que você estava fazendo a coisa certa. Não está acostumado a trabalhar para outra pessoa. É muito diferente de ficar sozinho. —Viper olhou para ela.

—Será que ela vale mesmo a pena?

—Não ouse olhar para ela. Eu limpei a porra da minha bagunça, e você fez o que queria. Ou não se lembra?

—*Killer of Kings* tem uma reputação a defender, Bain. Você precisa fazer as coisas por um determinado código. Ela é uma ponta solta. —Disse Viper.

—Ela é minha! —Bain rosnou. Scarlett o segurou com força. Ela não se importava se parecia estúpido, mas precisava que ele soubesse que estava ali, se precisava dela. O silêncio mais uma vez caiu entre eles.

—Você não a levará para longe de mim. Irei colocá-la no carro e você ficará aqui. Eu volto logo.

—Vá com ele. —Boss disse, apontando para um dos homens com olhar assustador.

Eles guardaram suas armas e Bain rapidamente a levou para fora da casa. No momento em que passaram por Boss, Bain a puxou para frente de modo que ficasse completamente



coberta em todos os sentidos.

—Bain, o que está acontecendo? —Perguntou ela.

—Terei uma longa e agradável conversa com esses idiotas, depois vamos voltar para casa onde passarei o restante do nosso dia fodendo-a. —Eles chegaram ao carro e ele se inclinou para frente, abrindo a porta.

—Eu quero que você dirija rápido e muito longe daqui.

—Não.

—Você não tem nada a temer. Eu a encontrarei quando terminar.

—Não vou fugir. Não irei para nenhum lugar e correr o risco de nunca mais vê-lo. Se você morrer hoje e não sair daquela casa, então eu também estarei morta.

—Todo mundo que poderia machucá-la se foi. —Disse Bain. —Eu quero que você seja feliz.

Ele era tão doce. Era o pensamento mais estranho no mundo a ter sobre um assassino. Não era mau para ela. Bain era muitas coisas, mas estava se apaixonando por ele. Era difícil, mas ao mesmo tempo não. Inspirava tantas emoções dentro dela e não podia ir embora ou deixá-lo.

—Eu lidarei com isso. —Ele entregou-lhe uma arma. —Prometa que se eu não sair daquela casa, se manterá viva. Precisa fazer isso por mim. Precisa viver.

As lágrimas encheram seus olhos, caindo por suas bochechas.



—Não. Eu não quero viver sem você. Não me faça fazer isso.

Ele segurou seu rosto e mais uma vez a puxou para um beijo.

—Faça o que eu disse.

—Ele matou Lisa. —Ela sussurrou.

—Eu lidarei com isso doçura. Confie em mim, certo?

Com isso, ele se virou e ordenou que o outro homem o seguisse. Ela entrou no carro e viu quando entrou na casa. Olhando para a arma na mão, seria tão fácil acabar com sua vida miserável, mas e se Bain saísse daquela casa? Hoje deixou de ser um dos melhores dias de sua vida, transformando-se de repente em um dos piores. Não havia nenhuma maneira de viver sem Bain, não agora, não depois de se apaixonar. Preferia morrer a ficar sem ele.

Olhando para a arma, tomou sua decisão. Se Bain não saísse por aquela porta, acabaria com sua própria vida.



Bain estava irritado e frustrado. Esse não era o jeito que queria que as coisas acontecessem. Queria que Scarlett encontrasse algum tipo de consolo ou encerramento. No mínimo queria que ela enfrentasse seus demônios como ele fez todos esses anos. Em vez de ajudá-la com a situação, tudo



o que fez foi deixá-la pior e agora se sentia mal por isso.

Olhando para Viper quando entrou na casa de Michael, ele viu que seu amigo estava um pouco preocupado. Bain realmente nunca soube onde colocar Viper em sua vida. Quando eram mais jovens Viper lhe deu esperança quando tinha pouca fé. Depois de sair, eles foram parceiros, unidos em viajar pelo mundo. Ao longo dos anos seguiram rumos diferentes, mas sempre se encontrando. Na última vez Viper encontrou o amor de sua vida e deixou *Killer of Kings*. Bain foi o seu substituto.

Encarando Boss, Bain sentia vontade de matar o homem, mas sabia que não podia. Seu instinto dizia que quem matasse Boss acabaria com um enorme buraco na cabeça. Seria apenas uma questão de tempo antes que estivessem mortos.

—Você quer me dizer por que porra está me seguindo?
—Perguntou Bain.

—Eu já falei. Estou limpando a sua bagunça Bain, e você está fazendo uma bagunça do caralho. —Disse Boss. O proprietário do *Killer of Kings* olhou para Michael.

—Ele não era o filho da puta para matar. Por que aquela cadela não está morta? Por que aquela outra mulher não está morta? Pensei que estivesse lidando com isso. Não fez uma única coisa que pedi para fazer. *Killer of Kings* é um serviço confiável. Temos garantias, é por isso que as pessoas pagam uma maldita fortuna para nos usar e não algum pedaço de



merda.

Bain olhou para o outro homem.

—Tudo foi tratado. Eu matei quem precisava. Isso é tudo. E estava lidando com Scarlett. Ela não é seu problema. É meu.

—Ela é uma ponta solta. Um que você precisa foder e cortar.

Bain não pensou sobre o que ele fez em seguida, simplesmente reagiu. Agarrou Boss pelo pescoço, o pressionando contra a parede mais próxima com uma arma em sua têmpora.

—Você não tem que me dizer a porra do que fazer. Entendeu? Irá deixar Scarlett fora disso. Ela não é seu problema. Nunca será sua preocupação.

—Você faz parte do *Killer of Kings*, imbecil. Tudo que faz é meu problema. Respira, mijá, fode, é fodido, tudo é relevante para mim. Você deu tudo para estar em meus livros e é assim que ficará. —Boss não tinha medo. Estava calmo, a sua confiança era anormal, porra. Bain imaginava que tinha músculos e habilidades para apoiá-lo, mas agora não se importava.

—Bain, solte-o. —Disse Viper.

—Não. Eu deveria matá-lo agora. Acabar com isso.

—Se você matá-lo começará uma guerra que nunca poderá ganhar. Boss é o número um. Sempre foi e sempre



será.

—Diga-me que nunca pensou em acabar com ele. Matá-lo. —Disse Bain.

—Mais vezes do que eu poderia contar, mas não vale a pena. Ele não vale isso.

—Agora vocês dois estão partindo a porra do meu coração. —Disse Boss.

Bain olhou para o diabo. Boss podia brincar e fazer com que todos pensassem que ele era seu melhor amigo. Ele via a verdade. Boss era um monstro. Foi como conseguiu comandar por tanto tempo. Boss fazia o trabalho que ninguém mais podia.

Afastando sua arma Bain recuou, mas não muito.

—Deixará Scarlett em paz.

—Por que ela é tão importante para você? —Perguntou Boss.

—Porque ela é minha mulher. Pertence a mim.

—Há um milhão de mulheres lá fora, todas com o mesmo tipo de boceta. Foda elas. Não a mulher que viu você matar aqueles homens.

—Ela é minha! —Bain gritou e Viper se colocou entre eles.

—Tire-os daqui. —Disse Viper.

Boss ordenou que os três homens saíssem e Bain não teve escolha, senão impedi-los.



—Vão pela porta de trás. Eu disse para a minha mulher fugir se ela visse alguém sair da casa além de mim.

—Pelo amor de Deus. Essa boceta o pegou de jeito. Saíam pela maldita porta de trás. —Disse Boss.

Em poucos segundos estavam sozinhos.

—O que está acontecendo aqui? —Perguntou Boss.

—Você está me dando dor de cabeça.

—Eu quero Scarlett. E não estou negociando.

—Você está me dizendo que está deixando o trabalho?

—Não. Eu não posso parar o que faço. —Disse Bain. — Preciso matar.

—E não irá desistir dela? —Perguntou Boss.

—Eu não posso.

—Ela é apenas uma boceta.

—Para todos os outros, mas não para mim —Disse Bain.
—Eu preciso dela. É minha e você não pode levá-la para longe.

—Foi por isso que quis que os outros saíssem. —Disse Viper. —Sabe o que passamos quando éramos crianças. Não finja que não. Sabe de tudo, porra. Não tínhamos nada. Toda vez que tentávamos encontrar algum resquício de amor ou qualquer coisa, tiravam de nós e nos faziam destruí-lo ou vê-lo morrer. Nunca tivemos nada em nossas vidas para chamar de nosso. As casas. A merda material. Não significam nada. Não são nada para nós. Ele quer Scarlett. Deixe-o tê-la. Você



não tem nada a perder.

Bain manteve sua boca fechada. Ele não estava interessado em jogar agora. Toda vez que Boss falava, queria matá-lo.

A única coisa que o mantinha longe era a mulher do lado de fora esperando por ele e o futuro que planejou para os dois. Uma verdadeira família.

Boss gemeu.

—Bem, você sabe o que? Fique com a mulher, mas se esta pequena obsessão desaparecer lidará com ela, entendeu?

—Sim. —Disse Bain.

—Também ficará no *Killer of Kings*. Eu não o deixarei desistir de mim. No entanto, tem o resto do mês de folga até este período lua de mel acabar.

—Você não vai me dar uma surra? —Perguntou Bain.

—Não. Eu não vou. Ainda vejo o seu valor. Mas fará o que eu disser e haverá um preço por este pequeno presente que me deu. —Ele tocou a ferida sangrando em seu ombro.

—E quanto a Lisa? Scarlett falou com ela e resolveu tudo. Tudo que a mulher sabe é que Scarlett tem um namorado e ficou comigo na semana passada.

—Ela está morta Bain. Obviamente. Eu disse que amarrei as pontas soltas e ela era uma delas.

—Ela não precisava morrer.

Boss e riu.



—É por isso que nenhum de vocês nunca será melhor que eu. Você nunca poderá fazer o trabalho que precisa ser feito. Ela era inocente até ter o potencial para nos incriminar. Agora está morta. A coitada se matou na banheira. —Ele se aproximou.

—Da próxima vez que eu disser para limpar sua merda, o fará, caso contrário terei certeza que você seja a ponta solta. Saia agora e limparei essa bagunça.

Bain queria bater no rosto do filho da puta. Em vez disso, saiu com Viper logo atrás dele. Ele olhou para o carro e viu o alívio de Scarlett. Ele sorriu e deu-lhe um aceno.

—Você a ama? —Perguntou Viper.

—Sim.

—Ela vale a pena ter Boss irritado com você?

—Pepper valeu a pena? —Bain perguntou sem tirar os olhos de Scarlett. Ela estava com a cabeça inclinada e parecia sorrir. Parte dele esperava que estivesse muito longe. Ela não o deixou e isso o fazia feliz.

—Você sabe que sim. Eu ia matá-la. As coisas mudaram. —Disse Viper.

—Scarlett me faz sentir em paz e quando estou com ela o passado deixa de existir. Não posso deixá-la ir e não o farei. —Finalmente se virou olhando para o amigo.

—Você não precisava ter vindo hoje. Eu estava bem.

Viper encolheu os ombros.



—Eu tenho minhas maneiras de manter um olho em você. Boss pode ser um grande idiota e eu sabia que não merecia morrer.

—Você não precisa ficar de olho em mim. Posso cuidar de mim mesmo e venho fazendo isso por um longo tempo.

—Acho que é difícil apenas deixá-lo ir depois de todo esse tempo. —Disse Viper.

Eles compartilhavam um vínculo. Era estranho, mas não gostava de pensar muito sobre isso.

—Eu prometi a ela que iria mantê-la segura. Nós compartilhamos sangue, o que eu acho que lhe repugnou um pouco. —Ele sorriu.

—Esse é um grande passo com você.

—Ela ficará irritada. —Disse Bain.

—Por quê?

—Por sua amiga Lisa estar morta e prometi que não iria matá-la.

—Você não o fez. Boss sim. Um conselho, quando ele diz que fará algo, com certeza o fará. Sem perguntas. Vai armar algo por você ter atirado nele, então fique de olho. —Disse ele.

—Preciso ir para casa. Pepper não queria que eu viesse, mas não podia deixá-lo enfrentar isso sozinho.

—Adeus Viper. —Bain caminhou em direção ao carro e sentou-se ao volante. Logo se afastou do meio-fio, indo para casa.



Eles estavam vivos, seguros e juntos.

—Eu não planejei o que aconteceu lá. —Disse Bain.

—Qual parte?

—Tudo. Eu esperava que Michael visse sua força e sua beleza. Ele era um idiota. Nunca precisará se preocupar com ele novamente.

—E Lisa?

Ele suspirou. Seu coração doía pelo sofrimento de sua mulher. Essa era a última coisa que queria que ela passasse. Suas lágrimas significavam mais para ele do que qualquer outra coisa. Quando chorava era como se tivesse falhado em mantê-la feliz.

—Eu sinto muito.

—Esse homem é um monstro. Por que você não o matou? —Perguntou ela.

Ele riu.

—Eu ia, mas Boss é o chefe assim ele iria garantir que todo mundo entrasse em um inferno. Eu puxo o gatilho, Boss morre por minha mão e será uma questão de dias, se não horas antes de me juntar a ele. Seria caçado até os confins da terra.

—Está brincando, não é? Não há como isso acontecer. Ele estaria morto.

Bain segurou sua mão, pressionando um beijo em seus dedos.



—*Killer of Kings* sobreviveria. É por isso que ele é o mais forte e mais poderoso. Não há limite para o que Boss faz.

Era por isso que ele precisava manter Scarlett longe de Boss, apenas no caso do filho da puta mudar de opinião.





CAPÍTULO

NOVE

Quando Scarlett avistou a casa de Bain sentiu uma instantânea sensação de felicidade. Se o mundo inteiro desaparecesse, deixando apenas os dois neste pequeno pedaço do paraíso, seria bom. Bain poderia ter um estilo de vida pouco ortodoxo, mas ela ainda estava em choque. Como era possível se sentir confortável com a morte e o perigo constante?

Eles entraram pela longa estrada de cascalho da antiga casa de fazenda. Era de tijolo simples, dois andares, com gramado descuidado, mas era acolhedora e convidativa. Quando ele desligou o motor, o silêncio se estabeleceu. Percebeu que nenhum deles falou durante todo o percurso de volta para casa. Seus pensamentos estavam dispersos.

—O que acontecerá com Michael? —Ela perguntou.

—Boss cuidará de tudo. É o que ele faz.

Ela assentiu com a cabeça. Era difícil tirar a visão do corpo de seu ex da mente, mesmo que sentisse uma paz recém-descoberta sabendo que ele foi embora. A única maneira de ficar sã era se convencer de que Michael merecia



seu destino. Ele matou o bebê inocente crescendo dentro dela.

—Você atirou no seu chefe. Por que ele não atirou de volta? Havia quatro deles.

—Preciso me lembrar de que o filho da puta é humano. Talvez não sinta dor. —Disse Bain, com as mãos apertando o volante.

—Eu não gosto de como ele me deixou ir embora tão fácil.

—Deve reconhecer o seu valor.

Bain respirou fundo e saiu do carro. Ela seguiu-o quando entrou na casa.

—Quem eram todos aqueles homens? Você os conhece? —Ela perguntou. Scarlett tinha a sensação de que Bain não queria falar sobre isso, mas não podia fingir que não aconteceu nada. Ajudava a falar sobre as coisas e ela tinha muitas perguntas.

—Viper é aquele sobre o qual falei e com quem cresci. É o único que hesitaria em matar. Queria ter certeza de que eu não fizesse nada estúpido porque me indicou para *Killer of Kings*. Talvez não tenha sido tão ruim que ele aparecesse. Quando se trata de você, eu perco a cabeça.

—Ele o ama. Pude ver isso em seus olhos.

—Eu não iria tão longe. —Disse ele.

—Mas fora os cinco, ele seria o menos provável que



puxaria o gatilho.

—E quanto aos outros?

—Conheço o novo braço direito de Boss, Killian. Não vi os outros dois antes, mas conheço poucos que trabalham para *Killer of Kings*.

Apoiou as duas mãos no balcão da cozinha, de costas para ela. Assim colocou uma mão sobre a dele.

—Ficará bem? —Perguntou ela.

Seu humor pareceu mudar, como se ele percebesse o quão distante ficou. Bain sorriu quando se virou.

—Sinto muito querida. —Ele segurou sua cabeça contra o peito, o outro braço mantendo-a perto.

—Isso deve ser assustador para você. Continuo me esquecendo de que não está acostumada com essa merda.

—Apenas quero ser feliz. Estou cansada de não ter sorte na vida.

Bain levantou seu queixo.

—As coisas serão diferentes agora. Você é minha e todos sabem disso. Boss deu-me o restante do mês de folga, então sou todo seu.

—Mesmo?

—Pode fazer o que quiser comigo. —Ele piscou.

Deus, ele tinha um rosto bonito, tão áspero. Ela podia olhá-lo durante todo o dia. E seu corpo... Apenas imaginar seu corpo musculoso nu a fazia ter pensamentos muito



pornográficos.

—Disse que iria passar o restante do dia... Você sabe.

Ele pegou-a em seus braços sem aviso. Ela não era leve, mas levou-a para cima como se pesasse quarenta e cinco quilos. Bain foi para um banheiro no andar de cima onde tinha um chuveiro grande, colocou-a no chão e abriu a água.

—Depois de cada trabalho, eu gosto de vir aqui e tomar um longo banho. Ao me limpar, imagino a água afastando a merda da minha cabeça. —Ele puxou a camisa e seu cabelo caiu pelas costas. —Você pode fazer a mesma coisa, tudo bem Scarlett? Esqueça o que viu hoje. Deixe a água lavar tudo.

—Está tudo bem Bain. Você não precisa me proteger. —Ela tirou a calça capri e ficou ali de pé de sutiã e calcinha. —E não culpo você por nada. Estou feliz pelo que você fez.

Ele segurou seu rosto e lhe deu um beijo suave.

—Eu não posso suportar a ideia de você ser uma parte do meu mundo. É muito boa para isso e não quero contaminá-la.

—Estou mais quebrada do que você pensa. —Disse ela.

—Talvez duas metades podem se tornar uma só?

Ela viu a emoção nos olhos dele porque refletia a sua própria. Ele não era nada como o homem que viu pela primeira vez na casa de Semenov.

Bain gemeu quando tirou sua camiseta.



—Hoje à noite, vamos esquecer tudo. Não há mais nada. Apenas você e eu.

—Ok. —Ela sussurrou.

Uma vez que ambos ficaram nus, Bain abriu a porta de vidro grande para que pudessem entrar. A água quente do chuveiro fluíu como chuva sobre suas cabeças. Ele estava certo. Havia algo de cura na água descendo por seu cabelo e rosto, o velho sendo lavado, substituído com pensamento de esperança e novos começos.

O grande corpo de Bain se elevava sobre ela. Ele apoiou uma mão na parede do chuveiro e a outra ficou na parte inferior de suas costas. Puxou-a para perto até que ficou apenas um pequeno espaço entre eles.

—Você é linda Scarlett. Mais do que eu mereço.

—Não diga isso. —Disse ela. —Você é um bom homem.

Ele riu.

—Não pensará assim depois desta noite. —Bain beijou-a na boca, a água caindo ao redor deles. Sua necessidade ignorada voltou com todas as forças. Seu corpo duro e tatuado continuou se aproximando até que ela ficou pressionada contra a parede de azulejos. Podia sentir seu desejo, sua energia masculina ao redor dela. Scarlett colocou uma mão em cada um dos bíceps de Bain, saboreando a sensação da flexão dos músculos. Ela fechou os olhos quando ele beijou seu pescoço, a língua traçando padrões ao longo de suas zonas erógenas.



—Isso é tão bom. —Disse ela.

—Eu não me canso de você. —Ele voltou para seus lábios, devorando, saboreando, reivindicando. A aspereza de sua barba por fazer arranhava seu rosto, mas não se importava. Sua força a excitava. Ele poderia quebrá-la ou colocar uma bala em sua cabeça, mas Bain a amava, a queria. Era maravilhoso domar essa fera.

Eles conseguiram se secar um pouco e caminharam para o quarto. Diferente da noite anterior, o sol não se pôs, então não tinha como esconder sua nudez. Normalmente, ficaria um pouco desconfortável, mas passou desse ponto no chuveiro. Tudo o que queria era sentir Bain tomando-a novamente. Ela teve outros homens e isso apenas confirmou que ele estava acima da média e era a fantasia de qualquer mulher, inclusive a sua.

Ela queria dar-lhe algo mais, envolver os lábios ao redor de seu pau grande. Ambos precisavam de um escape, abrir mão do controle em troca de novos prazeres. Scarlett inclinou-se, beijando-o em seu duro abdômen e descendo para seu pau duro. A boca salivou com seu desejo de saboreá-lo, senti-lo na língua. Ela envolveu a mão ao redor da base e lambeu a ponta lisa.

—Não Scarlett, não. —Ele se afastou, sentando na cama. —Deixe-me fazer amor com você.

Ela estava fazendo errado? Ele tinha um pau bonito, tão perfeito como o resto do corpo. Os homens não gostam que suas mulheres coloquem a boca neles? Queria



desesperadamente dar prazer a ele e explorar seu corpo.

Quando ela olhou para ele, percebeu que seu peito subia e descia rapidamente, como se tivesse acabado de levar um susto ou de correr.

—Você está bem? O que tem?

Ele balançou sua cabeça.

—Nada. Venha aqui, doçura. Deixe-me fazê-la se sentir bem.

Algo não estava bem. Ela não queria apenas tomar e nunca dar de volta. Não era justo. Scarlett estava entre suas pernas abertas e ele segurou sua bunda, levando o mamilo até a boca. Ela gemeu, sua boceta pulsando em resposta. Bain era tão bom no que fazia que quase esquecia tudo.

—Não. —Ela se afastou. —Por que você não me deixa chupá-lo?

—Você não quer fazer isso. —Disse ele.

—Mesmo? Você está errado, Bain. Eu quero. Fiz algo errado? Pode me ensinar o jeito que gosta.

Ele tentou alcançá-la, mas ela não o deixou se aproximar.

—Scarlett, é apenas algo com o que não posso lidar. Isso me deixa ansioso, porra. Até mesmo com o sexo, levei um longo tempo para poder sentir prazer. Com você, as coisas são diferentes. Mas...

—Como é diferente de sexo?



Bain não a olhava nos olhos. Ele bateu no seu colo e ela de bom grado se sentou, envolvendo um braço ao redor dele. Não conseguia parar de beijá-lo e tocá-lo.

—Quando eu era jovem, fui forçado a deixar as mulheres me usarem. Meus captores me machucavam se fizesse algo errado e o castigo não parava até que ficasse perfeito. Fizaram muita merda comigo, Scarlett. Não gostava do que faziam, odiava. Desde que a porra desse capítulo da minha vida terminou, há certas coisas que eu realmente não consigo superar. Sabe o que eu quero dizer?

Ele foi forçado e isso não era diferente de um estupro. Não admirava que tivesse problemas com sua sexualidade. Seu amor por ele aumentou, assim como sua necessidade de curá-lo.

—Eu sou diferente, Bain. Nunca o machucaria.

Ele beijou seu ombro e ela segurou a cabeça contra seu peito. Scarlett mal podia imaginar os horrores que passou. Ela não podia suportar vê-lo tão quebrado, incapaz de confiar ou juntar seus pedaços novamente. Não era muito diferente de sua visão sobre a vida. Eles eram tão diferentes, mas ao mesmo tempo tão parecidos.

—Não é tão simples. —Disse ele.

—Não quando o passado fode com a sua cabeça.

Se ela quisesse que ele confiasse nela, teria que fazer o mesmo.

—Lembra-se que eu disse sobre ter segredos a respeito



de Michael? Bem, eu estava grávida. —As lágrimas encheram seus olhos antes que pudesse terminar. A dor ainda era recente, como se tivesse acontecido no dia anterior, não mais de um ano atrás. —Eu o perdi antes que nascesse. Por causa do abuso de Michael.

Ela sentiu a força do aperto de Bain.

—Isso não é um segredo, Scarlett. Não foi culpa sua.

—Eu deveria tê-lo deixado. —Disse com as lágrimas fluindo livremente. Balançou a cabeça, ainda irritada consigo mesma.

—Se eu tivesse coragem, poderia ter escapado e hoje teria um filho. Mas não sou corajosa. Não sou nada. Não tenho nada. E nunca poderei me perdoar. —Ela se sentiu tão estúpida por estar nua e chorando. Estava uma bagunça.

—Eu sei o que ser abusado pode fazer a uma pessoa. Você se torna uma sombra de si mesmo, incapaz de distinguir entre a realidade e a merda fodida que querem que você acredite. Não é sua culpa, querida. —Ele ergueu a voz para expressar seu ponto de vista e a surpreendeu que este homem pudesse se importar tanto com seu sofrimento quando originalmente planejou matá-la. Não contou a ninguém o seu segredo vergonhoso e não teria acreditado na simpatia de qualquer um. Porém Bain era diferente. Sabia que ele conseguia entender como sua cabeça estava confusa enquanto estava com Michael. Ele destruiu sua confiança até que se transformou em uma concha e o abuso roubou toda



sua força.

—Como você seguiu em frente?

Ele sorriu e olhou para ela.

—Você gostar de mim. Se sobreviver, você existe. Eu matei para acalmar os demônios dentro de mim. Não foi até que você entrou na minha vida, que percebi que poderia haver mais.

Ela sorriu com mais lágrimas fluindo, mas não eram de auto piedade.

—Eu quero ser feliz com você. —Disse ela.



Bain sabia tudo sobre o aborto de Scarlett a partir dos registros hospitalares, mas se recusou a falar. Era sua escolha compartilhar isso com ele ou não. O fato de se abrir para ele liberando toda a dor e tensão reprimida o fez sentir-se mais próximo dela.

—Eu preciso de você. —Disse ele.

O momento vulnerável gerou mais paixão do que já conheceu ou sentiu. Ele queria ser dono de Scarlett, reclamá-la, mantê-la para si mesmo. O pensamento de qualquer homem entre eles o irritava seriamente.

Eles deitaram na cama entrelaçados, não sendo capazes de obter o suficiente um do outro. Seu pau estava pesado e



duro. Não podia esperar para entrar profundamente dentro da linda e pequena boceta de Scarlett, marcando-a como sua uma e outra vez. Com ela o sexo era exatamente como deveria ser, era o único momento que agradecia sua formação.

—Oh Deus, Bain. Eu quero você.

Ele beijou seu pescoço deixando-a de costas para que pudesse brincar com seus seios. Bain esfregou o rosto entre eles, em seguida, chupou o mamilo, provocando-a até que ela arqueou as costas.

Quando a mão dela envolveu seu pau, seus olhos se fecharam.

—Eu quero prová-lo Bain. Por favor...

Aquelas cadelas o arruinaram para o sexo, machucando-o de maneiras desumanas. Seus captores estavam empenhados em criar uma máquina de matar que poderia foder. Ele sabia que podia confiar em Scarlett, ela era doce e carinhosa, mas não conseguia superar suas próprias inseguranças, porra. Bain odiava ter uma fraqueza e não queria que isso governasse a sua vida para sempre.

—Você não precisa fazer isso. —Disse ele.

—Eu quero. Eu te amo.

Aquelas palavras pareciam irreais e seus instintos esperavam decepção. Ele normalmente matava quando se sentia empurrado contra a parede, mas quando se tratava de Scarlett parecia pronto para enfrentar o mundo.

Ela se moveu ao longo de seu corpo, as unhas



delicadamente percorrendo seu peito. Quando ela alcançou seu pau Bain se encolheu, mas se forçou a sair do passado. Passou a mão pelo cabelo sedoso, focando no quanto queria esta mulher.

Sua boca estava quente e úmida quando cobriu a cabeça inchada. Ela se moveu lentamente, cautelosa e a mão livre envolveu firmemente a base de seu pau. Bain fechou os olhos, saboreando a sensação de seus lábios levando-o mais profundo, sua língua traçando a veia sensível com cada movimento ascendente. Scarlett não o machucaria e esta era uma escolha sua. A cada minuto que passava começou a relaxar e apreciar verdadeiramente o presente que lhe dava.

Ele viu a cabeça se movendo para cima e para baixo sobre seu pau levando-o até garganta, mas queria estar dentro dela, fodendo-a até que gritasse seu nome.

—Isso é o suficiente, doçura. Deixe-me ter um pouco de diversão com você. —Disse ele. Bain sentou-se, puxando Scarlett sobre seu colo, para que o montasse.

—Coloque-o dentro. Coloque meu pau dentro desta sua pequena boceta quente.

Ela moveu-se, o peito arfando enquanto forçava sua ereção dentro dela. Assim que entrou, ela sentou com força, gemendo e agarrando seus ombros. Estava tão apertada, era perfeito.

—Oh sim, você é uma boa garota. —Ele viu seus seios balançarem quando ela começou a se mover, levantando-se e



descendo, mais e mais. Os sons que fazia estimularam-no, suas bolas se apertaram.

—Faça-me gozar. Eu quero sentir você ordenhando meu pau.

Após quase levá-lo ao limite, ela desceu com força, sua respiração irregular.

—Eu não posso. Estou muito cansada. —Disse ela.

Ele sorriu, sabendo que era capaz de fodê-la toda a noite, durante todos os dias. Bain segurou seus quadris, virando-os até que enterrou seu pau profundamente dentro dela. Ele beijou seus lábios, lambeu e mordeu enquanto afastava os cabelos úmidos do rosto.

—É minha Scarlett. Faria qualquer coisa por você, posso fodê-la sempre que quiser e matar qualquer um que a machucar.

—Sim. —Ela murmurou, movendo-se sob ele.

—Faça-me sua.

Sua confirmação satisfez a fera dentro dele. Começou a estocar mais rápido, toda sua energia concentrada enquanto balançava os quadris como uma máquina, certificando-se de satisfazer sua mulher completamente.

Quando sua boceta começou a apertá-lo soube que ela estava perto.

—Goze para mim. Deixe tudo ir, doçura.

Assim que ela gritou e suas unhas se cravaram em suas



costas ele relaxou o suficiente para se soltar, derramando sua semente dentro dela. Foi um momento primitivo. Foi o primeiro dia que não mentiu para si mesmo, não se convenceu de que era um bastardo sem valor, não merecedor do amor.

Ambos estavam exaustos e deitaram-se um do lado do outro tentando acalmar a respiração. Quando ouviu alguém batendo em sua porta da frente, o som oco ecoando pela casa velha, ele saiu rápido da cama.

—Fique aqui. —Ele disse, sua respiração ainda rápida.

—Quem será?

—Eu não sei. Ninguém vem aqui. —Ele vestiu uma calça de moletom e pegou uma Glock da mesa de cabeceira.

—Não saia do quarto.

Bain desceu correndo a escada. Quem quer que esteja à sua porta teve sorte de não ter interrompido alguns minutos mais cedo ou ele realmente ficaria irritado. Suas barreiras desciam somente para Scarlett e continuava não dando a mínima para ninguém.

Ele abriu a porta, pronto para qualquer coisa, mesmo Boss, mas era Killian. Bain olhou ao redor e não viu mais ninguém com ele e apenas um veículo estacionado em sua garagem.

—Por que porra está aqui? E como conseguiu meu endereço?

Tinha Boss o enviado para limpar as pontas soltas e



matá-lo? Ele poderia tentar.

—Considere isso uma visita de cortesia. Um aviso amigável.

Este filho da puta era guarda-costas pessoal de Boss, então não havia como Bain confiar em uma palavra que dizia. Todos que trabalhavam para *Killer of Kings* eram leais à causa, incluindo Viper.

—Estou ouvindo.

—Eu não gosto de ver mulheres inocentes entrarem em nossa merda, mas Boss, ele não tem a mesma ideia. —Killian passou a mão pelo cabelo loiro escuro. Os lados foram raspados, a parte superior longa e penteado para trás. A cicatriz através de seu lábio superior sempre o fazia parecer que estava rosnando. Um homem muito bonito, porra.

—Se você tem alguma porra a dizer, diga.

Killian sorriu.

—Achou que sairia depois de dar um tiro em Boss?

—Foi um tiro limpo no ombro. Ele não parecia muito irritado. —Disse Bain.

—Você atirou nele, porra Bain. Isso não fica impune. Ele planeja se vingar na garota.

Bain franziu a testa. Aquele pedaço de merda disse que não mataria Scarlett, deu-lhe o restante do mês de folga. Ele sabia que se juntar a *Killer of Kings* foi um erro. Nunca tinha problemas enquanto trabalhava com contratos individuais.



—Ele mentiu para mim, então.

—Ele não irá matá-la. Você conhece o jogo. Olho por olho.

—Eu não o deixarei atingi-la tampouco. Pelo amor de Deus, não deixarei que fique perto dela. —Bain viu Boss atirar na mulher de Viper sem nenhuma emoção em seus olhos frios e mortos. Não havia como permitir que isso acontecesse com Scarlett.

Killian tirou um maço de cigarros, bateu o pacote até que um saiu. Acendeu e deu uma longa tragada.

—Não posso dizer que estou louco para isso. É por isso que eu estou aqui, certo?

Ele ouviu rumores sobre o assassino irlandês de Boss não gostar de ferir mulheres. Até agora, pensou que fosse mentira.

—Sabe, está visita não ajuda muito. Boss pode encontrar-nos em qualquer lugar. Se estiver decidido a ferir Scarlett, não irá parar até que consiga.

—Um homem pode ser convencido de qualquer coisa. Olhe para você...

—O que tenho eu? —Perguntou Bain.

—Boss o quis contratar por anos, disse que era o próprio diabo. Mas olhe para você agora, apaixonado por uma mulher que conheceu há alguns dias. —Killian soltou uma nuvem de fumaça, um sorriso malicioso em seus lábios



fodidos.

—Obrigado pela sua atenção, mas pode se foder agora. Se Boss der a ordem, diga-lhe que irei matá-lo antes de deixá-lo chegar perto da minha mulher.

Killian encolheu os ombros.

—Tenha uma boa noite, amigo. —Ele pisou no cigarro e entrou em seu carro, indo embora sem dizer mais nada. Bain observou a nuvem de poeira até que o carro desapareceu à distância na estrada. Realmente precisava investir em um portão da frente.

Bain cuspiu antes de fechar a porta. Descobriu que assim que encontrou algo pelo qual viver, o destino apareceu para foder com ele novamente. Boss, Killian e o mundo, poderiam pensar que ficou suave por causa de Scarlett. Porém, estavam errados.





CAPÍTULO

DEZ

Quatro dias depois

Scarlett esticou os braços acima da cabeça e olhou para o ventilador de teto. Na noite anterior outra fantasia com Bain se tornou realidade, ele ficou completamente à sua mercê. Amava como ele cedia, como gostava de ter sua boca sobre ele. Não havia como sequer imaginar o que sentiu como uma criança sendo forçado a cometer esses tipos de atos. Mas não queria pensar nisso.

As crianças deveriam ser protegidas, apreciadas, amadas, não usadas como brinquedos. Isso era o que ele foi forçado a suportar. Foram tratados como brinquedos, jogando algum jogo nojento. Sentada na cama, estendeu a mão e já sabia que iria encontrar o lugar de Bain vazio. Ele raramente dormia até tarde, nem dormia cedo também. Ela dizia a si mesma todas as noites que ela seria a última a cair no sono, e cada noite era a primeira a dormir. Não ajudava que ele passasse o que pareciam horas, acariciando seus



cabelos.

Cada toque prometia segurança e amor. Ela nunca conheceu o amor, não realmente.

Empurrando os cobertores, ela saiu da cama e pegou uma camisa indo procurá-lo. Toda manhã o encontrava na academia que montou. Encostou-se no batente da porta, com os braços cruzados enquanto o observava atacar um saco de pancadas. Ele usava uma calça de moletom e seu corpo brilhava de suor.

Desde o inesperado visitante, algo o incomodava e ela não sabia o que. Nos últimos quatro dias viu como ele estava distraído quando achava que não estava olhando. O que Bain não percebeu, era que estava sempre olhando para ele e sempre curiosa sobre o que estava acontecendo em sua cabeça. Michael foi embora. Sua vida passada ficou para trás e com Bain via um futuro para os dois. Era estranho, considerando que ele era um assassino contratado, mas havia coisas piores em um relacionamento.

—Você está linda assim. —Disse Bain, virando-se com um sorriso. Ele caminhou para ela, inclinando-se para pegar uma garrafa de água. No momento em que ficou na sua frente, pressionou um beijo em seus lábios, então se afastou para tomar um longo gole. Ela não resistiu em admirar seu pescoço enquanto engolia e então se sentiu um pouco excitada por observá-lo.

—Bom dia. —Disse ela.



—Bom dia.

Ela colocou a mão no peito dele. Seu coração estava batendo normalmente. Nem sequer se esforçou ainda.

—Esperava que você estivesse na cama esta manhã. — Ela moveu a mão pelo peito dele, descansando no cós da calça. Ele não estava usando cueca.

Ele cobriu a mão dela com a dele.

—Eu tinha algumas coisas que precisava fazer. —Ele não a impediu quando moveu a mão para dentro da calça e encontrou seu pau. No momento em que o tocou, seu pau começou a ficar duro. Ela amava isso. Qualquer dúvida que tivesse sobre eles deixava sua mente por causa de sua resposta ao seu toque.

—Algumas coisas que são mais importantes do que isso? —Ela passou o polegar sobre a ponta de seu pau, observando enquanto ele gemia. As veias no pescoço pareceram se destacar.

—Por que você sempre vem aqui primeiro?

—Preciso manter meu treinamento. —Ele moveu-a para que ela ficasse pressionada contra a parede. Sua mão estava na cintura, subindo para segurar um seio. Ela soltou um suspiro quando beliscou o mamilo e depois abriu a camisa. A garrafa de água caiu no chão, esquecida quando seus lábios puxaram o mamilo exposto.

Afundando os dedos em seu cabelo, ela viu quando lambeu o botão firme. Deslizou sua língua através do vale de



seus seios, observando-a todo o tempo. Não deixou o outro mamilo abandonado enquanto cobria com a mão, apertando a carne macia.

Ela apertou as coxas enquanto a excitação escorria entre suas pernas. Ele a mantinha em constante estado de excitação. Ansiava por seu toque mais do que pelo ar.

Aos trinta e seis anos de idade, nunca pensou em sexo tanto assim até que Bain a reivindicou como sua.

—Você está fazendo isso para me distrair.

—Está funcionando? —Ele perguntou.

—Não pode guardar seus segredos para sempre.

—Eu posso tentar.

Ela gemeu quando ele caiu de joelhos e levantou uma das suas pernas, colocando-a por cima do ombro. Seus dedos acariciaram o interior de sua coxa. Gritou quando ele encheu sua boceta com um único dedo, seu polegar acariciando o clitóris.

—Você quer minha boca nesta linda bocetinha? —Ele perguntou.

—Por favor, Bain.

—Eu amo quando você implora. Não há outro homem que dê o que eu dou. Apenas eu posso fazer você se sentir bem assim.

—Por favor. —Ela precisava de sua boca e então precisava de seu pau. Precisava ter algo porque não



conseguia pensar direito.

Sua língua tocou o clitóris e ela gritou. Ele colocou as duas mãos nos quadris dela, mantendo-a de pé. Sua boceta parecia vazia e ela o queria, apenas ele.

—Bain, por favor...

—Eu sei, doçura. Deixe-me cuidar disso para você.

Ela queria cuidar dele na cama deles. Olhando para sua cabeça, ela passou os dedos em seu cabelo curto quando ela começou a empurrar sua boceta contra sua boca. Ele a deixava tão devassa. Nunca tentou procurar seu próprio prazer antes. Bain moveu as mãos de seus quadris, apertando sua bunda com tanta força que sabia que haveria hematomas onde seus dedos estavam.

—Você tem um gosto tão bom. —Ele moveu a língua para baixo, enchendo sua boceta e fodendo-a. Quando estava perto do orgasmo, ele parou, voltando para seu clitóris, chupando e mordiscando o broto duro.

—Por favor, Bain. —Ela disse, mais uma vez.

—O que você quer doçura? Diga-me e darei a você.

—Eu quero você dentro de mim. Preciso de você.

Em poucos segundos a levou para uma das máquinas que usava para levantamento de peso. Ele sentou-se, em seguida, moveu-os para que ela estivesse sentada nele. Seu pau já estava duro e pronto.

—Me monte Scarlett.



Ela quis ficar sobre ele novamente por algum tempo, mas sempre se segurava por medo de perturbá-lo ou trazer de volta lembranças que ele preferia esquecer.

—Você tem certeza?

—Tenho certeza absoluta.

Envolvendo seus dedos ao redor de sua ereção, ela viu o pré-sêmen sair da ponta. Colocando a cabeça em sua entrada, olhou para ele e desceu o corpo sobre seu pau. Com cada centímetro que tomava dentro de si, via seus olhos parecerem um pouco mais escuros, as pupilas se dilatando e seu pau pulsando dentro dela. Sua reação desencadeou um novo tipo de poder do qual não queria desistir.

—Você não tem ideia do que faz comigo. —Disse ele.

Ele espalmou seus quadris, movendo-se até suas coxas, agarrando-as com força. Ela amava o quão grande e áspero suas mãos eram. Apenas a excitava mais com seu toque. Ele voltou para seus quadris e puxou-a para baixo tomando o restante dele para que estivesse ao máximo dentro dela.

Ela gritou. Ele não era um homem pequeno e seu pau neste ângulo parecia ir muito mais fundo do que antes.

—É onde eu sempre deveria estar. —Disse ele.

Lambendo os lábios secos, ela colocou as mãos no peito dele.

—Você está mentindo para mim, Bain. —Disse ela.

—Não fale sobre isso agora.



—Você usa o sexo contra mim o tempo todo. Acho que agora é o momento perfeito para descobrir o que o tem incomodado. —Ela gemeu quando ele beliscou seus mamilos, em seguida, acariciou-os com o dedo. Fechando os olhos, ela se deliciou com a pontada aguda de dor, mas não desistiu.

—Nós não precisamos falar sobre isso.

—Eu acho que sim. Na verdade, sei que precisamos falar sobre isso. Você não pode esconder de mim. —Ela moveu os quadris e viu quando apertou sua boca.

—Quem estava na porta?

—Você não ganhará isso, Scarlett. Vamos apenas aproveitar o momento.

—Bain, nós não nos conhecemos há muito tempo, mas mesmo nesse curto período, sei quando algo está incomodando você. Está treinando duro, mais do que aposto que já teve antes. Nós raramente saímos de casa e tem armas em todos os lugares. O que está acontecendo? Você não pode se esconder de mim ou do que está incomodando. Eu não quero que viva com medo.

Ela se moveu contra ele e lutou para não fechar os olhos, porque ambos ainda estavam excitados. Era uma loucura. Ele segurou-a com força e quando iria pará-lo para questioná-lo, ele assumiu o controle e a fez foder com mais força ainda. Puxou-a para cima e para baixo em seu pau, fazendo-a tomá-lo ainda mais.

—Eu não deixarei que eles a levem para longe de mim.



Toque-se, Scarlett. Deixe-me ver e senti-la se perder.

Ela queria negar, argumentar e dizer-lhe que não, mas em vez disso, se abaixou e acariciou seu clitóris enquanto ele continuava se movendo dentro dela. Deveria estar no comando, mas contra sua força e o prazer, não podia lutar contra.

Apenas alguns golpes em seu clitóris e ela desmoronou, gritando seu nome e gemendo enquanto ele se movia dentro dela. Não havia como ficar sem hematomas quando a abraçou com tanta força. Era quase como se estivesse com medo de deixá-la ir.

Em segundos, Bain se juntou a ela, inundando-a com seu sêmen enquanto seu pau pulsava dentro dela. Caiu em seu peito, recusando-se a se mover. Não se importava se eles fizessem o seu equipamento de ginástica ficar sujo. Não iria se mover, nem um centímetro.

—Eu fui um idiota. Atirei em Boss e agora, por causa do meu erro, ele virá atrás de você. Estou treinando para ter certeza de que posso protegê-la. É por isso que não durmo e porque tenho armas em casa. Estou me preparando para ele. Atacará quando eu menos esperar. Não posso deixar nada acontecer com você. Eu não irei.

Bem, ela não esperava por isso. Seus dias eram provavelmente numerados e quando ela olhou para Bain, viu o medo em seus olhos, o que era estranho vindo dele.





O aviso de Killian deveria ser levado a sério. Boss não era um homem que fazia as coisas pela metade e Bain sabia, sem sombra de dúvida, que iria atacá-lo e machucá-lo. A única maneira de conseguir isso era machucando Scarlett. Não deveria ter atirado nele e ele se arrependia disso, agora mais do que nunca.

Scarlett não disse nada a ele desde que lhe contou a verdade. Ela estava em sua cozinha, vestida com um dos muitos vestidos que comprou, o tecido moldando cada curva e excitando-o enquanto ela silenciosamente preparava o jantar.

Depois de fazer amor de manhã, ela desceu e tomou banho. Então ele a seguiu pela casa enquanto limpava tudo.

Ela estava mais quieta que o normal?

Porra, não suportava isso, sem saber seus pensamentos ou o que fazer.

—Fale comigo, Scarlett.

Ela olhou para ele.

—O que você gostaria que eu dissesse? —Ela perguntou.

—Tudo parece meio chato e bobo. —Ela riu.

—Apenas estou fazendo o jantar. —Ela inclinou a cabeça para o lado, olhando para a comida.



—Apenas fale comigo. Você pode dizer qualquer coisa, mas não me dê esse silêncio. Eu não aguento mais.

Mais uma vez o olhar dela estava nele.

—Estou tentando pensar nas coisas. Esse homem quer me machucar porque você atirou nele? Por que ele não atirou em você?

—Eu não sei. Boss não reage. Nunca o fez. Sempre fica quieto.

Ela despejou duas latas de molho de tomate na panela e se afastou. Com a mão no quadril, se inclinou sobre o balcão, olhando para ele.

—O que você quer que eu faça Bain? Você está com medo de Boss?

—Não! Eu não tenho medo dele.

—Então, do que você tem medo?

Ele olhou para ela.

—Você realmente não sabe?

—Sabe o que?

—Boss nunca me assustou porque nunca tive nada a perder, você não entende? Ele é... Ele é o dono da *Killer of Kings*.

—E isso o torna pior do que qualquer um de vocês? — Ela perguntou.

—Ele tem uma contagem de corpos que ninguém pode nem começar a imaginar. Matar é uma forma de arte para ele,



Scarlett. Lisa era apenas um número. Ele precisa fazer o trabalho não importa o que aconteça.

Lágrimas encheram seus olhos e ele odiou ter citado sua amiga.

—Eu nunca tive nada a perder e não suporto o pensamento de que algo aconteça com você, doçura. Eu não posso.

—Você não pode viver assim, Bain. Irá te matar. Precisa descansar.

Ele balançou sua cabeça.

—Não. No momento em que parar de ficar em guarda, ele virá atrás de você e eu disse, não posso tê-la longe de mim. Eu não vou... Não acontecerá.

Ela se virou para o fogão e ele viu quando colocou alguns temperos na panela.

—Eu nunca pensei por um segundo que poderia ser tão feliz. —Disse ela.

—Scarlett?

—Não, precisa me deixar falar. Eu já ouvi o suficiente do que você disse. Com suas próprias palavras, disse que Boss não irá me matar.

—Não.

—Ele apenas irá me machucar.

—Eu não deixarei isso acontecer.

—Seria tão ruim deixá-lo fazer isso? Deixá-lo fazer o que



quiser?

Bain apertou os dentes. Ele se levantou da cadeira e deu a volta no balcão, de modo que ficou na frente dela. Segurando seu rosto, ele a forçou a olhá-lo.

—Eu não a deixarei se machucar por minha causa.

Lágrimas brilhavam nos olhos dela.

—Viper, ele se machucou também, não é? —Ela cobriu as mãos dele com as suas. —Eu te amo, Bain. Eu sei que é uma loucura, mas eu te amo. Quero passar o resto da minha vida sendo feliz. Os últimos quatro dias foram perfeitos. Os melhores dias da minha vida até agora e dizer isso aos trinta e seis anos é meio triste. Você me faz feliz. Eu o faço feliz?

—Mais do que tudo. Você sabe disso. —Ele nunca pensou que seria feliz ou encontraria uma mulher em quem confiasse tanto quanto confiava em Scarlett. Era por isso que estava ficando louco com Boss. Normalmente, apenas acabaria com o homem, mas matar Boss vinha com consequências e não queria causar mais dor. Precisava esperar. Mesmo quando estava treinando, tentava descobrir como negociar com o diabo. O que poderia querer em troca de Scarlett? Deveria haver alguma coisa.

Killian era um tipo estranho de homem. Era um assassino endurecido, mas ao contrário de todos no negócio que Bain conheceu, Killian tinha moral. Havia trabalhos que não aceitava e até alguns que intervinha. Mais de uma vez Killian encontrou o lado ruim de Boss.



—Então me deixe fazer isso por você. Se Boss vier, então lidaremos com isso. —Ela ficou na ponta dos pés e deu um beijo na bochecha dele.

Seu celular tocou e interrompeu o momento. Olhando para baixo, ele viu que era Viper.

—Preciso atender.

—Continue. Terminarei o jantar.

Ele não foi longe. Sentando-se em uma cadeira na porta, observou Scarlett trabalhar enquanto atendia a ligação. Ela adorava cozinhar e ele nunca comeu tão bem em sua vida.

—O que quer me avisar agora?

—Para um homem que tem Boss em busca de vingança em suas mãos, achei que seria mais legal.

—Como você disse, eu tenho um bastardo em busca de vingança em minhas mãos. Eu não tenho o hábito de conversar de forma agradável.

—Você sabe que ele aparecerá —Disse Viper. —É só uma questão de tempo.

—Ele não chegará perto dela. Irei matá-lo, Viper. Tenha certeza disso.

—Por que você não deixa de ser uma boceta e liga para ele. Converse com ele.

—Por que eu faria isso? —Ele perguntou.

—Converse com ele. Boss é muitas coisas. É um assassino e um homem de negócios. Veja se há alguma coisa



que possa oferecer.

Bain fechou os olhos, de repente se sentindo extremamente cansado. Não estava dormindo bem e além das poucas horas que se permitia, estava começando a se desgastar.

—Foi para isso que ligou?

—Bain, outros assassinos estão apostando em quanto tempo você dura nesse negócio. Eles acham que Boss irá matá-lo. Não aceite isso, ok? Eu não quero perdê-lo.

—Nada acontecerá comigo. Eu ficarei bem. —Ele desligou o telefone, não querendo ouvir mais a voz de Viper.

Seu velho amigo tinha razão em algo. A única coisa que não fez foi conversar com o próprio homem. Que mal faria?

Scarlett ainda estava lidando com o jantar. Percorrendo seus contatos, encontrou o número de Boss e discou.

—Eu diria que, com o fato de você estar ligando agora, aposto que tenho que agradecer a Viper por isso, certo?

Era por isso que Boss estaria para sempre no topo da porra toda. Sabia merda que ninguém mais sabia.

—O que você quer para não vir atrás de Scarlett? —Ele perguntou.

Ouviu sua risada.

—Oh Bain, há momentos em que eu questiono porque queria você como parte do time. Você é sempre tão rápido para julgar.



—Ela não faz parte disso. Ela está comigo apenas.

—Sobre isso você está correto, mas veja, anos me ensinaram que uma maneira de transmitir uma mensagem é ferir os que estão perto da pessoa.

Bain fechou os olhos. Fazia anos desde que ele era criança, desde que pediu qualquer coisa.

—Por favor.

—Oh, o que é isso que eu ouço? Você está implorando agora, não é? —Boss riu, desta vez ainda mais alto do que antes. —Acho isso tão engraçado. Nunca pensei que uma mulher conseguiria fazer o duro Bain implorar.

—Farei qualquer coisa. O que for preciso, apenas não a machuque. Leve-me, foda comigo, eu não dou a mínima.

—Bain, eu sou o chefe. Eu digo o que acontece e quando, nada me impedirá de levá-la. Ela terá a minha marca e toda vez que a olhar saberá que você fez isso com ela.

Boss desligou e Bain gritou, jogando o celular pela sala observando-o se despedaçar.

Ele se virou quando Scarlett colocou a mão em seu ombro.

—Tudo bem. —Disse ela.

—Não. Não ficará bem. Ele segurou a nuca dela, puxando-a para perto. Beijando o topo de sua cabeça, tentou pensar em qualquer coisa que impedisse Boss de ir atrás



dela.

Porra! Porra! Merda! Porra!

Scarlett não disse mais nada sobre isso. Eles compartilharam o jantar, lavaram os pratos juntos e depois se sentaram para assistir a um filme. Nenhum deles falou sobre Boss ou suas ameaças. Bain pegou o telefone quebrado e o jogou no lixo.

Depois de assistir a um filme, ele a levou para o andar de cima e fez amor com ela. Mais uma vez tiveram a longa batalha de quem cairia no sono primeiro. Ele ganhou. Sempre ganhava e a observava dormir. Seus roncos leves eram música para seus ouvidos. Colocando uma mão nas costas dela, sentiu suas costas subindo e descendo com cada respiração.

—Eu a protegerei pelo resto de minha vida. Não posso perdê-la, Scarlett. Você é a única coisa boa na minha vida. A única coisa que quero manter.

Ele odiava ter estragado tudo, mas não havia como voltar atrás. Depois da vida que viveu, prometeu a si mesmo que não se sentiria impotente novamente e ainda assim, ali estava ele, impotente para salvar a mulher que amava.

Boss iria machucá-la e a menos que Bain pudesse encontrar algo para apaziguar o monstro, isso a marcaria pelo resto de sua vida. Ele sabia sobre cicatrizes. Tinha mais do que qualquer homem que conhecia e não queria isso para Scarlett.



Na próxima semana sua vida continuou a mesma, passando pelos mesmos movimentos. Dormiu por algumas horas, treinou, comeu, passou um tempo com Scarlett e depois comeram novamente, fizeram amor e a observou dormir.

O esgotamento era uma coisa horrível e na oitava noite, Bain perdeu sua batalha com Scarlett. Adormeceu e mesmo enquanto se afastava, prometeu a si mesmo que seriam apenas algumas horas.

Quando ele acordou, Scarlett não estava e havia uma nota na cama.

Ao pegá-la, Bain sentiu-se mal do estômago.

A vingança é um prato que se serve frio. Bons sonhos.

Boss XXX.





CAPÍTULO

ONZE

Scarlett se levantou no meio da noite para usar o banheiro. Em vez da suíte, usou o do corredor. Fez questão de ficar quieta porque Bain precisava dormir. Quando saiu do banheiro, um homem enorme vestido de preto envolveu um braço a redor de sua cintura, batendo a mão sobre sua boca. No início, ela chutou e lutou, até que percebeu o que estava acontecendo.

Este era o dia que Bain temia.

Scarlett via de maneira diferente. Era sua chance de dar paz ao seu homem, uma oportunidade para garantir que pudessem viver suas vidas com uma lousa limpa. Boss não iria matá-la, apenas machucá-la e não tinha medo da dor. Passou tanto com Michael, que se tornou imune ao abuso físico, aprendendo a ficar entorpecida.

O homem a forçou a passar pela casa, com a mão ainda sobre sua boca, não que ela gritasse. Se Bain acordasse, faria qualquer coisa para protegê-la, até mesmo ser morto e não se arriscaria a isso. Uma vez lá fora, no ar fresco da noite, ele a forçou a sentar no banco de trás de um carro e entrou ao



lado dela, batendo a porta.

—Cuidado como você lida com ela. Se Bain descobrir que a machucou, acabará com você. —Disse o motorista. Quando o carro se afastou da antiga casa de fazenda, não pode deixar de pensar em Bain dormindo em sua cama. Ela o amava tanto. Embora estivesse feliz que pudesse finalmente acabar com esse pesadelo, não podia deixar de se sentir nervosa. Boss foi descrito como um monstro sem alma, capaz de qualquer coisa. E se não apenas a machucasse, mas a torturasse? Seus nervos dispararam quando imaginou algumas das coisas horríveis que viu em séries criminais.

—Não está gritando? Isso é bom. Eu estava prestes a tirar minha seringa para derrubá-la. —Disse seu sequestrador.

Eles dirigiram em silêncio. Silêncio constrangedor. Tinha tantas perguntas, mas estava com medo de falar. Ela se lembraria de Boss em qualquer lugar, mas ele não estava ali. Estes eram os assassinos, mas provavelmente não estavam autorizados a machucá-la.

—Você não é Boss. —Ela finalmente disse.

—Estava esperando por ele?

—Na verdade sim. Então não precisa se preocupar em me derrubar.

—É bom saber. —Disse ele. O homem olhou para o relógio.

—Você verá Boss em cerca de dezoito minutos.



Ela sentou-se e tentou manter a feição neutra. Não havia como dar a esses idiotas a satisfação de ver seu medo. O motorista nada mais falou e o cara ao lado dela olhava seu celular, ignorando-a. Ela observou o ambiente sombreado enquanto dirigiam, tentando memorizar para onde estava indo. Ficou surpresa por eles não a terem a vendado e a amordaçado. Isso a fez se perguntar se era uma viagem apenas de ida.

Quando se aproximaram da marina da cidade, seu coração disparou. Por alguma razão, pensou que iria para a casa de Boss, uma mansão superfaturada nos subúrbios. Isso era muito pior. Mas lembrou a si mesma que Boss não iria afogá-la, porque isso era sobre vingança, não assassinato ou assim esperava.

—Traga-a para dentro. —Disse o motorista depois de entrar na marina deserta, cercada por contêineres. Eles estavam isolados, mas ela precisava ser corajosa. Isso não era diferente de fazer a entrevista com Semenov sozinha. Faria o que era preciso, colocando suas próprias inseguranças ao lado.

O sequestrador abriu a porta e apontou para longe do carro para que saísse. Scarlett fez como foi dito. A pior parte disso provavelmente era estar com seu pijama de gato.

Eles a levaram para uma escada de metal em um dos edifícios para o andar superior. Era algum tipo de sala de controle com janelas de parede a parede, observando as docas e áreas de carga. Tudo estava deserto. As luzes da sala



estavam apagadas, apenas o brilho das luzes do lado de fora se filtrando por dentro. Quando ouviu uma porta se fechar, ela se virou e viu que o sequestrador saiu.

—É bom vê-la novamente.

Ela olhou ao redor, não encontrando a fonte daquela voz profunda. Então uma luz se acendeu e ela viu Boss sentado em uma cadeira no canto mais distante. Ele se levantou e caminhou casualmente em direção a ela. Estava todo de preto, sua camisa parcialmente desabotoada revelando uma parte de suas tatuagens. Hoje, seus longos cabelos negros estavam presos em um rabo de cavalo baixo.

—Você conseguiu o que queria. —Disse ela, certificando-se de que sua voz não tremesse.

Ele balançou sua cabeça.

—Não sou um monstro, Scarlett. Apesar do que ouviu, sou apenas um empresário fazendo um trabalho.

A pesquisadora nela queria conhecer sua história, como ele conseguia administrar um império ilegal tão massivo. As pessoas a fascinavam, bem e mal. Sua vida deve ter sido tão trágica quanto a de Bain, talvez pior ou ele era um psicopata completo?

—Os empresários não infringem a lei. —Disse ela.

Ele riu.

—Pensei que você fosse mais esperta do que isso. Já conheceu um homem de negócios honesto? Eles estragam o



sistema, vendem suas almas pelo todo-poderoso dólar.

—E você? —Ela perguntou. —Como você é diferente?

—Nunca disse que sou. —Ele piscou, caminhando para o enorme painel de controle.

A mente de Scarlett estava trabalhando rápido, tentando pensar em maneiras de fazê-lo deixá-la ir.

—Arrombar e entrar tem penas muito duras. —Disse ela, percebendo como sua ameaça era em vão para o assassino.

Ele zombou.

—Eu possuo a marina, Scarlett. Possuo mais do que você pode imaginar. Tenho mais dinheiro, propriedades e bocetas do que qualquer homem poderia querer.

—Isso faz você feliz?

Ele sorriu, inclinando-se contra o balcão para olhar para ela.

—Você é esperta. E a repórter em você é forte. É a razão pela qual eu disse a Bain para matá-la. Sabia que seria um problema.

—Eu o amo. Não faria nada para causar problemas, mesmo que ele seja um assassino.

—Interessante.

Ele estalou os dedos e um arrepio percorreu sua espinha.

—Você não precisa me machucar. —Disse ela. —Bain



estava apenas me protegendo e lamenta o que fez com você. As pessoas cometem erros, sabe.

—Ah, o tiro. —Ele desabotoou a camisa e puxou o tecido sobre um ombro. O homem era todo musculoso e não havia como esconder a cicatriz enorme onde Bain atirou nele. Ela se encolheu.

—Outra para minha coleção.

Ela respirou fundo.

—Bem. Atire em mim como pagamento pelo erro de Bain. Isso fará você se sentir mais homem? Achei que alguém em sua posição seria além de competições irritantes.

Scarlett esperou que ele atacasse, se preparando e não dando mais a mínima.

Boss puxou a camisa de volta, rindo alto. Risada genuína.

Que porra está acontecendo?

—Eu gosto de você, Scarlett. Você tem mais bolas do que alguns dos meus homens. E conheço Bain. Ele é uma cabeça dura e se machucá-la, não irá parar até que me mate. Mas tenho uma reputação a defender e a fraqueza é como sangue para os tubarões.

Ela poderia oferecer-lhe outra coisa, mas ela não tinha nada. Scarlett não tinha dinheiro nem status e não lhe daria seu corpo.

—Não tenho nada para negociar. Já passei por muitas



coisas, então o que você precisa, simplesmente faça.

—Você passou por muita merda, não é? O que foi pior, as surras ou o aborto espontâneo?

—Foda-se.

—Animada. —Ele sorriu.

—Eu não pensaria que você seria uma boa parceira para Bain. Então novamente, depois do que ele passou, realmente não acho que ficaria com uma mulher por mais de uma noite.

—Você sabe sobre ele então?

—*Killer of Kings* sabe de tudo e querida, eu sou *Killer of Kings*.

—Então por que você quer que ele sofra mais do que já fez? As coisas pelas quais passou não são reais. Eu entendo que precisa manter sua imagem, mas merda, você não tem um coração?

Boss olhou para ela, sem emoção em seus olhos neste momento. Ela esperava mais risadas, mas sua personalidade aparentemente poderia completar um total de 360 graus em um piscar de olhos.

—Você é corajosa. —Disse ele.

—Sou pesquisadora... Ou eu era. Há certas coisas em que acredito e isso inclui defender o que é certo. E desde que conheci Bain, também acredito em proteger quem amo. Você me sequestrou, mas eu teria vindo por vontade própria.

Ele bateu palmas devagar, metodicamente. Ela estava



hipnotizada, toda a cena estranhamente perturbadora.

—Eu poderia usar uma mulher como você.

—O que isso significa?

—Não é o que está pensando. —Disse ele.

—Estou falando de trabalho. Você é boa em pesquisa, inteligente, ter caráter. Estou surpreso que não tenha subido mais no seu trabalho. Ouvi dizer que seria demitida.

—Sim. —Disse ela, amaldiçoando seu antigo patrão.

—Eu era o cérebro por trás de metade das notícias, mas nunca recebi crédito por causa da minha idade, meu peso, minha aparência. É frustrante.

—Imagino que sim. Felizmente, não seguimos os mesmos padrões no *Killer of Kings*. Merda, você viu alguns dos meus homens, a maioria deles está fodido. Se fizerem bem o seu trabalho, é tudo o que me interessa.

Scarlett ficou estranhamente intrigada. Ela nunca foi apreciada no trabalho e sabia que ter outra oportunidade como repórter seria o mesmo drama, a mesma imagem de besteira em que não se encaixava. Ela se atrevia a aceitar uma oferta de Boss? Ele estava mesmo oferecendo-lhe alguma coisa?

Ela ouviu uma briga do lado de fora da porta que chamou a atenção de Boss. Ele puxou uma arma da parte de trás de sua calça.

—Afastese da porta. —Disse ele.



Scarlett fez o que disse, não querendo entrar no meio de um potencial fogo cruzado. A porta se abriu e seu sequestrador, outro cara grande e um dos homens da casa de Michael entraram todos com armas desembainhadas.

—Por que vocês três idiotas estão aqui? Eu não disse que queria ficar sozinho com nossa convidada especial?

—Boss seu problema é com Bain, não com a garota.

—Killian, você está realmente provando ser uma dor de cabeça. —Disse Boss. —E sua lealdade está ficando questionável. Por que não espera no SUV como eu lhe pedi?

—Sabe que faria qualquer coisa por você, mas às vezes eu não posso ficar quieto. Como agora.

Boss estendeu os braços, uma mão segurando a arma.

—Estou sendo um cavalheiro. Ela parece ferida? Está em perigo? Não. Estamos conversando como pessoas civilizadas. Agora dê o fora antes que me irrite.

Dois dos homens saíram ao comando, mas Killian ficou.

—Bain virá por ela em breve.

—Seu ponto?

—Ele irá matá-lo dessa vez, uma bala no coração. Talvez um tiro na cabeça. —Disse Killian antes de sair.

Scarlett sentiu-se como uma pessoa de fora olhando para dentro. Ela não queria que Bain fizesse algo estúpido que pudesse matá-lo. Certamente Boss poderia ser apaziguado. Então novamente, ele matou Lisa a sangue frio.





—Ela se foi! —Bain gritou.

—Bain?

Era pouco depois das cinco da manhã, então ele imaginou que Viper estava dormindo. Seu alarme disparou, em vez de encontrar Scarlett na cama ao lado dele, encontrou um bilhete. Boss a tinha e apenas Deus sabia o que o bastardo planejava fazer.

—Boss tem Scarlett. Eu não tenho a menor ideia de onde ele a levou.

—Você sabia que isso aconteceria. —Disse Viper.

—Ele quer nivelar o campo de jogo. Nunca deveria ter atirado nele.

—Eu já sou um monte de problemas e não preciso ser lembrado, porra.

Bain sentiu-se como um tigre enjaulado, andando de um lado para o outro com uma energia volátil aumentando a cada segundo. Boss entrou em sua casa, passou pelo sistema de segurança e tirou a mulher de debaixo do seu nariz. Ele se sentia como um fracasso, impotente e também pronto para trazer uma tempestade de dor para Boss.

—O que você quer de mim? Estou fora dessa vida, além



disso, Boss não ouvirá nada que eu tenha a dizer.

—Apenas preciso saber onde ele a levou. —Disse Bain.

—Estive na casa dele, mas está a horas de você e duvido que a leve para lá. Pense nisso antes de fazer algo estúpido.

—Quem saberia onde ele a levou? —Perguntou Bain.

—Killian é o único que está vigiando suas costas. Ele provavelmente saberia.

—Ok, falo com você mais tarde. Tenho essa merda para lidar...

—Eu não o deixarei ir sozinho. Você é muito impulsivo para o seu próprio bem. Encontre-me na velha igreja fora de Tobermory em uma hora. Eu darei cobertura.

Bain desligou o celular sobressalente e jogou na cama. Sua mente estava focada em uma tarefa. Ele ficou obcecado com o momento por mais de uma semana, e no segundo em que baixou a guarda, o inimaginável aconteceu. Depois de uma vida inteira de horrores, finalmente tinha algo pelo qual valia a pena, apenas para perdê-lo com a mesma rapidez.

Bain tomou banho, vestiu-se e começou a arrumar seu arsenal. No momento em que deixou sua casa, estava tão armado, que era uma máquina de matar de um homem só. Encontrou Viper na antiga igreja. O sol estava surgindo agora, o céu se transformando de azul-marinho a azul-claro. A cidade ao longe era enorme, abrigando milhões de pessoas. Onde estava Scarlett?



Ambos saíram de seus veículos.

—Ei, como você está? —Perguntou Viper.

—Lembra quando foi à Corporação Henshaw para matar Bernard Sutherland? Você mudou. Estava pronto para fazer qualquer coisa por Pepper, por uma mulher. —Disse Bain.

—Pensei que tivesse ficado fraco, esquecido seu treinamento, perdido a porra da sua mente. —Ele riu. — Agora eu entendo.

—Nós a recuperaremos, Bain. Boss é louco, mas não é burro para matar sua mulher. Quer que trabalhe para ele. Você é rude, mas é muito bom no que faz. Ele sabe disso.

—Se a machucar...

—Vamos pegá-la de volta. —Repetiu Viper. Ele pegou o celular e discou um número.

—Killian? —Viper entregou a Bain o telefone.

—Onde está Scarlett? —Ele gritou.

—Agora mesmo? Viva. Por quanto tempo, eu não sei.

—Onde ela está porra?

Killian suspirou ao telefone.

—Você sabe que eu não posso te dizer isso, mas farei o que puder para tentar impedir que Boss a machuque. É tudo que posso fazer.

—Por que você dá uma merda?

—Eu não, mas ela é inocente. Se alguém deveria ser



açoitado, é você, não ela. Houve silêncio na outra linha.

—Menos de dez minutos de distância? Não é inteligente. Você deveria ficar longe, se quiser que sua garota viva. Se aparecer, Boss ficará irritado e sabe o que isso significa.

—Está nos seguindo, seu idiota? Vigie suas costas. — Bain desligou o telefone.

—Você deveria voltar para sua esposa, Viper. Queria sair desta vida e eu não quero arrastá-lo de volta.

—Você é a única pessoa que me interessa além de Pepper. Como eu disse antes, sempre estarei aqui para você.

—A merda está prestes a ficar feia. Você provavelmente está enferrujado e isso é importante demais para mim.

Viper franziu a testa, balançando a cabeça.

—É como andar de bicicleta. Você nunca esquece. —Os freios do carro guincharam na estrada ao lado deles e as portas se abriram, perturbando o silêncio matutino.

—Vamos. —Disse Viper.

O tiro soou e o primeiro corpo do dia bateu no chão com um baque. Bain olhou para Viper, mas seu amigo já estava mirando no próximo cara.

Um segundo carro parou e os assassinos se escondendo no lado oposto do veículo. Bain e Viper se abrigaram no arco da igreja.

—Assim como nos bons dias. —Disse Bain.

—Eu senti falta disso. Não conte a Pepper.



Eles riram juntos e Bain não tinha certeza se ele estava mais perto de chorar. Se Boss mandou esses idiotas para matá-los, talvez Scarlett já estivesse morta.





CAPÍTULO

DOZE

—Quer que eu trabalhe para você? —Scarlett perguntou.

Boss assentiu.

—Eu fiz muita pesquisa sobre você. Seria demitida do seu trabalho e aquele idiota realmente achou que poderia fazer as coisas sem você. —Ele estava falando sobre o chefe dela.

—Sabia que nas últimas semanas seu jornal teve um declínio maciço nas vendas?

—Verdade?

—Sim. Você não estava por perto para fazer as pesquisas e agora as pessoas começarão a perceber a verdade, que perderam seu melhor trunfo.

—Mas eu nem sou repórter. Por que quer que eu trabalhe para você? —Nada disso fazia qualquer sentido.

—Repórteres são como parasitas. No momento em que farejam uma história, simplesmente não conseguem se controlar. Sentem o cheiro de algo ruim mesmo antes que um maldito cachorro o faça e os repórteres raramente são



influenciados. Você não é uma repórter, nunca foi. É uma pesquisadora, o verdadeiro cérebro por trás das histórias. O que a manteve interessada em Bain no começo, foi entender a história dele, estou certo?

Ela lambeu os lábios e desviou o olhar.

—Não se preocupe Scarlett. Nenhum de nós tem segredos aqui. Você ficou intrigada com Bain e depois se apaixonou por ele. Descobriu segredos que eu provavelmente nem conheço.

—Você disse que sabe tudo.

—Estou falando sobre a merda pessoal. Eu sei o que aquele garoto passou desde criança até quando era um homem. Entendo e sinto a dor dele Scarlett.

Boss se inclinou contra o console, permanecendo perfeitamente imóvel. Ela nunca viu alguém tão equilibrado antes. Ele emanava confiança e força.

—Veja, a coisa sobre os repórteres é que eles estão sempre lá. Não importa o quanto tente combatê-los. Podem passar pela segurança e muitas vezes convencer as pessoas a conseguir o que querem ou simplesmente se misturar à multidão. Não quero que você volte à sua vida de reportagem. Quero que trabalhe para mim, mas para fazer o que faz melhor, obter as informações que preciso e sair. Você é muito boa em descobrir, e essa informação é sempre valiosa na minha linha de trabalho.

Scarlett odiava saborear os elogios sobre seu trabalho.



Ela nunca realmente conseguiu elogios no trabalho, mas saber que alguém via o quanto tinha valor era muito bom.

— Se eu fizer isso...

—Ficaremos quites. —Disse Boss, interrompendo. —Eu fui baleado, então agora quero algo em troca. Recrutando você, tendo-a sob meu controle, lidará com possíveis rumores de que estou enfraquecendo. Não preciso lidar com essa merda.

—Você deve ter acesso ao topo da informação já.

—Às vezes preciso de coisas básicas e como você pode ver pelos meus homens, eles não se misturam bem. Metade das mulheres quer transar com eles.

Ciúme bateu forte. O pensamento de outra mulher tocando Bain à fez ferver. Se fizesse isso, ajudaria Bain e a eles. Ela também gostava que seu trabalho fosse realmente apreciado, porque ser uma repórter foi seu sonho de infância.

—Não matarei ninguém.

—Querida, eu tenho profissionais para isso.

—Então, eu faço isso e ninguém mais se machuca? Não há ressentimento contra Bain?

—Oh, eu queria mais uma coisa, mas já consegui. — Disse Boss, segurando o celular.

—Acabei de receber uma mensagem de Viper.

Ele apertou um botão e a voz distorcida de um homem passou pela linha.



—Porra Boss, eu lhe disse para deixar a porra da mulher em paz. Esta é a única chance de Bain de sobrevivência. Se alguma coisa acontecer com ela, você perderá para sempre. Vou perdê-lo. Olha, voltarei para consertar isso. OK? Farei mais alguns trabalhos...

Boss clicou no botão desligar do celular.

—Tudo o que é preciso é um pequeno empurrão na direção certa para conseguir o que você quer.

O eco dos tiros a fez recuar um pouco. Ela estava tão interessada na conversa que esqueceu todo o resto. Foi puxada para um mundo diferente e seria preciso muito mais antes de ficar acostumada a esse caos.

—Eles chegaram um pouco cedo. Parece que você é muito amada, Scarlett. Colocar Michael em um túmulo foi um trabalho bem feito e que valeu a pena.

—Você matou Lisa.

—*Killer of Kings* é a minha vida. Eu sempre farei o que precisa ser feito. —Ele disse. Boss respirou fundo, afastando-se do console.

—Eu sinto muito que tenha perdido seu bebê. Eu sei que deve ter sido difícil.

—*Quem era esse homem?* Em um momento era um monstro, no seguinte, oferecia suas condolências a um bebê que ela nunca teve a chance de segurar, mas ainda amava.

—Bain seria um bom pai. —Disse Boss. —Por favor, não leve isso para o lado pessoal. —Ele pegou sua arma e



apontou para a cabeça dela.

Sua conversa civilizada chegou ao fim.

A porta se abriu e lá estava seu homem. Ele parecia feroz, mas no momento em que avistou a arma contra sua cabeça, parou. Ela viu medo em seus olhos.

Viper e o homem que estava com ele antes na casa de Michael, também entraram.

—Sabe, se você tivesse esperado algumas horas, eu iria devolvê-la. —Disse Boss.

—Corte a besteira, Boss. Apenas me diga o que você quer e eu darei a você. Quer mais mortes limpas? Eu o farei. Apenas não a machuque. —Ela ouviu a dor na voz de Bain e viu a preocupação em seus olhos. Bain realmente a amava e vê-la assim estava machucando-o. Ela faria tudo e qualquer coisa por ele.

Boss suspirou e retirou a arma da cabeça dela.

—Agora que estamos todos aqui, acho que é fácil dizer que consegui o que queria. Viper concordou em voltar e eu já tenho vários trabalhos alinhados. Scarlett aqui concordou em ajudar na coleta de informações.

—Você não usará minha mulher em seu maldito trabalho. Ela não é uma assassina, porra.

Scarlett foi até Bain, colocando a mão no peito dele enquanto sorria.

—Eu quero ajudar.



—Você não é uma assassina. —Disse ele.

—E não matarei ninguém. —Ela se virou para Boss. — Eu não ajudarei a matar pessoas inocentes.

—Eu não sou idiota, Scarlett. Apenas quero que você lide com as pessoas mais... Perigosas. Tenho certeza de que Bain garantirá que não se machuque. —Disse Boss.

—Seu filho da puta. Apenas aproveite sua chance de me derrubar e a deixe fora disso. —Bain estendeu os braços, uma arma em cada mão.

Ela colocou a mão no braço de Bain, impedindo-o de fazer algo do qual iria se arrepender. Era louco o suficiente para se sacrificar por ela e o amava ainda mais por isso.

—Está feito. Acabou. Não irei me acomodar, Bain. Farei o que amo. Por favor, vamos para casa. Acabamos aqui. — Disse ela, olhando para Boss. —Acabamos aqui?

—Estamos bem por agora. E quero um convite para seu casamento. Alguém precisa levá-la ao altar.

Scarlett viu que de uma maneira disfuncional, ele se importava.

Bain passou os braços ao redor dela e sem outra palavra, foram embora. Ela olhou para trás e viu Boss observando-os. Havia algo em seu rosto. Foi apenas por alguns segundos, mas parecia inveja. *Era inveja?* Não, não poderia ser. Boss era um monstro cruel que apenas se importava com poder e dinheiro. Ele a recrutou e agora trabalhava para o *Killer of Kings*.



Mesmo que Bain tenha desaprovado, estava realmente animada com seu novo papel. Sentar-se em casa o dia todo enquanto Bain saía e fazia a coisa dele não era para ela. E não gostava da ideia de mulheres caindo sobre ele como Boss insinuou. Se pudesse ajudar, então isso era exatamente o que queria fazer. Viveria seu sonho, ganharia o crédito que ansiava e viveria sua vida com um homem que a amava e respeitava. O que mais poderia querer?

No momento em que estavam perto do carro de Bain, ele jogou as armas no banco de trás e segurou o rosto dela.

—Você tem alguma ideia do quanto eu estava com medo? —Ele perguntou. —Nada pode acontecer com você.

Lágrimas encheram seus olhos e ela sorriu para ele.

—Nada aconteceu comigo.

—Você fez um acordo com o maldito diabo, Scarlett. Tem alguma ideia do que isso significa?

—Isso significa que você e eu estaremos juntos mais um dia. Isso significa que não perderá nada e não terá que olhar para mim sentindo que falhou. Eu te amo mais do que qualquer outra coisa no mundo e se tivesse que vender minha alma ao diabo, faria isso por você sem hesitação. —As lágrimas dela desceram por suas bochechas e segurou-o firmemente, sem querer deixá-lo ir.

—Eu te amo tanto, Scarlett. Nunca soube o que era amor até tê-la. —Ele envolveu seus braços ao redor dela e beijou seu pescoço. Ela deu um suspiro de alívio ao tê-lo



novamente em seus braços, vivo e bem.

—Tudo ficará bem. Eu prometo. —Ela se afastou um pouco e beijou seus lábios. —Você veio por mim.

—Claro que sim. Eu nunca deixaria de vir. —Bain a segurou perto quando se virou para Viper.

—Obrigado. Quer dizer, obrigado por tudo.

Viper encolheu os ombros.

—Sentado atrás de uma mesa o dia todo perdeu seu apelo. Eu não acho que Pepper se importará muito. Ela sugeriu que eu entrasse em contato com Boss. Claramente sabe que eu não fui feito para ser um marido e pai padrão.

—Ela está grávida? —Perguntou Bain.

—Sim, ela está. Nós não sabemos o que é ainda, mas porra serei pai!

Scarlett ficou feliz por eles.

Bain olhou para ela e sorriu.

—Um dia teremos nossas próprias boas notícias para compartilhar. —Ele beijou o topo de sua cabeça.

—Você quer um bebê?

—Eu quero o que você quiser. Houve um tempo em que eu não achava que seria bom para uma criança, mas com você, eu sei que seria o melhor em tudo que me propor a fazer.





Três meses depois

—Não se atreva a vir aqui! —Scarlett gritou para ele quando tentou abrir a porta do banheiro.

—Este também é meu momento, mulher. Eu deveria estar aí com você. —Disse Bain colocando a mão na porta. Ele não queria ficar longe dela, Scarlett era sua vida, seu ar, seu tudo. Este foi um grande passo para os dois.

—Você não me verá fazer xixi em uma varinha, Bain.

—Você acha que eu não vi pior? —Ele perguntou.

—Eca, eu não preciso ouvir sobre essas coisas agora. Quero que você me veja como sexy e isso não é sexy. É nojento.

Ele sorriu e se encostou à parede. Batendo os dedos contra a perna dele, soltou um suspiro. Sua infância foi um fracasso e o pensamento de ter um filho, uma família, era mais do que sonhou ser possível.

—Você não fez xixi ainda?

—Cale a boca, Bain. Você não deveria ser um assassino furtivo e tudo isso? Seja paciente.

—Acabamos de voltar de uma missão, querida. Eu quero abraçá-la e estar com você.



Ele estava apreensivo sobre Scarlett trabalhar para Boss. *Killer of Kings* não era conhecido por ser o lugar ideal para uma mulher, especialmente para alguém como Scarlett. Nos últimos três meses, ela provou que estava errado. Ele era o músculo, o assassino e ela tinha uma maneira de encontrar informações mesmo do nada. Bain perdeu a conta do número de vezes que ele burlou a vigilância e ela passou encontrando tudo o que Boss precisava.

A porta se abriu e lá estava ela. Parecia um pouco pálida. A calça jeans e a camisa que usava moldavam suas lindas curvas e isso o fez querer fodê-la ali mesmo. Ela segurou a mão dele e os dois ficaram olhando para a varinha.

Ele girou a aliança ao redor do dedo e sorriu. De um jeito estranho, estava feliz por finalmente ser possuído por ela, sentir o seu amor.

—Então, como sabemos se isso é uma boa notícia ou ruim?

—Não é uma má notícia, nem um pouco. Nós teríamos que tentar de novo. —Disse ela.

Bain amava seu entusiasmo e sua positividade. Ela era uma lufada de ar fresco em sua vida.

—Uma linha nós tentamos novamente. Duas linhas, nós conseguimos. —Ela apertou a mão dele e ele a segurou com a mesma força. Este era o momento deles e esperava mais do que qualquer coisa que tivesse dado a ela o que queria.

Ele também queria.



Uma vida com ela, uma família, um bebê. Seu peito se apertou com o pensamento e por uma fração de segundo entrou em pânico, com medo de algo estar errado com ele. E se não pudesse dar o que ela queria? E se ficou louco por causa de tudo o que aconteceu com ele?

—Oh meu Deus! —Ela gritou.

—Duas linhas. Estamos grávidos, Bain. Nós estamos grávidos. Teremos um bebê!

Ela se jogou em seus braços e começou a chorar. Estas não eram lágrimas de tristeza, eram lágrimas de alegria. Era como se toda a dor que sofreu de seu aborto fosse curada por esse momento, esse novo começo.

Eles seriam pais. Ele seria pai.

Os monstros em seu passado ficariam lá. Ele seria o melhor pai e marido do mundo.

—Eu te amo, Scarlett.

—Eu também te amo. Isso não significa que não podemos continuar treinando. —Ela piscou para ele.

Bain balançou a cabeça, levantando-a, e levou-a para a cama.

—Não. Não acontecerá. Esse pau está fora de ação até que o médico diga o contrário. Nos próximos meses, esteja preparada para ser mimada.

Ela riu.

—Então viverei uma vida normal, apenas olhando-o



agora?

Ele riu.

—Eu sou o homem mais sortudo por ter você.

—Não Bain, eu tenho sorte, porque você é a melhor pessoa que conheço.

Fim



Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuimos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria.
Seja esperta (o).

